

Revista de cultura trasmontana e duriense



Revista Tellus
Câmara Municipal de Vila Real

Caramulo, crónica romanceada de A. Passos Coelho – Uma crónica do desejo

António Cabral

Se neste livro de mais de 500 páginas de texto nos situarmos na página 461, ficamos a saber que pelo começo dos anos 50 do século passado se realizou na Estância Sanatorial do Caramulo um Encontro Nacional de Pneumotisiologistas com um programa aliciante. Encontro perfeitamente justificado pois era nessa estância que trabalhavam os melhores tisiólogos do país entre os quais uma sumidade, o Dr. Manuel Tápia, exilado de Espanha durante a Guerra Civil, e autor dos 4 volumes do Tratado de Tisiologia. António Passos Coelho foi doente no Caramulo; de lá trouxe boas informações e, na medida do humanamente possível, ótimas recordações. Num complexo de 16 sanatórios mais uma casa de saúde, tudo com lotação para 1000 doentes que tentam sobreviver nas curas de repouso, encharcados de Rimifon e estreptomina, alguns com esperanças tímidas, outros a aproveitar e a suportar o tempo de ir morrendo, pouco a pouco – num meio destes a vida também tem sentido, um sentido que não se limita às quatro paredes dum quarto, dum consultório, dum refeitório ou galeria de cura, pois o que há de espírito em cada um de nós inclina-se a resistir.

É na resistência, que muitas vezes não passa de um debater-se contra a dor e a memória, que os doentes internados se afirmam, como Ramiro, o protagonista, herói e motor da acção de “Caramulo”, uma personagem que cada vez mais se revela um reflexo e prolongamento do narrador. Este ora assume em relação a

Ramiro uma focalização omnisciente ora subjectiva, identificando-se com ele, adoptando a visão que ele terá do que se lhe depara. Isso acontece nos três grandes espaços da obra: a aldeia transmontana de Valnogueiras, e Vila Real onde o protagonista completa os exames de 7 anos liceais em apenas 3 de estudo, o que gravemente o fatigou; Lisboa e a Faculdade de Medina, onde ganha um dos maiores amigos, o Cunha, e na pensão a hospedeira Olívia, a qual lhe prestará cuidados e atenções que sempre reconhecerá; e a Estância do Caramulo onde ele molda verdadeiramente a sua personalidade no duplo cadinho do sofrimento e do amor, um amor que de tudo o liberta, um amor chamado Marta, rapariga belíssima, tísica igualmente, que tinha 22 anos oferecidos aos seus 26.

É a relação com Marta e com os amigos do Grande Sanatório que transforma sobretudo a crónica num óptimo romance; é aí que ele começa a ganhar altura verdadeiramente literária, qualidade sem dúvida bem suportada pelo que no longo texto é apenas crónica. Mas a luta corpo a corpo com a doença, os momentos de obnubilação e lucidez, toda a tensão que lhe electriza a mente e proporciona ao texto a auto-contemplação, as sínteses descritivo-reflexivas, um arremessar-se no futuro, aquilo a que A. Gide chama representação *en abyme*, isso bem entendido traz dentro uma grande carga de literariedade. Marta, “a menina dos olhos insinuantas”, segundo uma boa caracterização de Amâncio, um dos grandes amigos de Ramiro, era só por si uma página de sol. E, sem ela, depois de a conhecer, podemos perguntar se ele suportaria a depressão que o atingiu nas curas de repouso, tão sensível e vulnerável que era, e se iria sobreviver à operação dolorosa do pneumotórax extrapleural a fim de colapsar a caverna do pulmão. Sobreviveu, sim: Marta foi amparando essa sobrevivência.

Os amigos doentes de Ramiro deviam-lhe conforto e esclarecimentos médicos, não fosse ele um finalista de Medicina aliás muito bem classificado, a quem faltavam duas cadeiras, por ter de ser internado urgentemente, mas o quase médico devia-lhes a eles a companhia necessária antes de Marta e que se prolongou depois com o gosto dela própria. Diga-se a propósito que no sanatório se vivia numa comunidade obrigatoriamente solidária na observância do regulamento, dado o impiedoso inimigo a enfrentar. Dentre os amigos de Ramiro que o narrador cita, eu distinguirei: Flávio, que tinha um cágado por mascote; Amâncio, de Freixo de Espada a Cinta, a quem baptizaram de Estagiário Cadavérico, dado o estado avançado do doença, e era homem de muitos conhecimentos artísticos no domínio da música e dos músicos célebres e ainda no da poesia, sentindo orgulho em Junqueiro por ser um conterrâneo do qual sabia muitos poemas de cor (não tivesse ele nascido em Trás-os-Montes, “vivo ou morto haveria de vir a fazer parte da lista dos típicos famosos como Soares de Passos, Eça de Queirós, Chopin, Tolstoi e muitos outros); Eduardo, o Galispo, por motivo de gostar de saias, nanja do modo de ser de Marta que sabia muito bem escolher por si; o Tó Loirinho, ex-

funcionário judicial e benfeitor das prostitutas do Porto, nenhuma das quais compareceu ao seu funeral contra o que ele desejava; o Linhares, desde muito cedo tido como incurável e que regressou ao Congo Belga, levando consigo uma guitarra agoirenta que tinha andado de mão em mão de alguns que foram desta para melhor; e o ex-alferes miliciano Passarinho, um lisboeta cuja agonia marcou profundamente a memória do narrador: sofria a dobrar, por ultimamente não receber notícias da namorada, a Laura, cujo correio sofria extravios, acabando ela por ir visitá-lo. Quando viu que já não falava e o rapagão da sua vida pouco mais era do que



A. Passos Coelho autografa o seu novo livro.
(Foto Grémio Literário)

pele e osso, desmaiou. Mas o Passarinho, ao reparar nela, como se o atingisse um relâmpago, ainda teve forças para, com a energia que lhe ia acorrendo ao bruxulear do desejo, murmurar: “Já posso morrer. Continuas linda.” Tudo isto é de uma beleza atroz, a beleza que nunca devia finir-se...

Ramiro, é preciso dizê-lo claramente, começou a tornar-se inibido, à medida que a sua adolescência se ia revelando. Entende-se aqui a inibição, conforme H. Thomae, como a “neutralização de um processo em curso por meio da interferência de outro domínio superior.” Para tanto contribui o conflito entre o eu e o supereu que podem conduzir à timidez e à introversão. Ora Ramiro, ao aperceber-se de que, por ser o mais novo de seis irmãos, tem o seu curso em perigo, já que a família com a depauperação do património, começa a viver com dificuldades, tende a ficar retraído, a “engoiar-se”, a engelhar-se dentro de si, dando essa imagem aos outros. Tal estado agrava-se até à fadiga altamente perigosa, quando numa corrida contra o tempo faz em três anos o curso dos liceus. A juventude para ele torna-se dessorada e uma primeira consequência vem ao de cima na relação com as raparigas para as quais se sente naturalmente atraído: a tendência inibidora impede-o sempre de dar o primeiro passo. Numa perspectiva lúdica isso quer

dizer que nunca a iniciativa do jogo lhe pertence, esquivando-se mesmo como sucedeu com a mocetona lúbrica de uma casa onde em Vila Real se hospedou por algum tempo. O mesmo se repete com Sara, menina rica em casa da qual papava bons manjares, não passando daí e, depois, já em Lisboa, quando uma rapariga o provocava de janela fronteira à sua, e ele, sem pensar no seu estado doentio, a contas já com a tísica, correu para ela, valendo-lhe na circunstância o amigo Cunha. A iniciativa do jogo não lhe pertencia, mesmo que depois aderisse. Era perfeitamente natural, tendo em conta as suas condições psicofisiológicas.

O *handicap* da inibição verifica-se mesmo com Marta, o grande amor da sua vida. Foi necessário que Marta lhe telefonasse para o quarto, depois de a enfermeira Lídia, feita pau-de-cabeleira, o abordar. Só então o engoiado Ramiro se torna senhor de uma vontade com poder de iniciativa, embora o modo de avaliar as situações venha a manter sempre uma certa indecisão nos momentos em que a sua carreira, tão sonhada desde a infância, possa ser afectada. Ganhara o hábito de jogar na defensiva.

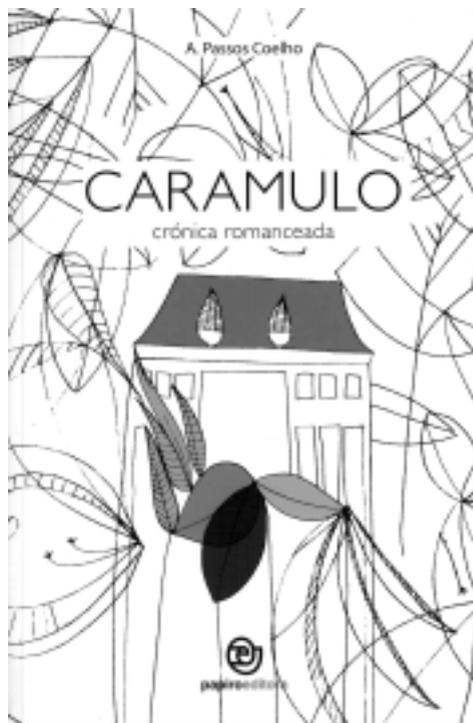
Esclarecedora é a forma como ele lida com a sua oposição ao regime salazarista, quase sempre em termos bem mordazes. Logo na página 25 dá o tom ao falar do nosso país “de moscas e ranho” e pouco depois chama a Salazar “beato – coirato” e “patrão da pide”. O pai de Ramiro era agricultor e também dizia cobras e lagartos do governo que desgovernava o país. Quando a polícia de choque invade a Faculdade de Medicina, às ordens de Pires de Lima, ministro da Educação, distribuindo bastonadas cegas, Ramiro conhece por experiência própria o terror em que o país vivia. Acontece, porém, que Cristóvão, um forte oposicionista também internado no sanatório, o aborda, convidando-o para uma reunião secreta em Aveiro onde se ia debater o estado calamitoso da nação, pondo-o entre a espada e a parede. Tendo-lhe o açoriano perguntado se era político, responde evasivamente que “a sua política é a tísica e a carreira hospitalar.” Que lucrariam os transmontanos com a sua preocupação? O tipo de argumentação do quase médico, reconhece o narrador da crónica romanceada, era “desolador”. Se todos os portugueses procedessem assim, o 25 de Abril iria demorar muito tempo. A verdade é que Ramiro partilhava sinceramente as críticas da oposição e àquilo que dizia da tísica e da carreira hospitalar devia acrescentar a paixão por Marta que em muito lhe condicionava o pensar, juntamente ainda com um substrato defensivo e inibitório, ainda que a esfumar-se em certa medida. Não é possível passar uma esponja nos recalcamientos infantis por dá-cá-aquela-palha .

Toda esta bem planeada construção diegética, com um pano de fundo temível, é sabiamente amenizada por episódios que oscilam entre o burlesco e o gracioso, numa palavra, em plena manifestação lúdica. A contracenar com a dor mais aguda é possível existir a inesperada situação cómica. Em dado momento da fase pós-operatória, quando Marta teve de regressar ao seu sanatório, Ramiro não era capaz

de urinar e contorcia-se com dores fortíssimas. Os enfermeiros tentavam em vão resolver-lhe tão súbita e estranha incapacidade, até que uma enfermeira novinha lhe volta as costas e põe uma torneira de água a correr, ouvindo-se este correr nitidamente, a ponto de, acto contínuo, se tornar para o paciente indutor da micção. Ora um enfermeiro, que se sentiu de certa forma humilhado com o sucedido, disse para Ramiro: “o doutor podia ter logo dito que só mijava com a rapariga”. Casos destes exemplificam os contrastes que a vida nos proporciona e são recorrentes ao longo da magnífica obra de António Passos Coelho. Uma luz acesa na escuridão ou flor que resiste no descampado.

A propósito deste ludismo vou referir-me a uma passagem que não mais me abandonou a memória pelo jogo teatral que o caracteriza. O jogo no plano genético pode formular-se como a interacção de uma actividade interessante com o prazer que ela proporciona, isto é, repete-se a actividade, se ela nos der prazer e o jogo surge. Ora o que é que sucede entre Julião e Sousa (págs.87-89) no seu despique que faz lembrar as tenções de escárnio e maldizer e também as cantigas ao desafio? Repetem e refinam as suas ideias sobre a sanatorização, entusiasmando-se cada vez mais com a atenção prazenteira dos ouvintes. No juízo destes, o Sousa dos bigodes “personificava a normalidade e o bom senso, mas em originalidade e improviso, afinal o que causava distração e gáudio na assistência, a vitória pertencia ao outro”, ao Julião: que ninguém tivesse ilusões, pois aquele no qual a tísica entrasse nunca mais valia um chave. “Quem o convenceu de que a tísica não tem cura? – insistiu o alentejano Sousa, assim dando corda ao palrador da noite, que parecia apostado em dar espectáculo e, possivelmente em recriar-se a si próprio”. E o Julião, mais à frente, com postura de sábio: “Tísico és, tísico serás, da cabeça aos pés, assim acabarás”.

E que vai acontecer à relação amorosa Marta-Ramiro? – indagarão os mais dados às novelas sentimentais. Boa pergunta. Do livro sabe-se que continuaram a amar-se até depois de receberem alta do internamento e partirem no automóvel



Rosto de *Caramulo* – *Crónica romanceada*

dos pais da “menina dos olhos insinuantes”, ela e ele cheinhos de futuro.

Aqui está um livro que, associando à ficção a crónica não só verosímil mas também histórica, tornando-as interdependentes, nos oferece hoje, dia do seu lançamento, um interessante ramo de recordações, enfeitado de crisântemos e luz de muitas cores, como se fosse uma prenda antecipada de Natal, a festa de ano que mais agitava as expectativas dos doentes do Caramulo.

24.Nov.2006

Bibliografia do distrito de Bragança

Um autor ignorado (3)

[Correspondentes de outros (4) periódicos]

Hirondino da Paixão Fernandes

(Vem do número 44.)

- “Republica”, 1911. 01. 16, p. 4, c. 4 (Moncorvo)
Extractamos: “Nos estreitos limites d’ uma modesta correspondência de provincia, não posso, nem devo divagar roubando espaço, precioso para assumptos de tão alta importancia, como os que vão ser tratados por este jornal. / Embora seja este o seu primeiro numero [é, por sinal, o segundo!], e esta, por isso, a minha primeira correspondência (...). / Porém ... de mim, novato na lide nobilissima da imprensa (...)”. / E vêm as primeiras notícias, propriamente ditas — a de que “No dia 1 do proximo mez vae ser inaugurado um Centro Republicano” e a da realização de um comício, em Carviçais, por parte da Comissão Republicana Partidária desta localidade.
- “Republica”, 1911. 01. 18, p. 4, c. 3 (Moncorvo)
“Vida republicana” — Reportagem da inauguração do Centro Democratico Moncorvense, “no dia 1º do corrente” [Extractamos: “Quasi no final da sessão, appareceram os cidadãos Eduardo Cabral e Antonio Trigo, de Villa-Flôr (...)”] e notícia de uma conferência em Carviçais.
- “Republica”, 1911. 01. 31, p. 4, c. 1 (Bragança)
Notícias do dia 22, dando conta de uma reunião, na sala de sessões da Câmara Municipal, “destinada á organização partidaria republicana n’ este concelho”; etc.

- “Republica”, 1911. 02. 02, p. 4, c. 1-2 (Macedo de Cavaleiros)
Reportagem da visita oficial do governador civil, Dr. João de Freitas, a Macedo de Cavaleiros, com particular destaque para a conferência que proferiu, “ao ar livre”, “*mostrando a necessidade da Republica*”.
Ver edição de 02. 04, p. 5, c. 5, onde o mesmo C. fala da recepção ao Governador Civil e diz estar “definitivamente organizada a comissão municipal republicana partidaria de Macedo”, etc.
- “Republica”, 1911. 02. 11, p. 5, c. 3 (Bragança)
Notícia, de 01. 31, do “*regresso* hontem de Mirandella, aonde, acompanhado de alguns correligionarios d’ aqui, foi realizar uma conferencia de propaganda, o sr. dr. João de Freitas, illustre governador civil d’ este districto (...)”.
- “Republica”, 1911. 02. 14, p. 5, c. 1 (Macedo de Cavaleiros)
“Os padres e a republica”.
- “Republica”, 1911. 02. 18, p. 4, c. 2 (Macedo de Cavaleiros)
“Governador do districto. Outras noticias” — a de que “Principiaram as obras de calcetamento na rua das Eiras”; etc.
- “Republica”, 1911. 02. 22, p. 4, c. 3 (Moncorvo)
Reportagem da visita oficial que o governador civil, Dr. João de Freitas, fez a Moncorvo: “(...) Á noite os Paços do Concelho e o Centro Republicano Moncorvense illuminaram, seguindo-se-lhes o exemplo (...)”.
- “Republica”, 1911. 02. 24, p. 4, c. 1 (Alfândega da Fé)
Eleição da Comissão Municipal Partidária; Próxima visita do Governador Civil; “Pensa-se em mudar o nome ao Club Alfandeguense, substituindo-o pelo de Club Joaquim Mendonça (...)”.
- “Republica”, 1911. 02. 25, p. 4
c. 1 (Alfândega da Fé)
Notícias do dia 20 sob o título “Associação artistica. Conferencias. O Carnaval”.
Idem (Vinhais)
Reportagem de um banquete de homenagem ao juiz de direito Alfredo Ribeiro, transferido, a seu pedido, para a comarca de Caminha.
c. 2 (Macedo de Cavaleiros)
Notícias do dia 18: “Graves tumultos” em Gradíssimo; “A comissão municipal informou favoravelmente a criação de uma escola em Castro Roupal”; “A mesma comissão mandou que todos os predios da villa fossem caiados no praso de 3 meses”; etc.
- “Republica”, 1911. 03. 04, p. 4 (Macedo de Cavaleiros)
c. 1 – Correspondência de 28, dizendo que “Passou aqui, em direcção ao Porto, o sr. governador civil do districto (...)”, que “Em direcção ao Porto, passou aqui o dr. Francisco Guerra, official do registo civil em Miranda do Douro”, etc.

- c. 2 – Correspondências (2), também do C. de Macedo, mas datadas de 25, da segunda das quais extractamos: “Consta-nos que vae brevemente publicar-se n’ esta villa um semanario republicano, orgão da commissão partidaria”.
- “Republica”, 1911. 03. 06, p. 3, c. 1 (Bragança)
Correspondência de 27, sob a epígrafe “Á memoria de Emygdio Garcia” — Notícia de que “Partiu hoje para o Porto o sr. dr. João de Freitas, governador civil d’este districto”, e reportagem da inauguração do Centro Republicano Emygdio Garcia: “Realisou-se ha dias, n’ esta cidade, a inauguração do Centro (...). Fallou o presidente da commissão partidaria, sr. dr. Francisco Morgado (...). / Fallaram tambem os srs. dr. Eduardo Faria e tenente Honorato Moraes (...)”.
 - “Republica”, 1911. 03. 08, p. 4
Correspondência de Vinhais, de 03, c. 1-2: “Em propaganda eleitoral deve visitar este concelho, no proximo dia 26 do corrente, o sr. governador civil de Bragança (...)”; Carnaval “muito sensaborão”; Bailes (3) muito animados “na séde do Grupo Dramatico Luz e Esperança”; etc.
Correspondência de Macedo de Cavaleiros, de 04, c. 2, sob o título “Um caso de divorcio raro. Outras notícias”: “Por mutuo consentimento pediram o divorcio Paulino José Borges, de 60 annos de idade, e Maria Delphina, de 75, naturaes e residentes em Bornes (...)”; “Acaba de ser creada uma escola mixta em Castro Roupal, freguezia de Vinhas”; etc.
 - “Republica”, 1911. 03. 11, p. 4, c. 2 (Alfândega da Fé)
“Noticias diversas”, de 05: Carnaval “animado e decente”; “Nos salões do nosso amigo dr. Costa Azevedo tambem houve dois bailes, primorosamente servidos”; Tempo “primaveril”; etc.
 - “Republica”, 1911. 03. 16, p. 4, c. 2 (Macedo de Cavaleiros)
“Varias noticias”, de 13: “Para a sua importante quinta da Horta da Villariça retirou de Macedo a sr^a D. Julia Aguedo d’ Oliveira, virtuosa esposa do nosso amigo dr. Aguedo”; “Consta-nos que a Camara vai pedir a criação de duas escolas para esta villa. Bem precisas são, visto que a frequencia actual, em cada escola, é de 100 alumnos”; “Contam-se casos pavorosos do julgado de paz de Vinhas (...)”; etc.
 - “Republica”, 1911. 03. 27, p. 3, c. 1
Manifesto de propaganda do Partido Republicano de Mogadouro, “Aos cidadãos do concelho de Mogadouro”.
Começa: “A crise tremenda que tem avassalado Portugal has dezenas d’ annos, motivada pelos desmandos, tropelias (...)”].
 - “Republica”, 1911. 04. 02, p. 4, c. 1 (Vila Flor)
Reportagem da “Visita do sr. governador civil de Bragança”.
 - “Republica”, 1911. 04. 12, p. 4, c. 1 (Macedo de Cavaleiros)

Correspondência de 07: “Passa amanhã em direcção a Bragança, o illustre ministro da Guerra. / Espera-se que s. ex^a, no seu regresso, visite esta villa (...)”; etc.

Ver desenvolvida reportagem da visita a Bragança, por parte do C. nesta localidade, na edição seguinte (13), p. 3, c. 5.

- “Republica”, 1911. 04. 15, p. 4, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 08: “Realisou-se hoje o primeiro registo civil de nascimento, depois da obrigatoriedade da lei. / No posto de Carvições [sic], tambem se lavraram 2 assentos de nascimento e 2 de obito. / No de Urros (...)”; “Começo de incendio”.
- “Republica”, 1911. 04. 18
p. 5, c. 2 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 12: “Apareceu roubada a caixa das almas da igreja matriz (...)”; Pedido de exoneração do ajudante do registo civil.
Idem (Mogadouro) – Correspondência de 16: “Justa homenagem” prestada a Trindade Coelho: foi dado o seu nome ao largo de S. Sebastião e “collocada uma lapide commemorativa na casa que lhe serviu de berço”.
- “Republica”, 1911. 04. 21, p. 6, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 19: “Realisou-se no dia 15 a primeira transcrição do registo parochial para o registo civil do assento de nascimento (...)”.
- “Republica”, 1911. 04. 23, p. 4, c. 2 (Ligares)
Correspondência de 19 – Gratidão ao Governo pela criação de uma escola do sexo feminino; Representação a fazer pedindo um posto de registo civil.
- “Republica”, 1911. 05. 07, p. 4, c. 2 (Mogadouro)
Duas correspondências, ambas de 05 – a 1^a, sob a epígrafe “Visita do sr. governador civil de Bragança. Homenagem á memória de Trindade Coelho” (anunciada acima), não assinada; – a 2^a, sob o de “Varias noticias”, assinada C., de que extractamos: “O sr. dr. Faria foi convidado por amigos d’ esta villa a discursar por occasião da inauguração da lapide commemorativa a Trindade Coelho”.
[Ver edição de 13, p. 1, c. 2, “Echos”: “**Trindade Coelho** / Inaugura-se hoje, em Mogadouro, uma lapide mandada collocar pela Camara Municipal d’ aquelle concelho, na casa onde nasceu esse que foi o grande cidadão Trindade Coelho (...)”].
E ver, sobretudo, a de 14, p. 1, c. 3-4 – breve nota, com retrato, sob o título “Trindade Coelho”].
- “Republica”, 1911. 05. 13, p. 6, c. 1 (Vimioso)
Reportagem da visita do Governador Civil de Bragança.
- “Republica”, 1911. 05. 17, p. 4
c. 1 (Bragança)

Correspondência de 14, de que extractamos: “Bragança esteve hontem em festa porque, tendo constado nos ultimos dias que o lyceu d’ esta cidade seria suprimido, o boato foi desmentido (...)”.

c. 4 (Mogadouro)

Reportagem sobre “A visita do sr. governador civil de Bragança e a homenagem á memoria de Trindade Coelho”.

- “Republica”, 1911. 05. 20, p. 6, c. 6 (Macedo de Cavaleiros)

Correspondência de 17 sobre uma reunião do “clero parochial do concelho para se pronunciar sobre a lei da separação”.

- “Republica”, 1911. 05. 21, p. 1, c. 2-3 (Bragança)

Reportagem, de 17, da “recepção gentilissima” que Bragança fez ao Ministro do Interior: “Deve sua ex^a ter sahido d’ aqui satisfeitissimo (...)”.

- “Republica”, 1911. 05. 28, p. 1, c. 7, e 2, c. 1 [Caniçaes (Moncorvo), por Carviçais, naturalmente, C.]

Correspondência de 22 relatando uma “missão de propaganda politica republicana” nesta localidade.

- “Republica”, 1911. 05. 29, p. 3, c.? [Freixo de Espada à Cinta, Moncorvo (não assinado), Mirandela, C.]

Correspondências (3) dando conta dos resultados das eleições para deputados de cada uma destas localidades.

[Nesta mesma página, c. 6, porém na secção “Ultima hora”, pode ler-se o decreto que atribui ao Liceu de Bragança a denominação de Lyceu Central Emygdio Garcia: “Attendendo aos serviços prestados á causa da Republica (...) foi decretado que o lyceu de Bragança passe a denominar-se lyceu central Emygdio Garcia”].

- “Republica”, 1911. **06.** 01, p. 3, c. 3 (Carrazeda de Ansiães)

Correspondência dando conta do resultado das três assembleias eleitorais do concelho para deputados.

- “Republica”, 1911. 06. 02, p. 4, c. 1-2 (Vinhais)

Correspondência de 22: Estudo e projecto para captação e canalização de águas para abastecimento da vila; Clero que não aceita as pensões do Estado; Varióla; Espectáculo público.

- “Republica”, 1911. 06. 03, p. 5, c. 1-2 (Macedo de Cavaleiros)

“De regresso do Brasil (...)” e António Albino de Carvalho Mourão, proclamado deputado.

- “Republica”, 1911. 06. 11, p. 6, c. 3 (Bragança)

Correspondência de 07: “Offerta d’ um busto em prata ao sr. ministro de Interior” – pela elevação do liceu a central.

- “Republica”, 1911. 06. 14, p. 4, c. 1 (Mogadouro)

A viúva de Trindade Coelho agradece a homenagem prestada pela Câmara

- Municipal à memória de TC.
- “Republica”, 1911. 06. 17, p. 5, c. 1 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 11 sobre a chegada de um deputado, a partida de outro (Alberto Charula) e a comissão partidária.
 - “Republica”, 1911. 06. 21, p. 5, c. 2 (Carrazeda de Ansiães)
Actividade política das comissões partidárias e republicanas do concelho.
 - “Republica”, 1911. 06. 23, p. 5, c. 1-2 (Carrazeda de Ansiães)
“Tentativa de homicídio”.
 - [- “Republica”, 1911. 06. 26, p. 5, c. 4 (Mogadouro)
Carta, não datada, de um “Albuquerque” (elemento da Câmara Municipal?) pedindo, pelas razões que aduz, um ou dois batalhões para Mogadouro, face à recente reforma do exército].
 - “Republica”, 1911. 06. 30, p. 4, c. 4 (Mogadouro)
“Apesar da noite estar bastante fria, não deixou de se festejar o S. João (...)”.
 - “Republica”, 1911. **07.** 26, p. 4, c. 2
(Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 23: “Recrutamento militar. Criação d’ um corpo de voluntarios. Outras noticias”.
(Carrazeda de Ansiães)
Correspondência de 24: Desordem em Fontelonga.
 - “Republica”, 1911. 08. 15, p. 4, c. 1 (Alfândega da Fé)
Correspondência de 12: “Posse [“Tomou posse o novo administrador do concelho, o nosso amigo F. J. de Lemos Mendonça, alumno da Escola do Exercito (...)]. Os que viajam”.
 - “Republica”, 1911. 08. 17, p. 6, c. 4 (Macedo de Cavaleiros)
“Em Macedo de Cavalleiros. Vae construir-se um hospital que deverá ser modelar” – Extractamos: “Graças aos porfiados esforços dos srs. dr. Abilio d’Oliveira, dr. José Teixeira e José Lazaro, testamenteiros dos bens que a benemerita Joanninha, de Gradissimo, legou a esta villa, vão ter começo as obras de construcção (...)”.
 - “Republica”, 1911. 08. 20, p. 4, c. 1 (Macedo de Cavaleiros)
“Petroleo falsificado. Para Vizella”.
 - “Republica”, 1911. 08. 26, p. 4, c. 1-2 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 23: “Desastre. A emigração para o Brazil. Commissão administrativa do concelho”.
 - “Republica”, 1911. 08. 30, p. 5, c. 1 (Vinhais)
“Foi transferido para Melgaço (...)” e “Partiu para Moledo (...)”.
 - “Republica”, 1911. **09.** 05, p. 1, c. 3 (“Echos”)
“O *mal rubro* em Carrazeda d’ Anciães” – Instruções para o combater.
 - “Republica”, 1911. 09. 10, p. 6, c. 4 (Vinhais)

- “Está installada a comissão incumbida do recenseamento da população da freguezia de Vinhaes (...)”.
- “Republica”, 1911. 09. 17, p. 6, c. 1 (Freixo de Espada à Cinta)
Correspondência de 13: “Está entre nós o nosso amigo (...), sendo esperado, por estes dias, outro amigo nosso (...)”.
 - “Republica”, 1911. 09. 23, p. 4, c. 1 (Torre de D. Chama)
Conferência, no fim da qual “foram dados muitos vivas á Republica, ao governo e aos patriotas, etc.”.
 - “Republica”, 1911. 10. 03, p. 4, c. 5 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 09. 29: “É conveniente não esquecer que em menos de um mez se perpetraram [sic] tres assassinatos n’esta localidade, por motivos futeis a que o vinho não foi estranho (...)”.
 - “Republica”, 1911. 10. 15, p. 4
c. 1 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 12: “Tomou posse do logar de administrador interino d’ este concelho (...)”.
c. 2 (Torre de D. Chama)
“Os acontecimentos politicos”.
 - “Republica”, 1911. 11. 22, p. 5, c. 1 (Vinhais)
“Politica local. Um caso estranho que precisa de ser ponderado. Outras noticias”.
 - “Republica”, 1911. 12. 05, p. 4, c. 1-2 (Carrazeda de Ansiães)
“Consternação” pelo falecimento do conterrâneo Tito Lívio Múrias, de 27 anos.
 - “Republica”, 1912. 01. 21, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 18: Notícias do pedido da “paragem do comboio no sitio denominado ‘Deveza Velha’, para servir a freguesia de Moz”, e de “providencias” porquanto “A instrucção publica deixa[va] muito a desejar em algumas freguesias do concelho”.
 - “Republica”, 1912. 02. 01, p. 5, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 28: Início dos “trabalhos para a canalisação e deposito da agua na estação do caminho de ferro” da vila e, em breve, na estação de Carviçais; “Consta que vai fundar-se em Carniçaes [sic], uma fabrica de sabão”; Preço de vários géneros; Outras noticias.
 - “Republica”, 1912. 02. 09, p. 5, c. 4
(Mogadouro)
Correspondência de 06 noticiando que a Câmara se incorpora no funeral do seu presidente, António Augusto de Moraes Pimentel.
(Moncorvo)

- Correspondência de 07: Pedido de melhoria das instalações das escolas de Carviçais, Felgueiras e Mós; Audiências gerais.
- “Republica”, 1912. 02. 10, p. 5, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 08: Posse do chefe da estação telégrafo-postal, Umberto de Araújo, transferido de Vinhais; Partida do Dr. Ramiro Guerra, sub-delegado de saúde, “para diversos pontos de África”; Constituída a comissão paroquial de Carviçais.
 - “Republica”, 1912. 02. 13, p. 5, c. 1 (Ligares)
Correspondência de 09: Novo estabelecimento comercial; “Velha usança das proximidades do Carnaval”, que principiou.
 - “Republica”, 1912. 02. 17, p. 5, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 15: “Exigua” a percentagem de centeio atribuído ao concelho; Falta de selos e bilhetes postais nas casas destinadas à sua venda.
 - “Republica”, 1912. 02. 18, p. 5, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 16: “Absolutamente necessario que o sr. inspector escolar visite as escolas do concelho, para que os professores sejam mais zelozos no cumprimento dos seus deveres”; Freguesias com prejuizos enormes, que “bem precisavam” de ajuda; Mal recebido o aumento ds contribuições.
 - “Republica”, 1912. 02. 25, p. 4, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 23: Domingos Frias, conservador da comarca, é colocado em Lourenço Marques, como notário; Chegada do bom tempo; etc.
 - “Republica”, 1912. 03. 02, p. 5, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 29: “Está um tempo lindissimo e muito favoravel a toda a vegetação. As amendoeiras oferecem um aspecto deslumbrante. / Ha esperanças de termos boas colheitas, se a primavera nos não enganar”; Promoção e transferência do ex-juiz da comarca.
 - “Republica”, 1912. 03. 09, p. 5, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 07: Serviço de ambulância nos comboios que circulam entre Pocinho e Carviçais, passando por Moncorvo; “Chegaram no dia 3, para registrar as minas do Reboredo, tres cavalheiros hespanhoes”.
 - “Republica”, 1912. 03. 18, p. 3, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 15: “Retira hoje para Salamanca o especialista de doenças de olhos, D. Caio Alvarado, que aqui tem estado há quinze dias”; Novo serviço do correio, que “não pode ser bem desempenhado”; etc.
 - “Republica”, 1912. 03. 24, p. 5, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 21: Pedido de um apeadeiro no sítio da Devesa Velha; Informações políticas; Tempo ... “de arripiar os cabelos”.
 - “Republica”, 1912. 03. 28, p. 4, c. 1-2 (Moncorvo)
Correspondência de 26: Representação pedindo a reabertura da Escola Seixas; Exoneração do distribuidor postal; Política do concelho.

- “Republica”, 1912. **04.** 04, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 02: Adjudicação de 15000 alqueires de centeio à Câmara para ocorrer às necessidades do concelho; Multa estabelecida pela Repartição de Finanças, que “não é bem recebida”.
- “Republica”, 1912. 04. 13, p. 4, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 10: Feira mensal, “bastante concorrida”; Dr. Augusto Beça, médico municipal em Izeda, “esteve em Moz”, de visita à madrinha; Tempo “pouco favorável para a agricultura”.
- “Republica”, 1912. 04. 16, p. 5, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 10: “Paz santa”, devido à “boa compreensão dos elementos opostos” e, sobretudo, ao “bom tino do administrador”.
- “Republica”, 1912. 04. 17, p. 5, c. 1 (Bragança)
Correspondência de 13: Pedido de casamento; “Ausentou-se hoje de Bragança (...)” (o Governador Civil).
- “Republica”, 1912. 04. 28, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 26: “Protesto contra o facto de não ser aberta” a Escola Seixas; Asilo Meireles; Chuva.
- “Republica”, 1912. **05.** 04, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 02: “Começou ontem o serviço de ambulancia nos comboios que circulam entre Pocinho e Carviçais”; Retirada do destacamento que ali “estava ha bastante tempo”; Recepção ao director do jornal “Republica”; Tempo “magnifico para a agricultura”.
- “Republica”, 1912. 05. 11, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 08: ‘Desapontamento’ pelo serviço de correios “pessimamente feito” na linha de Pocinho a Carviçais; Partido Evolucionista “continua progredindo não só neste concelho, mas em todo o distrito”.
- “Republica”, 1912. 05. 21, p. 4, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 19: Descontentamento pela nomeação de um distribuidor; Nomeação dos louvados para as diferentes freguesias; etc.
- “Republica”, 1912. 05. 30, p. 4, c. 2 (Bragança)
Correspondência de 25: Chegada do senador Dr. João de Freitas, vindo de Pombal; Desordem, com tiroteio “para os lados do Loreto”; Pronunciamento do bispo, D. José Alves de Mariz, “por ter infringido o artº 48º da lei da separação”.
- “Republica”, 1912. **06.** 01, p. 4, c. 6 (Moncorvo)
Correspondência de 30: Eleição dos louvados para as avaliações dos prédios rústicos e urbanos do concelho; Paragem dos comboios-correios em Mós; Vagos alguns postos de registo civil, no concelho; Início dos trabalhos de canalisação de água para a estação da vila.
- “Republica”, 1912. 06. 09, p. 5, c. 6-7 (Moncorvo)

- Correspondência de 07: A “malfadada” Escola Seixas, sobre a qual “nada, por enquanto está resovido”; A canalização de água para a estação de comboios e o receio de tumultos; “Chuvas contínuas e fortes”.
- “Republica”, 1912. 06. 16, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 14: “Assunto de todas as conversas e justamente apreciado o brilhante discurso proferido ha dias na Camara dos Deputados pelo eminente homem publico (...)” Dr. António José de Almeida; “Voltou o bom tempo”.
 - “Republica”, 1912. 06. 23, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 21: Agrado geral pela constituição do actual Gabinete; Preço do centeio; Chegada do novo juiz de direito.
 - “Republica”, 1912. 06. 25, p. 4, c. 2 (Bragança)
Correspondência de 22: “Esteve nesta cidade o bispo da diocese, que veiu a perguntas ao tribunal, tendo prestado a fiança pelo crime a que há dois dias me referi”; Reunião do tribunal comercial; Desordem na cadeia; etc.
 - “Republica”, 1912. 07. 02, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 30: Rapto e subsequente violação; Paragem dos comboios, pedida pela junta de paróquia de Mós.
 - “Republica”, 1912. 07. 08, p. 5, c. 6 (Moncorvo)
Correspondência de 06: Recebida com aplauso a notícia do pedido de criação de uma escola comercial para esta vila por parte do senador Dr. João de Freitas; Exames de instrução primária; “O tempo melhorou um pouco”.
 - “Republica”, 1912. 07. 28, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 26: Desastre de um militar com arma de fogo; Mulher de Felgueiras que fere “barbaramente com facadas no pescoço um seu cunhado”; Emigração para o Brasil; Tempo chuvoso.
 - “Republica”, 1912. 07. 30, p. 4, c. 1 (Bragança)
Correspondência de 27: Crime de homicídio, em Izeda; Recenseamento de animais e veículos; “Quasi se não fala já nos *paivantes*”.
 - “Republica”, 1912. 08. 03, p. 5, c. 3 (Vinhais)
Correspondência de 31; “Fazemos hoje a nossa apresentação como correspondente nesta vila, para a *Republica*. A nossa intenção resume-se (...)”; Posse da nova comissão municipal; Julgamento do padre Camilo, acusado da morte de um paroquiano; “Principiaram já os ensaios da orquestra desta vila”.
 - “Republica”, 1912. 08. 05, p. 2, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 03: António José de Almeida esperado em Moncorvo; Chegada de parte do centeio adquirido pela Câmara; “Neste concelho, onde não consta haver conspiradores, continua tudo no seu estado normal”.
 - “Republica”, 1912. 08. 06, p. 4, c. 1 (Bragança)
Correspondência de 05: Leitura da sentença contra o Banco de Bragança.
 - “Republica”, 1912. 08. 08, p. 4, c. 3 (Vinhais)

- Correspondência de 05: “Dissemos já que nos ocuparíamos dos melhoramentos deste concelho. Devemos principiar então por esta vila (...)”.
- “Republica”, 1912. 08. 11, p. 5, c. 7 (Vinhais)
Correspondência de 08: Ecos da incursão; Festa e feira franca, a realizar no próximo dia 31.
 - “Republica”, 1912. 08. 14, p. 4, c. 6 (Moncorvo)
Correspondência de 11: “Grandiosa festividade da Assunção, que aqui costuma ser imponentíssima mas que este ano revestirá ainda muito mais brilho”; “Muitas e importantes adesões ao Partido Evolucionista”; Acidente em Carviçais.
 - “Republica”, 1912. 08. 15, p. 3, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 13: Caso de sacristia; Regosijo pela publicação do decreto criando o Asilo Meireles.
 - “Republica”, 1912. 08. 22, p. 4
c. 1-2 (Bragança)
Correspondência de 17: Condenação do professor Antero Augusto da Rocha Pinto, por crime de ofensas corporais na pessoa de sua mulher, “na noite de seu casamento”.
c. 2 (Vinhais)
Correspondência de 18: Violento incêndio; Novo quartel; “Tempo frio e chuvoso”;
 - “Republica”, 1912. 08. 27, p. 4, c. 2 (Vinhais)
Correspondência de 24: “Nesta vila são frequentes as desordens nas tabernas”.
 - [– “Republica”, 1912. 08. 28, p. 3, c. 1-2: “Ouvindo a provincia. *De que carece o concelho de Freixo de Espada á Cinta*. Prosegue [sic], despertando o maior interesse, o inquérito aberto pela *Republica*”.
Não se trata de qualquer habitual ‘correspondência’, mas não estará por demais a resposta de Mário Junqueiro, ao inquérito que se refere. Plena de interesse!].
 - “Republica”, 1912. 09. 03, p. 4, c. 3 (Vinhais)
Correspondência de 31: Feira de Santo António.
 - “Republica”, 1912. 09. 04, p. 5, c. 2 (Vinhais)
Correspondência de 25 (sic): Ausência de funcionários.
 - “Republica”, 1912. 09. 05, p. 4, c. 7 (Vinhais)
Correspondência de 01: Conflito com o ‘chauffeur’ de um automóvel apreendido aos conspiradores e agora pertencente ao Governo Civil de Bragança; Padre da freguesia de Moimenta.
 - “Republica”, 1912. 09. 06, p. 5, c. 2 (Vinhais)
Correspondência de 02: Terminou a feira anual de Santo António, “com a costumada concorrência”.
 - “Republica”, 1912. 09. 10, p. 5, c. 1 (Vinhais)

- Correspondência de 06: As obras da antiga cadeia, transformada em quartel militar.
- “Republica”, 1912. 09. 12, p. 4, c. 2
(Moncorvo)
Correspondência de 10: Início dos trabalhos de canalização da água para a estação do caminho de ferro.
(Vinhais)
Correspondência de 09: “Série de desordens” por ocasião da romaria dos Remédios, em Tuizelo.
 - “Republica”, 1912. 09. 18, p. 4, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 16: Satisfação geral pela notícia do início dos trabalhos de prolongamento da linha férrea de Carviçais a Miranda do Douro, lanço de Carviçais a Bruçó.
 - “Republica”, 1912. 09. 23, p. 2, c. 5 (Vinhais)
Correspondência de 20: Pedro Campilho, chefe local do antigo partido progressista, “despediu-se dos seus amigos, tendo seguido para Valença do Minho, onde foi tomar posse do cargo de delegado do procurador da República naquela comarca”.
 - “Republica”, 1912. 10. 10, p. 4, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 08: “Medonhos temporais que tanto prejudicaram a agricultura”.
 - “Republica”, 1912. 10. 16, p. 5, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 14: “Quasi concluidos” os trabalhos de canalização de águas para a estação de caminhos de ferro de Moncorvo; Paragem dos comboios em Mós.
 - “Republica”, 1912. 10. 20, p. 4, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 18: Primeira acção de divórcio; Inventário dos bens das confrarias.
 - “Republica”, 1912. 10. 29, p. 4, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 27: Paragem dos comboios na freguesia de Mós; Colheita da azeitona.
 - “Republica”, 1912. 11. 03, p. 4, c. 3 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 31: Casamento; “Regressaram a esta vila (...)”; “Está doente (...)”; “Segue brevemente para o Rio de Janeiro (...)”.
 - “Republica”, 1912. 11. 05, p. 5, c. 1-2 (Moncorvo)
Correspondência de 03: Desenvolvida reportagem da inauguração “da paragem dos comboios ao quilometro 30,900 (Mós) na linha do Pocinho a Miranda”.
 - “Republica”, 1912. 11. 17, p. 4
c. 1 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 15: “Delivrance”; Regressou ...; Está no Porto ...

- c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 15: Correios (de Felgar e Mós); Retira para o Brasil ...; Atentado que vitimou o Chefe do Governo espanhol.
- “Republica”, 1912. 11. 27, p. 4, c. 1 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 25: Arrematação do fornecimento de carnes verdes; “Tempo lindissimo”.
 - “Republica”, 1912. 11. 29, p. 4, c. 3 (Bragança)
Correspondência de 26: Acção contra o Banco de Bragança; Cenas de pugilato.
 - “Republica”, 1912. 12. 04, p. 4, c. 6
(Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 01: Comemoração do 1º de Dezembro.
(Moncorvo)
Correspondência de 01: Boato; Tempo seco; Récita do actor Vargas, que se encontra em Moncorvo.
 - “Republica”, 1912. 12. 12, p. 4, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 10: Pela política; Inauguração, no próximo dia 15, da Escola Móvel Agrícola; Chuva; Emigração para o Brasil; Correios.
 - “Republica”, 1912. 12. 17, p. 4, c. 4 (Vinhais)
Correspondência de 13: “Vai desaparecendo pouco a pouco a má impressão que os registos civis causaram”; Casamento.
 - “Republica”, 1912. 12. 30, p. 4, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 28: Passaram, “sem novidade”, as festas do Natal; Tempo “lindissimo”; Colheita da azeitona; outras notícias.
 - “Republica”, 1913. 01. 13, p. 3, c. 1 (Vinhais)
Correspondência de 10: “Grandes manifestações” pela notícia da formação de um “ministerio democratico”.
 - “Republica”, 1913. 01. 16, p. 4, c. 4 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 14: Partiu ... Partiram ... Seguiu ... Regressou ...
 - “Republica”, 1913. 01. 26, p. 4, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 24: Política; “Dias chuvosos”.
 - “Republica”, 1913. 02. 13, p. 4, c. 1 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 11: “Tomou posse (...)”; “Esteve nesta vila (...)”; “Para o Porto seguiram (...)”; “Ainda não temos administrador (...)”; “Afinou o tempo (...)”.
 - “Republica”, 1913. 02. 27, p. 4, c. 1 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 25: “Para as suas importantes propriedades, da Horta da Vilariça, partiu (...)”; “Esteve nesta vila (...)”; Sessão em benefício do Clube Macedense; “Pobre idiota [que vagueia pelas ruas da vila] proferindo obscenidades”.

- “Republica”, 1913. 03. 09, p. 3, c. 6 (Moncorvo)
Correspondência de 04: Entusiasmo com que foi lido o artigo da ‘República’ *É a hora*, para concluir: “Deixemo-nos de palavriados e promessas fantasticas. Mais obras e menos exibições teatrais que para nada valem”.
 - “Republica”, 1913. 03. 10, p. 3, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 05: Administrador do concelho; Destacamento da GNR; Aprovado “nas duas casas do Parlamento” o projecto de criação de uma Escola de Comércio na vila; Serviço de correios de Mós.
 - “Republica”, 1913. 03. 20, p. 4, c. 1
(Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 18: Posse do administrador do concelho; Académicos em gozo de férias; Délivrance; Juiz de direito; “Todos os habitantes desta vila conhecem as boas qualidades do habilidoso correspondente do ‘Noticias de Bragança’. Daí, o nosso desprezo”.
(Moncorvo)
Correspondência de 17: “Desagrado geral pela inesperada retirada da secção da guarda nacional republicana”; Festa da árvore.
 - “Republica”, 1913. 03. 25, p. 4, c. 1-2 (Vinhais)
Correspondência de 20: “O que aqui se passou nas festas da semana santa foi uma vergonha. Os padres não pensionistas (...)”.
 - “Republica”, 1913. 04. 04, p. 1, c. 6-7 (Moncorvo)
Reportagem da recepção da caravana de propaganda republicana evolucionista em Moncorvo (que “decorreu com o calor e brilhantismo que caracterisou as das outras terras do nordeste”), assinada pelo C. desta localidade, como se declara: “O nosso solícito correspondente em Moncôrvo narra pela seguinte fôrma a recepção que teve, nesta vila, a missão de propaganda republicana evolucionista”: “Propaganda republicana evolucionista. *A recepção em Moncorvo* decorreu (...)”.
- [Damos a lista das demais reportagens (ou outras referências) da digressão, nunca assinadas: 03. 27, p. 1, c. 3-5: “Propaganda republicana pensionista. *No teatro Camões, em Bragança, realiza-se uma imponente sessão de propaganda* na qual o snr. dr. António José de Almeida, por entre constantes e entusiasticas aclamações, verbera, em termos energicos, o procedimento do governador civil por ter realizado uma exibição de força policial, absolutamente injustificavel. *Terminada a sessão, tanto a assistencia, no teatro, como o povo, na rua, aclamam delirantemente os membros da missão de propaganda evolucionista*”.
- Reportagem do banquete em Mirandela e da sessão em Bragança; 03. 28, p. 1 – Banquete em Bragança e recepção em Alfândega da Fé; 03. 29, p. 1 – c. 1, Recepção em Moncorvo; c. 5, Breve referência à passagem por Vila Flor; 03. 30, p. 1 – Mapa da “região percorrida pela missão de propaganda evolucionista”;

04. 03, p. 1, c. 6-7 – “Propaganda republicana pensionista. *Ainda a recepção em Alfandega da Fé*. A missão evolucionista é carinhosamente recebida na Camara Municipal, e no Centro Republicano Evolucionista realiza-se uma sessão de propaganda que decorre entusiástica”].
- “Republica”, 1913. **04**. 08, p. 3, c. 2 (Mogadouro)
Comunicação do C., de 07, que transcrevemos: “Mogadouro, 7 / O Governador Civil de Bragança, telegrafou ao administrador do conselho [sic], ordenando que intimasse o professor da freguezia de Castelo Branco a abandonar a povoação no praso de 24 horas. O administrador encontrando o professor nesta vila, intimou-o verbalmente a não voltar ali, sob pena de desobediencia, passando-lhe certidão da intimação. É uma violencia”.
 - “Republica”, 1913. 04. 15, p. 5, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 10: Guarda Nacional Republicana; Feira mensal; Pedido de votos, “sem se saber para que eleições”; Tempo seco.
 - “Republica”, 1913. 04. 21, p. 3, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência não datada: “Vai-se movimentando o mundo politico para as proximas eleições (...)”; “Deve chegar em breves dias o contingente da guarda republicana”.
 - “Republica”, 1913. **05**. 05, p. 3, c. 3 [Seraficas (sic), Trás-os-Montes]
Correspondência de 04. 30 referindo a tradicional “solenidade” da festa de N. Senhora do Aviso, “nesta povoação”.
 - “Republica”, 1913. **05**. 06, p. 4, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 03: “Festa operária e artistica”; Correio de Mós; Tempo “frigidissimo”; “Regressou da sua viagem o snr. Dr. Ferreira Margarido”.
 - “Republica”, 1913. 05. 12, p. 3, c. 5-6 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 09: Prémios da corrida de ciclistas “que ante-ontem se realizou nesta vila”; “Esteve nesta vila (...)”; “Esteve nesta vila (...)”; “Esteve nesta vila (...)”; “Está doente (...)”; “Está melhor (...)”.
 - “Republica”, 1913. 05. 19, p. 3, c. 1 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 13: “Tem estado doente (...)”; “Seguiram para o Porto (...)”; “Regressaram a esta vila (...)”.
 - “Republica”, 1913. 05. 24, p. 3, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 22: Secção da Guarda Republicana ... “que ainda não possui uma só praça”; “Grande a falta de centeio” no concelho; Escola Elementar do Comércio Manuel António de Seixas; “Reparado o caminho publico que conduz á capela de S. Lourenço”; Policiamento das ruas; O tempo.
 - “Republica”, 1913. **06**. 02, p. 2, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 30: Contribuições – Extractamos: “Não ha pão, temos de o importar do estrangeiro, carissimo; não ha trabalhos onde se possa ganhar; porem, tem de haver para pagar a contribuição”; Nova lei eleitoral.

- “Republica”, 1913. 06. 22, p. 2, c. 3 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 16: Entusiasmo para a tradicional festa do S. João; Casamento; Délivrance; “Estão proximos os segados. Este ano a colheita é prometedora (...)”
c. 4 (Mogadouro)
Correspondência de 16: Assassínio; Transferência; Tem estado incomodado
...
c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 16: Começaram as ceifas; “Ainda não apareceu a Guarda Republicana, quando virá?”; “Há grande *harmonia* entre os diferentes grupos politicos locais. Nadam em rosas ...”.
- “Republica”, 1913. 06. 24, p. 4, c. 2-3 (Moncorvo)
Correspondência de 21: “Soirée familiar”, a pedido da doente (que ‘está melhor da grave doença’) D. Francisca Araújo do Nascimento.
- “Republica”, 1913. 07. 08, p. 4, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 06: Caso das águas de Lamelas; Pauta dos jurados; Arrematação dos bens da Junta de Carniçais.
- “Republica”, 1913. 07. 12, p. 3, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 10: Continuação do tempo “seco e quente”; Receptáculos postais; Fim dos exames do 1º grau.
- “Republica”, 1913. 07. 16, p. 3, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 14: A Lei da Separação – “no norte do país pouco ou quase nada respeitada”.
- “Republica”, 1913. 07. 21, p. 2, c. 6 (Moncorvo)
Correspondência de 18: Ainda a Lei da Separação; Dois desastres em Souto da Velha.
- “Republica”, 1913. 07. 28, p. 3, c. 1 (Alfândega da Fé)
Correspondência de 24: “É extraordinario tudo o que se tem passado neste concelho com os monarquicos-democráticos, não tendo este gente nenhuma figura de destaque (...)”.
- “Republica”, 1913. 08. 03, p. 4, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 07. 28: Posse do novo administrador do concelho; Eleição para a comissão venatória; “Tem passado bastante incomodado (...)”.
Correspondência de 08. 01: Chegada da guarda republicana; “Deve sair por estes dias o primeiro numero do orgão evolucionista local, que se intitulará *Ecos de Reborêdo*”; etc.
- “Republica”, 1913. 08. 09, p. 5, c. 1 (Alfândega da Fé)
Correspondência de 05: Sobre os ‘monarquicos-democráticos’ continuarem a “*desacreditar* o regime, com as suas tropelias”.

(Moncorvo)

Correspondência de 07: Chegada da guarda republicana; Receptáculos postais; “Prometem ser deslumbrantes os festejos da Nossa Senhora da Assunção”.

- “Republica”, 1913. 08. 17, p. 4, c. 1 (Alfândega da Fé)
Correspondência de 15: “Continuam navegando no mar revolto das perseguições os talassas democráticos deste concelho. É um nunca acabar! Ontem (...)”.
- “Republica”, 1913. 08. 18, p. 3, c. 4-5 (Moncorvo)
Correspondência de 16: “Geral indignação pela retirada inesperada da guarda republicana”; Congresso evolucionista; Feira e festa anual.
- “Republica”, 1913. 08. 30, p. 3, c. 1 (Mogadouro)
Correspondência de 26: “Vai reaparecer por estes dias o semanario republicano *O Mogadouro* que havia suspendido a sua publicação, em virtude de se encontrar ausente todo o seu corpo redactorial”; Política do concelho; etc.
- “Republica”, 1913. 08. 31, p. 4, c. 4 (Mogadouro)
Correspondência de 28: “Encontra-se nesta vila (...)”; “Tivemos o prazer de abraçar (...)”; “A passar as férias encontra-se (...)”; Festa da Senhora do Caminho.
- “Republica”, 1913. 09. 06, p. 3, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 04: Tempo “ótimo para a agricultura”; Prolongamento da linha do Pocinho a Miranda; Prisão de “varias pessoas”, em Freixo (de Espada à Cinta), “por causa de tumultos ocorridos entre mulheres e a guarda republicana”; etc.
- “Republica”, 1913. 09. 14, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 11: “Ainda não veio a Guarda Republicana (...)”; Partiu para banhos ...; “Tambem partiu para a Figueira da Foz (...)”; Está doente ...
- “Republica”, 1913. 09. 23, p. 3, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 21: “Posto sabermos que é prégar no deserto, não cessaremos de protestar contra quem nos priva de ter a Guarda Republicana”; etc.
- “Republica”, 1913. 09. 25, p. 4, c. 1 (Alfândega da Fé)
Correspondência de 23: Extractamos – “(...) pelos individuos que o snr. Afonso Costa colocou nos lugares de responsabilidade politica”.
- “Republica”, 1913. 09. 30, p. 3, c. 1 (Mogadouro)
Correspondência de 27: Retirou para ...; Retirou para ...; Retirou para ...; “Corre como certo que o *Mogadouro*, folha republicana que se publica nesta vila com o rótulo de independente, sob a direcção do dr. Henrique Cabral e Antonio Pinto Guedes, brevemente se filiara oficialmente num dos partidos politicos”; Acidente em Azinhoso com bomba de dinamite.
- “Republica”, 1913. 10. 10, p. 3, c. 5 (Macedo de Cavaleiros)

- Correspondência de 07: Posto da Guarda Nacional Republicana; Esteve nesta vila ...; Regressou ...; Délivrance.
- “Republica”, 1913. 10. 11, p. 3, c. 1 (Mogadouro)
Correspondência de?: “Morreu ha dias afogada uma pequenita de 5 anos” (na freguesia de Bemposta); “Encontra-se entre nós (...)”.
 - “Republica”, 1913. 10. 14, p. 3, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 06: “O jornal evolucionista *Alma Trasmontana* continúa sendo lido com entusiasmo e verdadeiramente apreciado”; “Sofremos por vezes o desgosto da sua falta”; Feira mensal; “Quasi concluidas as vindimas”.
 - “Republica”, 1913. 10. 21, p. 3, c. 5 (Mogadouro)
Correspondência de 16: Feira dos Gorazes “(...) hoje muito decadente, em virtude da pavorosa emigração para a America do Sul”; Os democráticos, “de orelha murcha”, mas “desaforados na pedinchice dos votos”; Vimos nesta vila ...; etc.
 - “Republica”, 1913. 10. 29, p. 3, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 27: “Neste concelho e limitrofes ha completo socego”; “Muito desejaríamos que a Guarda Republicana percorresse mais as freguesias do concelho”.
 - “Republica”, 1913. 11. 05, p. 3, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 03: Partido Evolucionista; “Começam muito em breve os trabalhos da linha ferrea”.
 - [- “Republica”, 1913. 11. 16, p. 1, c. 3: Breve nota a respeito de Inácio M. S. Freire Pimentel, na qualidade de deputado do Partido Evolucionista nas eleições desta data, com retrato].
 - “Republica”, 1913. 11. 17, p. 3, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 15: Recepção ao senador Dr. João de Freitas, “irmão do candidato a deputado por êste circulo, snr. dr. António Luís de Freitas, ex-juíz desta comarca”, por parte do Partido Evolucionista do concelho.
 - “Republica”, 1913. 12. 04, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 28: Das eleições na Cardanha e em Moncorvo.
[Atendendo a que o C. de Bragança tem primado pelo silêncio, permita-se-nos a inserção, neste lugar, das seguintes referências do ‘Republica’ relativas às eleições nesta localidade, “onde o governo perdeu a eleição”, a saber: edições de 11. 24, p. 1, c. 2 – “Lopes Coelho”; 12. 04, p. 2, c. 5 – Telegrama de Lopes Coelho, Amado Faria e Quintela, reeditado em 12. 07, p. 1, c. 1, comentado; 12. 09, p. 1, c. 2 – “Inaudito” (novo telegrama de Lopes Coelho); e 12. 21, p. 2 – Eco destas eleições, de Bragança, no Parlamento].
 - “Republica”, 1913. 12. 07, p. 4, c. 3 (Vinhais)
Correspondência de 02: Posse, na administração do concelho; Arrematação de carnes verdes.

- “Republica”, 1913. 12. 14, p. 4, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 11: Eleições paroquiais; “Continuam com afan as obras do asilo que em poucos meses deverá começar a funcionar”.
- “Republica”, 1914. 01. 01, p. 4
c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 20: “Excelente impressão” causada pelo discurso de António José de Almeida; Regresso do Dr. João Noronha, médico municipal, de uma viagem de recreio e visita a sua família, de Coimbra; Suicídio do Dr. Salgado, que “dava indícios de alienação mental”, em Poiares; etc.
c. 3-4 (Moncorvo)
Correspondência de 29: “Tomou posse no dia 26 do corrente, da Escola Seixas, como professor, o nosso amigo snr. dr. Manuel Jacinto Tavares, novo bacharel (...). Ao acto assistiram varios amigos do snr. dr. Tavares, e seu irmão, tambem nosso amigo snr. Tavares, abade de Carviçais (...)”; Pedido à corporação da Guarda Republicana para visitar “com assiduidade, as aldeias do concelho, onde os seus serviços são muito desejados e valiosos”; etc.
- [- “Republica”, 1914. 01. 06, p. 4, c. 3 (no final da Secção)
Breve nota, que transcrevemos: “A correspondência de Moncorvo, datada de 30 de dezembro, não é do nosso correspondente habitual”].
- “Republica”, 1914. 01. 08, p. 4, c. 1-2 (Mogadouro)
Correspondência de 03: Professor que se oferece para, gratuitamente, reger um curso nocturno; Feira anual; Posse da “camara democratica”.
- “Republica”, 1914. 01. 15, p. 4, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 05: “Sessão solene da camara municipal”; Fixou residência em Mós, sua terra natal, o ex-facultativo municipal de Freixo Dr. Araújo do Nascimento.
- “Republica”, 1914. 01. 18, p. 4 (Moncorvo)
c. 1 – Correspondência de 09: Atitude do Dr. João de Freitas “na celebre questão de S. Tomé”; “Vamos ter luz electrica na vila”; Feira “pouco concorrida”; Artigo do Dr. Alfredo Pimenta.
c. 3 – Correspondência de 12: Revelações do Dr. João de Freitas no Parlamento; “Bem desejavamos que a guarda republicana dêsse uns passeios pelas aldeias do concelho com mais assiduidade”; “Retiraram já todos os estudantes que se achavam de férias”.
- “Republica”, 1914. 01. 23, p. 4, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 20: Ainda a sessão de posse da Câmara Municipal.
- “Republica”, 1914. 01. 28, p. 4, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de?: Comissão executiva da Câmara Municipal.
- “Republica”, 1914. 02. 04, p. 4, c. 1 (Macedo de Cavaleiros)

- Correspondência de 28: Regressou de Lisboa ...; De viagem ...; Regressou de Mogadouro ...; Estiveram nesta vila ...
- “Republica”, 1914. 02. 06, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 28: “Entusiasmo indescritível ao saber se da queda do gabinete afonsista. Houve manifestações (...)”.
(Veja-se, p. 2, c. 5, a reportagem, datada de 21, mas não assinada, da inauguração da Fundação do Centro Evolucionista de Carrazeda de Ansiães, *Fundação de um novo Centro no Norte / Carrazeda de Anciães*).
 - “Republica”, 1914. 02. 10, p. 5, c. 2
(Mogadouro)
Correspondência de 06: “A politica e o povo de Mogadouro. O democratismo e a queda do gabinete. Uma merenda democrática”.
(Moncorvo)
Correspondência de 08: “A crise. Tubarões em Moncorvo. A última carta do snr. dr. João de Freitas”.
 - “Republica”, 1914. 02. 19, p. 4, c. 2-3 (Moncorvo)
Correspondência de 15: O “brilhante discurso politico proferido ha dias na Camara dos Deputados, pelo *leader* do Partido Evolucionista o nosso querido chefe politico, o sr. Antonio José de Almeida”.
 - “Republica”, 1914. 02. 21, p. 4, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 18: “Oposição evolucionista”; Vai reaparecer o órgão do Partido Evolucionista deste concelho. Bemvindo seja!”.
 - [- “Republica”, 1914. 02. 22, p. 1, c. 4 (“Novidades”)
Transcrevemos: “*Artur Guerra* / Retira hoje de Lisboa, para Freixo de Espada á Cinta, o nosso amigo e correligionário snr. Artur Guerra”.
Nova referência na edição de 02. 24, p. 1, c. 3 (“Novidades”), agora para indicar novas adesões ao Partido Evolucionista, por seu intermédio].
 - “Republica”, 1914. 03. 03, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 25: Carnaval “pouco festejado, devido com certeza ao mau tempo”; Os “bons, mas *indecentes* suinos”, *campeando* pelas ruas.
 - “Republica”, 1914. 03. 13, p. 4, c. 1 (Alfândega da Fé)
Correspondência de 04: “Processo comercial contra um medico” (Ricardo Almeida, que foi absolvido).
 - “Republica”, 1914. 03. 15, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 07: “Continúa a falar-se na reaparição do jornal da localidade, que há tempos suspendeu a publicação (...)”; Acidente com arma de fogo, na freguesia do Souto; “Grande barulheira entre os trabalhadores da linha ferrea do Pocinho a Miranda, no lanço em construção de Carviçaes a Bruço [...]”.
 - “Republica”, 1914. 03. 24, p. 4, c. 1 (Moncorvo)

- Correspondência de 12: Aumento, por parte da Câmara, das contribuições do Estado, “para ocorrer ás despesas dos seus empregados e satisfazer para com os mesmos compromissos importantes”.
- “Republica”, 1914. 03. 29, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 20: Sobre a deliberação do aumento das contribuições, por parte da Câmara, referida na correspondência anterior.
 - “Republica”, 1914. 03. 31, p. 4, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 28: “A jornada de Espinho”, de António José de Almeida; Acidente com arma de fogo (em Ligares).
 - “Republica”, 1914. **04.** 06, p. 3, c. 1-2 (Moncorvo)
Correspondência de 01: Desenvolvida reportagem (equivalente a toda uma coluna) de um “julgamento importante” – o de Luís Ulisses Bonet, acusado “como incurso no artigo 153º do Código Eleitoral e suposto autor duma agressão (...)” –, com múltiplas referências altamente elogiosas ao advogado Eduardo Faria: “Foi de uma eloquencia arrebatadora”; “Explicou brilhante e correctamente aos senhores jurados (...)”; “Desenvolveu com calor (...)”; etc.
 - “Republica”, 1914. 04. 11, p. 2, c. 5 (Mogadouro)
Correspondência de 08: “Administração de Mogadouro” – “Sarilho” em que têm andado os monárquicos
 - “Republica”, 1914. 04. 13, p. 3, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 09: “Dr. João de Freitas” – panegírico, que termina: “Viva o snr. dr. João de Freitas”.
 - “Republica”, 1914. 04. 16, p. 4, c. 1 (Freixo de Espada à Cinta)
Correspondência de 11: “Um administrador prepotente”.
Extractamos: “A força das circunstancias obriga-me de novo a retomar o encargo de correspondente da *Republica*, para que fui nomeado pelo corpo de redacção na ocasião do aparecimento deste jornal. / E digo a força das circunstancias, porque (...)”.
 - “Republica”, 1914. 04. 21, p. 4, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de?: “A jornada ao Algarve; Permuta; Eleições de juntas partidarias; Festa elegante”.
 - “Republica”, 1914. **05.** 17, p. 4
c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 10: A Câmara Municipal solicita ao Governo a “construção da estrada e avenida entre esta vila e a estação do Caminho de Ferro”; Feira do ano.
c. 1-2 (Bragança)
Correspondência de 10: “Grande *soirée*” em casa do Dr. Francisco Morgado; “Para França em viagem de recreio e de automovel partiram os nossos dilectos amigos drs. Eduardo Faria, Pedro Vaz, Bastos Pereira, Agostinho Lopes Coelho

- e José Montanha”; “Esteve aqui de visita (...)”; “Chegou ontem do Funchal (...)”.
- “Republica”, 1914. 05. 26, p. 4, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 19: Nomeação do subdelegado do procurador da República; Concurso para delegado; Companhia dramática que chegou à vila.
 - “Republica”, 1914. **06.** 01, p. 2, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 25: Acácio Vidal, director dos correios e telégrafos do distrito, de passagem por Moncorvo.
 - “Republica”, 1914. 06. 11, p. 3, c. 1 (Torre de D. Chama)
Correspondência de 05: Desordem na feira anual.
 - “Republica”, 1914. 06. 15, p. 3, c. 1 e 5 (Moncorvo)
Correspondência de 04: “Feixe de noticias”: “Estiveram nesta vila (...)”; “Encontra-se há dias aqui (...)”; Limpeza da praça pública e ruas; Retirada para Mogadouro da Companhia Dramática, que “estava há uns dias” em Moncorvo; etc.
Correspondência de 10: Eleições; Mau tempo; Feira mensal.
 - “Republica”, 1914. 06. 28, p. 4, c. 1-2 (Carrazeda de Ansiães)
Correspondência de 20: “Julgamento importante”.
 - “Republica”, 1914. **07.** 01, p. 3, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 23: “Noticias diversas”: Política e Visita do Dr. António Guerra à família.
(Torre de D. Chama)
Correspondência de 25: “Festas de S. João”.
 - “Republica”, 1914. 07. 26, p. 4, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 16: “Os acontecimentos politicos”.
 - “Republica”, 1914. **08.** 09, p. 4, c. 1-2 (Moncorvo)
Correspondência de 30: “Diversas noticias”.
 - “Republica”, 1914. 08. 10, p. 3, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 08: “Varias noticias”.
 - “Republica”, 1914. 08. 17, p. 3, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 14: “Realiza-se hoje e amanhã a grande festa em honra de Nossa Senhora da Assunção (...)”.
 - “Republica”, 1914. 08. 23, p. 3, c. 5 (Pocinho)
Correspondência de 17: Desordem numa taberna, “havendo pancadaria, sôco, obscenidade de palavras e por fim a traiçoeira navalha (...)”.
 - “Republica”, 1914. 08. 24, p. 3, c. 2 (Pocinho)
Correspondência de 18: “De passagem para Foscôa, afim de fazer sindicancia aos tumultos ali havidos por motivo da secularização da capela de Santo António, daquela vila, vimos (...)”.

- “Republica”, 1914. **09.** 02, p. 3, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 31: Regressou de Caldelas, “onde se encontrava veraneando (...)”; “Encontra-se nestas termas (...)”; “Chegou do Porto o nosso amigo Abilio de Campos”.
- “Republica”, 1914. 09. 04, p. 3, c. 3 (Pocinho)
Correspondência de 02: “O que se deve fazer”: “Na qualidade de correspondente não podemos deixar de lembrar a quem competir, para que se façam economias em todas as repartições publicas (...)”.
- “Republica”, 1914. 09. 12, p. 3, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 09: “A guerra; Linha férrea de Corviçais [gralha, por Carviçais] a Bruço”, que “vão com grande incremento”.
- “Republica”, 1914. 09. 14, p. 3, c. 5-6 (Pocinho)
Correspondência de 12: Acidente de trabalho; Festa à Senhora da Veiga; “De regresso de goso de licença (...)”; “Tambem em goso de licença partiu (...)”; etc.
- “Republica”, 1914. 09. 15, p. 3, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 13: Feira anual, “chamada da Graça”.
[Logo a seguir a esta “correspondência”, temos a informação, provinda de Moncorvo, 13, sobre “O tempo e a agricultura”: “Voltou o calor (...)”].
- “Republica”, 1914. 09. 17, p. 3, c. 6 (Pocinho)
Correspondência de 14: “De regresso do Gerez, onde estive fazendo uso das aguas (...)”; “Vindo de Foscoa (...)”.
- “Republica”, 1914. 09. 28, p. 3, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 18: “Vão muito adiantados, estando quasi terminados, os trabalhos os serviços [sic] do asilo desta vila, construido nas faldas do monte do Reboredo (...)”.
- “Republica”, 1914. **10.** 01, p. 3, c. 4 (Freixo de Espada à Cinta)
Correspondência de 24, endereçada “Ao snr. ministro do Interior”, de que extractamos o parágrafo inicial: “Ampliando os telegramas que enviei para a ‘República’ respectivamente em 17 e 20 do corrente, parece-me oportuno o momento para informar o publico em geral e o snr. ministro do Interior em especial, da maneira incorrecta como foi feita a sindicancia aos actos indecorosos praticados pelo ainda, infelizmente, prepotente administrador deste concelho”.
- “Republica”, 1914. 10. 05, p. 3, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 28: “O caso do Colégio das Missões”.
- “Republica”, 1914. 10. 19, p. 3, c. 6 (Moncorvo)
Correspondência de 16: “Casamento”.
- “Republica”, 1914. **11.** 09, p. 2, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 28, de que extractamos: “Os *acontecimentos* / Em que

- pese a muitos ‘patriotas abdominaes’ (...) vê-se que há absoluto socego em todo o paiz, que algumas dezenas de aventureiros tentaram na semana passada perturbar. / Por aqui nada houve e ainda bem (...).”
- “Republica”, 1914. 11. 11, p. 2, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 03: Sessão magna da Câmara, que reuniu “para protestar contra o facto de lhe serem retirados dos rendimentos das suas contribuições, a quantia de 700\$00 para ocorrer ás despesas a fazer com o liceu de Bragança (...)”; Escola Seixas, que ainda não abriu; “Maneira de se fazerem os despejos”; Estão doentes ...; Partiu ...; Regressou ...; A “educação literária”; Julgamento de um homicida.
 - “Republica”, 1914. 11. 18, p. 3, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 16: “Diversas noticias”: “Apesar de ter havido certos sobressaltos com essas miserias intentonas (...)”; “ A tratar de assuntos respeitantes aos seus correligionarios deste distrito, deve ter seguido nestes dias, do Porto para Lisboa, o ilustre senador e um dos mais fortes esteios do evolucionismo sr. dr. João de Freitas, que é tambem o mais prestimoso politico com que este politico conta”; Partiu ...; Chegou...
 - “Republica”, 1914. 11. 19, p. 2, c. 4 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 19: Esteve nesta vila ...; Está entre nós ...; Casamento.
 - “Republica”, 1914. 11. 25, p. 3, c. 6 (Moncorvo)
Correspondência de 23: “A noticia da invasão de Angola pelos alemães (...)”; “Fala-se na fundação nesta vila de uma Associação da Caixa de Crédito. É uma instituição de grande alacance para combater a maldita e tradicional usura”; Campos cobertos de neve.
 - “Republica”, 1914. 12. 05, p. 2, c. 7 (Moncorvo)
Correspondência de 01: “Mais uma vez vimos tocar no ‘ferrolho’ dos altos poderes, para o caso da escola Seixas (...). / Havemos de falar mais”.
 - “Republica”, 1914. 12. 14, p. 2, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 08: A crise política – “assunto para discussões varias, ouvindo-se de todas as bocas (...)”.
 - [- “Republica”, 1914. 12. 17, p. 1, c. 2-3
“Caminho de ferro do Pocinho”. / Começa: “Os ultimos trabalhos de campo do snr. engenheiro Wanzeler que tem andado a fazer a rectificação do estudo do caminho de ferro do Pocinho a Miranda do Douro, empurram êste para as povoações raianas da margem do rio, deixando, a grande distancia, o centro do concelho de Mogadouro (...)”. / Conclui: “Para tudo isto chamamos a atenção do senhor ministro do Fomento, lembrando-lhe que fazer um caminho de ferro que a ninguém serve, deixando, a 9 quilómetros, a séde dum importantissimo concelho, é um erro absolutamente imperdoavel, para não dizermos um crime”].

- “Republica”, 1914. 12. 18, p. 2, c. 5-6 (Mogadouro)
Correspondência de 12: Desenvolvida reportagem do julgamento do Dr. Henrique Cabral, “acusado de no jornal ‘O Mogadouro’, ter injuriado e difamado o administrador deste concelho, o antigo franquista, progressista, regenerador e nacionalista, Afonso Henriques de Moraes Machado”. / Conclui na edição de 12.
- “Republica”, 1914. 12. 21, p. 3
c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 17: “A questão politica”.
c. 2 (Mogadouro)
Correspondência de 12 (Mogadouro): Conclusão da reportagem iniciada na edição de 18.
- “Republica”, 1914. 12. 30, p. 3, c. 5 (Torre de D. Chama)
Correspondência de 27: Aniversário.

- “Republica”, **1915. 01.** 11, p. 3 (Moncorvo)
c. 5 – Correspondência de (1914. 12) 31: “Os acontecimentos de Angola”; Igreja roubada; Morte de um ébrio”.
c. 6 – Correspondência de 06: “Política”: “É desfavoravelmente comentada a atitude dos parlamentares unionistas (...)”.
- “Republica”, 1915. 01. 18, p. 3
c. 5-6 (Torre de D. Chama)
Correspondência de 12: Baptisado.
c. 6 (Moncorvo)
Correspondência de 15: Partido Evolucionista.
- “Republica”, 1915. 01. 25, p. 3
, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 22: Declaração do cereal e legumes; Cobrança da contribuição municipal; Insubordinação militar de Lisboa.
c. 5-6 (Torre de D. Chama)
Correspondência de 22: Instrução militar preparatória; “Vai fundar-se, aqui, um club, que será inaugurado no dia 1 do proximo mês de fevereiro, e que terá o nome de Club Recreativo da Torre”; Recenseamento eleitoral; Festa da Árvore.
- “Republica”, 1915. 01. 30, p. 3, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 27: “A queda do gabinete V. Hugo”: “Causou geral regosijo a queda tão desejada do gabinete democrático (...)”.
- “Republica”, 1915. **02.** 15, p. 3 (“A Republica nas provincias”)
c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 01: Representação ao Director Geral das Contribuições

Directas; Demissão do Administrador do Concelho; Eleições.

c. 1 (Mogadouro)

Correspondência de 07: Festa da Árvore; Circular enviada aos professores oficiais do círculo escolar de Mogadouro proibindo os castigos corporais.

c. 4 (Torre de D. Chama)

Correspondência de 04: Reunião da Assembleia Geral do Club Recreativo da Torre “afim de se pronunciar sobre o reaparecimento do mesmo club, que foi extinto em 1910, e de se proceder á eleição dos corpos gerentes”.

c. 7 (Torre de D. Chama)

Correspondência de 10: Governador Civil de Bragança.

- “Republica”, 1915. 02. 17, p. 2 (Moncorvo)

Correspondência, não assinada, de 12: “Espera-se a substituição das autoridades administrativas (...)”.

- “Republica”, 1915. 03. 01, p. 2, c. 3 (Torre de D. Chama)

Correspondência de 20: Pedido das “mais rapidas e energicas providencias” relativamente à “casa onde actualmente se encontra instalada a estação telegrafo-postal”, pelas razões que aponta.

- “Republica”, 1915. 03. 03, p. 2, c. 1 (Vinhais)

Correspondência de 26: Posse do administrador interino do concelho.

- “Republica”, 1915. 03. 08, p. 3, c. 5 (Moncorvo)

Correspondência de 18: Serviço postal entre Moncorvo e Maçores; Carnaval pouco animado; Mau tempo.

Um pouco acima, em correspondência de 25, temos a notícia de que Guilherme Vaz, farmacêutico da vila, “está bastante doente, com uma pneumonia”.

- “Republica”, 1915. 03. 09, p. 2, c. 6-7 (Moncorvo)

Correspondência de 17: “Já se vai falando em eleições”.

- “Republica”, 1915. 03. 22, p. 3

c. 2 (Torre de D. Chama)

Correspondência de 08: “Vai esta terra, felizmente ter um jornal, o qual se intitular-se-há (sic), *Eco de D. Chama*, e terá por fim, não só defender os interesses desta vila, como tambem os da provincia de Traz os-Montes (...)”; Pedido da elevação a 3ª classe da estação telégrafo-postal; Festa da Árvore; De visita ...

c. 3 (Moncorvo)

Correspondência de 01: “O *Janeiro* de ontem publica uma correspondência desta vila, firmada por M. Peixoto, que pela *letra* trezanda a politiquice democrática, quando se refere á relação entre os vencimentos dos encarregados das estações postais de Carviçaes e Mós e á grandeza das duas freguezias (...)”.

- “Republica”, 1915. 03. 25, p. 2, c. 5 (Moncorvo)

- Correspondência de 15: Escola Seixas; Gabinete Pimenta de Castro.
- “Republica”, 1915. 03. 26, p. 2, c. 6 (Moncorvo)
Correspondência de 22: O Governo; Consta que o Dr. Ramiro Guerra, “que tem estado há anos em S. Tomé”, vem a caminho da Metrópole.
 - “Republica”, 1915. 04. 06, p. 2, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 01: “Mal interpretada a portaria do actual governo sobre cultuais, ou interpretada ‘manhosamente’ (...)”; Grande temporal.
 - “Republica”, 1915. 04. 19, p. 2, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 12: “Forte ataque de influenza” por parte do C.; “*Pic-nic* para festejar as melhoras da doença de que sofreu o nosso correligionario Guilherme Vaz, festa a que assistiram muitos amigos, sendo completada com um baile á noite”.
 - “Republica”, 1915. 04. 28, p. 2, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 18: “A politica, por estes sitios, continua sem interesse, parecendo tudo cansado e gasto”; “Partiram ontem (...)”.
 - “Republica”, 1915. **05**. 04, p. 3, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 26: “Chegou ha dias ao Felgar, deste concelho, sua terra natal, o prestimoso amigo e distincto medico, snr. dr. Ramiro Guerra”.
 - “Republica”, 1915. 05. 22, p. 2, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 08: “A verdade”, política.
 - “Republica”, 1915. **06**. 07, p. 2, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 29: “Calma e socegada atitude”, no concelho; Artigo de António José de Almeida lido “com grande interesse”.
 - “Republica”, 1915. 06. 11, p. 2, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 08: Candidatos evolucionistas em Moncorvo; Feira mensal “pouco concorrida devido ao mau tempo”.
 - “Republica”, 1915. 06. 14, p. 3, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 03: “Um artigo”, de António José de Almeida.
 - “Republica”, 1915. 06. 18, p. 2, c. 1 e 2 (Moncorvo)
Correspondências de 09 (Sorteio das mesas eleitorais) e 06 (Posse do cargo de administrador do concelho, por parte de Júlio Madeira).
 - “Republica”, 1915. 06. 22, p. 2, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 20: António José de Almeida e a crise.
 - “Republica”, 1915. **07**. 02 e 05, p. 3, c. 3 (Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 20: “Uma adesão valiosissima. O acto eleitoral”.
Extractamos: “As eleições gerais realizadas no dia 13 decorreram com a maxima ordem em todo o concelho de Macedo e delas resaltou [sic] á evidencia a imensa vitoria moral do Partido Evolucionista. Partido de ordem e de principios, constituído por cidadãos conscientes, a sua aparição na arena política do concelho, sob a chefia da prestigiosa figura que se chama o dr. José Eugenio

Teixeira (...)

[Ver referência a José Eugénio Teixeira na edição de 09. 17, p. 1, c. 4, “Novidades”].

- “Republica”, 1915. 07. 04, p. 2, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 25: Concelho “bem fadado e beneficiado na escolha das autoridades administrativas”.
- “Republica”, 1915. 07. 12, p. 2, c. 6 (Moncorvo)
Correspondência de 04: “Todos os evolucionistas deste concelho estão desgostosos por não ser validada (...)”.
- “Republica”, 1915. 07. 19, p. 2, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 17: Atitude do Partido Evolucionista; Lei do descanso semanal; Chegada de ...; Partida de ...
- “Republica”, 1915. 07. 26, p. 3, c. 1 (Moncorvo)
“A questão duriense”; “Um grupo de indivíduos da sociedade moncorvense trata da fundação dum club recreativo, para o que tem já um bom numero de socios”.
- “Republica”, 1915. 08. 16, p. 3, c. 2 (Moncorvo)
Correspondência de 11: Festa de Nossa Senhora da Assunção; Incêndio no pinhal Meia, próximo do Felgar; Inspeção aos cartórios e demais repartições públicas.
- “Republica”, 1915. 08. 23, p. 3, c. 1 (Moncorvo)
Correspondência de 18: As anunciadas festas em honra de Nossa Senhora da Assunção.
- “Republica”, 1915. 09. 06, p. 3, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 01: O ‘exemplo’ dos discursos proferidos pelos deputados e senadores evolucionistas nas últimas sessões.
- “Republica”, 1915. 09. 17, p. 3, c. 5 (Moncorvo)
Correspondências de 08: discurso de Malva do Vale no Parlamento, ao qual “Republica” fez oportuna referência e de 12: conflito entre a Câmara e o administrador do concelho no caso do pagamento das contribuições municipais.
- “Republica”, 1915. 09. 20, p. 2, c. 4 (Moncorvo)
Correspondência de 16: “A situação entre a camara e o administrador do concelho ainda se mantem hostil, continuando a vila sofrendo as consequencias dos caprichos (...)”.
- “Republica”, 1915. 09. 28, p. 2, c. 6 (Moncorvo)
Correspondência de 24: “O pagamento das contribuições municipais”; Deve chegar ... (Humberto de Araújo).
- “Republica”, 1915. 10. 04, p. 3, c. 3 (Moncorvo)
Correspondência de 29: “Os conflitos locais manteem-se na mesma (...)”; Linha férrea de Carviçais a Bruçó.

- “Republica”, 1915. 10. 11, p. 2, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 09: Trabalhos de canalização na rua do Cano; Partiu para o Porto ...
- “Republica”, 1915. 11. 15, p. 2
c. 6 (Torre de D. Chama)
Correspondência de 10: “Um heroe de Africa “ (Leonel Augusto Ferrador, soldado do 1º grupo de Metralhadoras).
c. 7 (Moncorvo)
Correspondência de 11: Terminados oss serviços de canalização de esgotos, na rua do Carro.
- “Republica”, 1915. 12. 13, p. 2, c. 5 (Moncorvo)
Correspondência de 06: “Conflito sangrento” (em Mós).
(Há referência anterior, que perdemos).
- “Republica”, 1917. 07. 07, p. 2, c. 2 (Moncorvo).
Correspondência de 05: “Realisou-se no dia 2 do corrente a reunião do Senado Municipal dêste concelho para se proceder á eleição da comissão executiva da camara. Foi a quarta reunião chegando-se afinal a um acordo entre evolucionistas, democráticos e o sr. dr. Margarido (...)”; Eclipse da lua; “Partiu para Longroiva (...)”.
- “Republica”, 1917. 07. 12, p. 2, c. 1 (Moncorvo).
Correspondência de 09: Simples notícia da realização, “ontem”, da feira mensal – “bastante concorrida”, com “muitas transacções de gado”.
- “Republica”, 1917. 07. 14, p. 2, c. 5 (Moncorvo).
Correspondência de 11: O caso da professora Elsa de Araújo (de que já o C. falara, mas de que não tomámos nota), “vítima de baixas vinganças”; Revista aos soldados.
- “Republica”, 1917. 07. 18, p. 2, c. 4 (Moncorvo).
Correspondência de 15: “Os ultimos acontecimentos da capital”, assunto de todas as conversas; “Estropiada” a última correspondência.
- “Republica”, 1917. 07. 25, p. 2, c. 2 (Moncorvo).
Correspondência de 23: O Dr. Ferreira Margarido em Lisboa; “Regressou de Moledo (...)”.
- “PJ”, 1931. 01. 07, p. 6
c. 2 (Mirandela)
Preços da carne; Os heroicos aviadores transmontanos (Moreira Cardoso e Francisco Pimentel).
c. 6 (Carrazeda de Ansiães)
Máquinas agrícolas; Bombeiros voluntários; “Outras noticias”.

- “PJ”, 1931. 01. 10, p. 6, c.? (Mirandela)
Festas natalícias.
- “PJ”, 1931. 01. 17, p. 3, c. 7 (Bragança)
Festas (do Natal e Ano Novo); Dr. Guilherme Teixeira; Stand Citróen.
[Dia 31 foi organizado um sarau pelo major Coelho, Dr. Raúl Teixeira e Dr. António Quintela, tendo o Dr. António Saldanha recitado, no final, o *Juízo do Ano 1931*, monólogo em verso, de Raúl Teixeira, “que manteve os espectadores em constante gargalhada do principio ao fim”].
- “PJ”, 1931. 01. 18, p. 5, c. 8 (Moncorvo)
Reuniu a assembleia geral da Sociedade Filarmónica; Vão adiantados os trabalhos de construção do talho municipal; etc.
- “PJ”, 1931. 01. 27, p. 5, c. 8 (Carrazeda de Ansiães)
Desastre; Gripe; Ponte sobre o Tua; etc.
- “PJ”, 1931. 02. 03, p. 3, c. 6-8 (Mirandela)
Reportagem da recepção aos tripulantes do “Marão”. Ver 1931. 01. 17.
- “PJ”, 1931. 02. 08, p. 7, c. 1 (Carrazeda de Ansiães)
O tempo; Convalescença de António José Múrias.
- “PJ”, 1931. 02. 12, p. 7
c. 2 (Bragança)
Movimento hospitalar; Crime de infanticídio; Comemoração do “23 de Janeiro”.
[“No dia 23 á noite, como de costume, reuniu em sua casa, o sr. José Montanha, um grupo de republicanos, que tomaram parte mais activa no movimento (...)”].
c. 5 (Foz Tua)
Caçadas nos montados de Nagodelo e Soutelo.
- “PJ”, 1931. 02. 17. p. 7, c. 7 (Bragança)
Falecimento de D. Ernestina Vargas Morgado; Gripe; Donativo à Santa Casa da Misericórdia; o Pe. Castro elevado à dignidade de camareiro de Sua Santidade; etc.
- “PJ”, 1931. 02. 24, p. 6
c. 4 (Izeda)
“A gripe – Carnaval”.
c. 7 (Macedo de Cavaleiros)
Águedo de Oliveira nomeado subsecretário das Finanças; “Vão principiar brevemente os trabalhos de conclusão de embelezamento do Largo da Praça da Liberdade”; etc.
- “PJ”, 1931. 02. 25, p. 6
c. 4 (Vila Flor)
Julgamento; Gripe; Carnaval.
c. 6-8 (Carrazeda de Ansiães)

- Estrada Carrazeda - Seixo; Carnaval; Posto de socorros médico-cirúrgicos; etc.
- “PJ”, 1931. 02. 28, p. 8, c. 2-5 (Bragança)
 “Incumbido duma missão, fômos a Miranda do Douro ha 4 ou 5 dias, onde já não iamos ha cerca de dois anos. As obras que ali se realizaram neste curto espaço de tempo (...)”.
 - “PJ”, 1931. 03. 07, p. 5, c. 8 (Mirandela)
 O problema da *luz* — de contrário “seremos forçados ao retrocesso para o petroleo ou acetilene”; Jogo de futebol com Bragança; etc.
 - “PJ”, 1931. 03. 22, p. 7, c. 2 (Carrazeda de Ansiães)
 Incêndios; Campo de aviação.
 - “PJ”, 1931. 04. 12, p. 6, c. 2 (Izeda)
 “Varias noticias”.
 - “PJ”, 1931. 04. 15, p. 6, c. 2 (Freixo de Espada à Cinta)
 Várias notícias.
 - “PJ”, 1931. 04. 29, p. 1, c. 7-8 (Vila Flor)
 Reportagem do Enviado Especial rotulada *O bárbaro crime da Fraga do Ovo*, que continua nas edições de 04. 30 (p. 2) e 05. 01 (p. 3) e 03 (p. 6).
 - “PJ”, 1931. 05. 14, p. 8
 c. 8 (Carrazeda de Ansiães)
 Incêndios e “levantamento do perfil do rio Tua para conclusão do projecto da ponte sobre aquele rio”.
 c. 8 Mirandela)
 Récitas para cobrir o “deficit” das festas de N. S. do Amparo, de 1930; Comissão de festas para 1931.
 - “PJ”, 1931. 05. 21, p. 8, c. 7 (Torre de D. Chama)
 “Festa íntima” em casa de Aníbal Rodrigues.
 - [- “PJ”, 1931. 06. 12, p. 3, c. 8
 Aviso da Estação Sericícola “Meneses Pimentel”, de Mirandela, aos sericicultores, informando que, em consequência da crise “porque está atravessando a sericultura nacional, adquiriu as instalações necessárias para, gratuitamente, proceder á estufagem e secagem de todo o casulo do bicho da seda que para esse fim lhe seja enviado”, o que permite aos sericicultores que não encontrem comprador aguardarem melhor oportunidade].
 - “PJ”, 1931. 06. 12, p. 5, c. 6-7 (Bragança)
 Hospital da Misericórdia; Lactário; Asilo Duque de Bragança; Dispensário Anti-Tuberculoso.
 - [- “PJ”, 1931. 06. 16, p. 6, c. 1-3
 Representação do Sindicato Agrícola de Mirandela, ao ministro da Agricultura, não datada, assinada por Joaquim Maria Neto, seu presidente].

- “PJ”, 1931. 06. 20, p 3, c. 4-5 (Bragança)
Viagem de estudo dos alunos do liceu a Miranda do Douro; Visita do general Trindade às estradas do distrito; Jantar de confraternização; etc.
[“Ha vinte anos” que o C. desempenha a “missão” de correspondente].
- “PJ”, 1931. 07. 03, p. 6, c. 2 (Bragança)
Correspondência de 20 de Junho: “Nota política”; “Generos improprios para consumo”; “Notícias religiosas”; “Museu Regional” – Notícia da visita de Lothar Wickert, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Berlim e membro da Academia de Ciências da mesma cidade, a Bragança, “onde se demorou três dias, expressamente consagrados a estudos no museu regional”, a fim de “colher subsídios á preciosa colecção epigráfica do nosso museu para a publicação dum suplemento, de que está encarregado, ao ‘Corpus Inscriptionum Latinarum’ de Hübner”; Impressões deixadas no livro de registo dos visitantes, do referido museu, em tradução do Dr. Daniel José Rodrigues – ; “Reitor de Baçal em Simancas” – Notícia de que “Afim de coligir elementos para o seu 8º volume das *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, acha-se em Simancas (Espanha) o nosso ilustre arqueólogo padre Francisco Manuel Alves, reitor de Baçal. / Segundo informações aqui recebidas, nas investigações a que já procedeu, colheu o sr. reitor de Baçal preciosos elementos sôbre assuntos referentes a Bragança e ao distrito (...)”.
Correspondência de 24 de Junho: Estrada de Miranda; Trovoadas; Ano agrícola; Rede telefónica – Notícia de que se acham “quási concluídos os trabalhos de estudo [da instalação] da parte norte do distrito”.
- “PJ”, 1931. 07. 08, p. 6, c. 7 (Torre de Moncorvo)
Correspondência de 24 de Junho: “Solucionada a irritante questão da filarmónica da terra”; Chegada do novo relógio para a torre da igreja matriz; “Reformados e pintados já ha bastantes dias” os bancos da Praça e do Castelo; Ensaio de nova peça no Teatro da vila.
- “PJ”, 1931. 07. 25, p. 2, c. 4-5 (Bragança)
Carta (do C.), datada de 21 de Julho: Obras da Avenida João da Cruz; Visita de confraternização – os sargentos da guarnição de Chaves visitam os sargentos da guarnição de Bragança; Exposição de trabalhos da sucursal das máquinas Singer; O Dr. João Carlos de Noronha toma posse do cargo de governador civil; Crime de estupro; “Diversas” – O Dr. Diogo Vargas, de férias em Bragança; O Dr. Olímpio Dias, director da Escola Industrial, partiu para o Moledo; Josefa Quintanilha, de visita ao sobrinho Acácio Mariano; etc.
- “PJ”, 1931. 08. 19, p. 2, c. 1-2 (Mirandela)
Carta (do C.), de 16 de Agosto: “Rectificação”; Incêndio; Banco Nacional Ultramarino; Sport Club de Mirandela; Venda de cereais.
- “PJ”, 1931. 08. 25, p. 2, c. 1-2 (Mirandela)

- Carta (do C.), de 22 de Agosto: “Várias notícias”; O novo código da caça.
- “PJ”, 1931. 08. 29, p. 4, c. 7 (Carrazeda de Ansiães)
Correspondência de 25 de Agosto: Inspeções militares; O tempo; Instalação de uma cabine telefónica “que ligará esta vila com o Tua”.
 - “PJ”, 1933. 01. 03, p. 6, c. 7 (Freixo de Espada à Cinta)
Notícia de um jantar de despedida ao secretário das Finanças e notícia de que o Dr. Virgílio Taborda, professor da Universidade de Coimbra, “tambem se encontra nesta vila”.
 - “PJ”, 1933. 01. 05, p. 6, c. 2 (Bragança)
Natal dos pobres; Cão hidrófobo; Formatura do Dr. Francisco António Garcia; Entrada do novo prelado na diocese; Mais um volume das *Memórias* de Francisco Manuel Alves.
 - “PJ”, 1933. 01. 05, p. 6, c. 3 (Mogadouro)
“Boas Festas. Outras [por evidente lapso, ‘Oxtras’] notícias”.
 - “PJ”, 1933. 01. 11, p. 6, c. 3 (Moncorvo)
Material de incêndios para os bombeiros; Arrematações; etc.
 - “PJ”, 1933. 01. 13, p. 6, c. 6 (Freixo de Espada à Cinta)
Acção das juntas de freguesia do concelho; Festa dos Reis; etc.
 - “PJ”, 1933. 01. 14, p. 6, c. 7 (Macedo de Cavaleiros)
“Importante feira de gado”; Hospital da Misericórdia (resumo do Relatório do ano de 1932).
 - “PJ”, 1933. 01. 18, p. 5, c. 4 (Moncorvo)
Reportagem, de 17, relatando um incêndio no Salão Teatro de Moncorvo. Extractamos: “Funcionava o cinema, e era meia noite quando o fogo rebentou com violencia na bilheteira (...). / O pânico foi indiscriminado (sic), e maior ainda quando se verificou que as portas, à excepção de uma – a da entrada, – estavam pregadas por dentro! Do teatro ficaram as paredes (...)”.
 - “PJ”, 1933. 01. 18, p. 6, c. 3 (Bragança)
Conferência de Abel Salazar; Subsídio de 20 000\$00 para liquidação da dívida contraída com o restauro da Domus; Rodney Gallop leva a Londres os Pauliteiros de Miranda; Lobos; etc.
 - “PJ”, 1933. 01. 20, p. 6
c. 6 (Bragança)
Conferência de Abel Salazar, na Biblioteca Erudita de Bragança; Os “graves inconvenientes” do futebol.
c. 7 (Moncorvo)
“Varias noticias”.
 - “PJ”, 1933. 01. 21, p. 6, c. 4 (Freixo de Espada à Cinta)
Casa do Douro.

- “PJ”, 1933. 01. 24, p. 2, c. 1-3 (Freixo de Espada à Cinta)
Desenvolvida reportagem, rotulada “A grande reunião de domingo em Freixo de Espada à Cinta”. Em exerga: “O protesto contra a marca Extremadura. O sr. Ministro admite a possibilidade de ter de revogar o decreto que a creou. O artigo do dr. Nuno Simões. Outras notas”.
- “PJ”, 1933. 01. 26, p. 6, c. 3 (Nozede de Cima, Vinhais)
“Varias noticias”.
- “PJ”, 1933. 01. 28, p. 6, c. 5 (Izeda)
“Varias noticias”.
- “PJ”, 1933. **02.** 03, p. 6, c. 4 (Macedo de Cavaleiros)
De passagem para Bragança, o bispo D. Luís António de Almeida apeou-se na estação, “indo pernoitar em Castelões”.
- “PJ”, 1933. 02. 05, p. 8, c. 1-2 (Bragança)
Bispo da diocese; Museu Regional; Governador Civil, que pede a demissão; Assistência; Sindicato Agrícola; etc.
- “PJ”, 1933. 02. 12, p. 7
c. 7 (Freixo de Espada à Cinta)
Várias notícias.
Idem (Vila Flor)
Transferência do chefe da estação do Cachão.
- “PJ”, 1933. 02. 16, p. 6
c. 2 (Bragança)
Festa da Árvore.
c. 3 (Mogadouro)
“Licenças de porta aberta”.
- “PJ”, 1933. 02. 17, p. 6, c. 8 (Bragança)
Novo governador civil, Cor. Salvador Nunes Teixeira.
Ver notícia da posse na edição de 02. 21, p. 2, c. 7.
- “PJ”, 1933. 02. 23, p. 6, c. 6 (Moncorvo)
Bombeiros; Feira franca; Sopa aos pobres; Igreja matriz, “que há mezes passou a monumento nacional”; etc.
- “PJ”, 1933. 02. 28, p. 6
c. 3 (Nozede de Cima, Vinhais)
Festa de homenagem ao P.^e Firmino Martins.
c. 7 (Freixo de Espada à Cinta)
Melhoramentos locais; etc.
- “PJ”, 1933. **03.** 03, p. 6
c. 4 (Izeda)
“Várias notícias”.
c. 5 (Vila Flor)

- Nova comissão administrativa e banda de música.
- “PJ”, 1933. 03. 05, p. 9
c.? (Lagoa, Macedo de Cavaleiros)
Festa da Árvore; etc.
c. 6 (Macedo de Cavaleiros)
Visita do Governador Civil.
 - “PJ”, 1933. 03. 08, p. 6
c. 2 (Macedo de Cavaleiros)
Julgamento de um infanticídio.
c. 3 (Vila Flor)
Nova comissão administrativa.
c. 8 (Moncorvo)
Comissão administrativa; etc.
 - “PJ”, 1933. 03. 10, p. 6, c. 3 (Bragança)
Récita de caridade; Oferta de um quadro ao Museu, por parte do pintor Túlio Vitorino; etc.
 - “PJ”, 1933. 03. 11, p. 6, c. 5 (Nozede de Cima, Vinhais)
“Ecos de uma homenagem” (a homenagem ao P.^e Firmino Martins, acima referida).
 - “PJ”, 1933. 03. 14, p. 6, c. 7 (Bragança)
Mais dois crimes graves; Gripe; Arborização das estradas.
 - “PJ”, 1933. 03. 15, p. 6, c. 3 (Freixo de Espada à Cinta)
“Varias noticias”.
 - “PJ”, 1933. 03. 28, p. 8
c. 1 (Bragança)
O Dr. Águedo de Oliveira visita o Museu Regional.
c. 2 (Vimioso)
“Várias noticias”.
c. 3 (Moncorvo)
Donativo; O tempo; etc.
 - “PJ”, 1933. 03. 30, p. 6
c. 2 (Mogadouro)
O tempo, “muito chuvoso”; Deliberações municipais sem respeito pela lei”;
Abastecimento de água.
c. 8 (Macedo de Cavaleiros)
Tomada de posse; Retirada para Alfândega da Fé; Morte por desastre.
 - “PJ”, 1933. **04.** 11, p. 7
c. 2 (Moncorvo)
“Está finalmente convertido em realidade o caso da bomba de incêndio (...)”,
para os Bombeiros; O tempo.

- c. 6 (Bragança)
 “Um apóstolo da instrução” – o professor João Baptista da Cruz; Governador Civil; Monografia de António José Teixeira sobre a Domus, publicação da Shell.
- “PJ”, 1933. 04. 14, p. 6, c. 5 (Nozede de Cima, Vinhais)
 Melhoramentos; Hospital.
 - “PJ”, 1933. 04. 16, p. 9
 c. 2 (Bragança)
 Comemorações do 9 de Abril; Matadouro Municipal; Jornal “Para Cá do Marão”.
 - c. 6 (Freixo de Espada à Cinta)
 “Diversas notícias”, de que extractamos: “Num pequeno barco de borracha partiu ante-ontem da Malhadinha, limite de Poiares, rio Douro abaixo, até ao Pôrto, em viagem de estudo, o sr. dr. Joseph Piel, professor da Universidade de Coimbra. O arrojado tripulante, de nacionalidade alemã, tenciona gastar 3 ou 4 dias em tão exquisito empreendimento”.
 - “PJ”, 1933. 04. 20, p. 6, c. 7 (Vila Flor)
 Banda de música e melhoramentos locais.
 - “PJ”, 1933. 04. 23, p. 6, c. 4 (Freixo de Espada à Cinta)
 “Festas da Páscoa. Um perigo arborícola. Diversas”.
 - “PJ”, 1933. 04. 29, p. 8, c. 3 (Vila Flor)
 “Várias notícias”.
 - “PJ”, 1933. 05. 02, p. 9,
 c. 6 (Mogadouro)
 “Varias notícias”.
 - c. 7 (Vila Flor)
 Julgamento à revelia.
 - c. 8 (Bragança)
 Concerto, em visita de estudo aos Saltos del Duero, os alunos da Faculdade de Ciências do Porto passam por Bragança; Henrique Tavares em Bragança, a passar férias em casa de José Montanha, tendo pintado um tríptico para o Museu; etc.
 - “PJ”, 1933. 05. 07, p. 9
 c. 1 (Vila Flor)
 Novo imposto municipal; “Aqueduto imundo e pestilento”; Associação de Socorros Mútuos.
 - c. 6 (Freixo de Espada à Cinta)
 “Várias notícias”.
 - c. 7 (Bragança)
 1º de Maio; Governador Civil; Professores do Liceu.

- “PJ”, 1933. 05. 09, p. 7, c. 2 (Moncorvo)
Estradas; Obras de restauro na igreja matriz; Mês de Maria.
- “PJ”, 1933. 05. 10, p. 6
c. 5 (Macedo de Cavaleiros)
Construção de um talho; Festa de S. Pedro; “Mais um desastre”; etc.
c. 7 (Nozedo de Cima, Vinhais)
Sobre a representação de “A Paixão e Morte de Cristo”, na Moimenta.
- “PJ”, 1933. 05. 11, p. 8, c. 7 (Mogadouro)
“Em peregrinação arqueologica, chegou no dia 2 a esta vila, o douto historiador e insigne arqueologo, sr. padre Francisco Manuel Alves (...)” – reportagem da visita, com referência ao Abade Tavares e ao Dr. Morais Machado.
- “PJ”, 1933. 05. 18, p. 7, c. 7 (Nozedo de Cima, Vinhais)
“Ainda o hospital de Vinhais”.
- “PJ”, 1933. 05. 21, p. 9
c. 2 (Bragança)
Quadrilha de salteadores; Melhoramentos para o distrito; Oferta do Dr. Pedro Vitorino ao Museu.
c. 8 (Freixo de Espada à Cinta)
A lagarta da amendoeira; Aumento das contribuições para o Município.
- “PJ”, 1933. 05. 27, p. 7
c. 4 (Freixo de Espada à Cinta)
Comboio suprimido e outras notícias.
c. 8 (Vila Flor)
Descanso semanal; Carreira diária; etc.
- “PJ”, 1933. 05. 30, p. 7, c. 7-8 (Mogadouro)
“Carta” a respeito da visita do Governador Civil a Bemposta.
- “PJ”, 1933. 06. 01, p. 7,
c. 2 (Moncorvo)
Várias notícias.
c. 6 (Vila Flor)
Administrador do concelho.
- “PJ”, 1933. 06. 06, p. 7
c. 7-8 (Bragança)
Carta, referindo: Oferta ao Museu; Águas de Baçal; Exposição de alunos do Liceu; etc.
Idem (Freixo de Espada à Cinta)
Carta, falando do serviço dos correios por Barca d’ Alva, das comemorações do 28 de Maio, de uma ligeira reparação nas estradas.
- “PJ”, 1933. 06. 08, p. 8, c. 3 (Vila Flor)
Dr. Artur Águedo de Oliveira, de passagem para Macedo de Cavaleiros;

- Concerto pela banda musical vilaflorense, na praça da República; Julgamento por agressão.
- “PJ”, 1933. 06. 10, p. 8, c. 8 (Nozede de Cima, Vinhais)
O P.º Firmino Martins, regressado de Lisboa, foi para Passos de Lomba presidir à inauguração de uma fonte; Comparticipação do Estado para várias obras.
 - “PJ”, 1933. 06. 13, p. 7, c. 6-7 (Bragança)
“Grave incendio”.
 - “PJ”, 1933. 06. 15, p. 7
c. 7 (Freixo de Espada à Cinta)
Lei da caça e combate à lagarta da amendoeira.
c. 8 (Carrazeda de Ansiães)
Terceiro aniversário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários e epidemia de tifo exantemático em Campelos e Carrapatosa, “quasi debelada”.
 - “PJ”, 1933. 06. 17, p. 1, c. 5 (?)
“Grande incendio em Mirandela”.
 - “PJ”, 1933. 06. 18, p. 9, c. 7-8 (Freixo de Espada à Cinta)
Construção do troço de estrada ligando a vila à estação da CP; Ceifas; etc.
 - “PJ”, 1933. 06. 20, p. 7, c. 1 (Bragança)
Semana das Colónias; Exposição liceal; Festa de caridade; etc.
 - “PJ”, 1933. 06. 28, p. 6
c. 5 (Macedo de Cavaleiros)
Manuel Pinto de Azevedo.
Idem (Vila Flor)
Planta-projecto do novo edifício da Câmara Municipal – Tribunal Judicial; etc.
 - “PJ”, 1933. 07. 04, p. 7
c. 2 (Macedo de Cavaleiros)
Festas de S. João; Impostos indirectos.
c. 5 (Freixo de Espada à Cinta)
Estrada 37.2, que referimos acima; Seguiu para Coimbra o Dr. Virgílio Guerra Taborda; etc.
c. 6-7 (Bragança)
Obras de arte entradas (“A Primavera”, de Veloso Salgado, dia 25 de Junho) ou a entrar no Museu; Obras no castelo; Resultados liceais; Exposição da Escola Industrial; Raúl Teixeira, José Montanha e Francisco Manuel Alves regressam de Lisboa, onde foram assistir ao casamento do filho do primeiro, Dr. Vítor Teixaira.
 - “PJ”, 1933. 07. 06, p. 7
c. 3 (Freixo de Espada à Cinta)
Festas do Coração de Jesus.

- c. 4 (Nozedeo de Cima, Vinhais)
Melhoramentos; etc.
- “PJ”, 1933. 07. 13, p. 7, c. 2 (Moncorvo)
A suspensão do comboio do Douro.
- “PJ”, 1933. 07. 16, p. 11, c. 1 (Bragança)
Matadouro Municipal; Não existência de telefones; Exposição das escolas primárias.
- “PJ”, 1933. 07. 20, p. 7, c. 3 (Freixo de Espada à Cinta)
Vacinação do gado; Secção da Guarda Fiscal; Obrigatoriedade de cair as fachadas das casas e muros.
- “PJ”, 1933. 07. 25, p. 7
c. 6 (Vimioso)
Inauguração oficial do Quartel de Bombeiros.
- c. 7-8 (Mogadouro)
Baptizado de um filho do Dr. Henriques de Moraes Machado.
- “PJ”, 1933. 07. 28, p. 6, c. 8 (Alfândega da Fé)
Os bons resultados das escolas de ensino primário desta vila.
- “PJ”, 1933. 07. 30, p. 7, c. 5 (Moncorvo)
Festas do Sagrado Coração de Jesus.
- “PJ”, 1933. 08. 01, p. 7, c. 3-6 (Bragança)
Crime em Parada; Pesca a dinamite; Agressão a tiro, no Zoio; Exames do Liceu; Obras de remodelação do Teatro Camões; Um dia em Aveleda (costumes das malhas); Telefones; Ida do Abade de Baçal ao Porto, a proferir uma conferência; Vinda do Dr. Adriano Rodrigues, reitor da UP, e natural do distrito, a proferir uma conferência (a Bragança); Conferência do Dr. Santos Júnior, em Bragança; Augusto Moreno agraciado com o grau de oficial da Ordem da Instrução Pública.
- “PJ”, 1933. 08. 02, p. 6
c. 1 (Freixo de Espada à Cinta)
Correio por Barca d’ Alva; “Outras noticias”.
- c. 3 (Vila Flor)
“Novo médico” (Luiz Manuel Cabral Adão); Maximino Correia “acaba de mudar hoje o seu estabelecimento comercial para as suas novas instalações, mais proximas do centro da vila”; Falta de água; Novo regime cerealífero.
- “PJ”, 1933. 08. 08, p. 7
c. 2 (Bragança)
Exames do ensino primário; Oferta de um quadro para o Museu, por parte de Pires Avelanoso; Carbúnculo; Casamento; Pesca clandestina; “Diversas” (partida de Diogo Albino de Sá Vargas para as termas do Moledo; etc.).
Idem (Mogadouro)

- Consórcio.
c. 6 (Vila Flor)
Subsídio de 100 contos, por parte de E., para construção do novo edifício dos Paços do Concelho; etc.
- “PJ”, 1933. 08. 13, p. 6, c. 5 (Nozede de Cima, Vinhais)
Julgamento de conflito e agressão a tiro em Vilar de Ossos; Exames; Fim das debilhas.
 - “PJ”, 1933. 08. 15, p. 7, c. 6-7 (Vila Flor)
Novas colheitas; Feiras e mercados (rigor dos impostos).
 - “PJ”, 1933. 08. 19, p. 6, c. 3 (Bragança)
Pelo Hospital; Corte de nogueiras; Mons. José de Castro em Bragança; “Pelo sr. dr. José de Figueiredo foi proposto sócio correspondente do Conselho Superior de Belas Artes, o infatigável propugnador dos interesses de Bragança, o sr. dr. Raul Teixeira. / (...) É cedo para se fazer a história desta figura marcante no nosso meio(...);” etc.
 - “PJ”, 1933. 08. 20, p. 7, c. 5 (Freixo de Espada à Cinta)
“Varias noticias”.
 - “PJ”, 1933. 08. 22, p. 7, c. 6 (Freixo de Espada à Cinta)
Estão em Freixo de Espada à Cinta os drs. Virgílio Guerra Taborda e Artur Taborda de Morais; etc.
 - “PJ”, 1933. 08. 29, p. 7
c. 7-8 (Freixo de Espada à Cinta)
“Prosseguem com grande incremento as reparações de trolha nos prédios urbanos sites nos largos e praças públicas, desta vila, em consequencia da postura municipal (...)” (acima referida).
 - c. 8 (Moncorvo)
“Está-se procedendo á demolição das antigas cadeias desta vila, á Praça, onde será construido o novo tribunal (...)”; etc.
 - “PJ”, 1933. 08. 31, p. 6, c. 2 (Freixo de Espada à Cinta)
Encontra-se preso ...; Regressou a esta vila ...
 - “PJ”, 1933. 09. 10, p. 6, c. 8 (Moncorvo)
Bom exemplo de limpeza; Coqueluche; Mendicidade; etc.
 - “PJ”, 1933. 09. 13
p. 2, c. 7-8 (Macedo de Cavaleiros)
Festa de S. Sebastião; Celeiro municipal; etc.
 - p. 6, c. 3 (Alfândega da Fé)
Colheita da amêndoa; Celeiro municipal; etc.
 - “PJ”, 1933. 09. 15, p. 6, c. 8 (Bragança)
D. Cândida Florinda Ferreira inaugura (dia 11) uma escola em Talhinhas; etc.
 - “PJ”, 1933. 09. 19, p. 7

- c. 2 (Izeda)
“Varias noticias”.
- c. 7 (Freixo de Espada à Cinta)
Amêndoa; “Diversas”.
- “PJ”, 1933. 09. 26, p. 7, c. 8 (Freixo de Espada à Cinta)
“Musico tocador de pratos que numa zaragata passou a servir de bombo”;
Melhoramentos; Desastre.
- “PJ”, 1933. 10. 04, p. 6
c. 6 (Bragança)
“Ofertas valiosas” ao Museu; A. Soucasaux em Bragança.
- c. 7 (Moncorvo)
Caixa escolar; Coqueluche.
- “PJ”, 1933. 10. 05, p. 12
c. 3 (Izeda)
“Varias noticias”.
- c. 5 (Freixo de Espada à Cinta)
“Viagem interrompida. Homens de boas contas”.
- c. 7 (Bragança)
Exposição de trabalhos das máquinas Singer; Vindimas; etc.
- c. 8 (Macedo de Cavaleiros)
Empréstimo para obras de saneamento.
- “PJ”, 1933. 10. 13, p. 6, c. 6 (Bragança)
Abertura do Liceu; etc.
- “PJ”, 1933. 10. 18, p. 5, c. 8 (Freixo de Espada à Cinta)
Amêndoa; Carreira de automóvel para Barca d’ Alva; Correios.
- “PJ”, 1933. 10. 21, p. 6, c. 1 (Mogadouro)
Visita oficial do Governador Civil; Montagem de celeiros.
- “PJ”, 1933. 10. 22, p. 2, c. 3 (Mogadouro)
“Realisa-se, com grande concorrência, a feira anual dos Gorazes. Cái lá uma
quadrilha de gatunos, com cadastro na polícia do Porto”.
- “PJ”, 1933. 10. 26, p. 8, c. 7-8 (Bragança)
Reportagem da homenagem prestada pelo “meio intelectual de Bragança” a
Augusto Moreno.
- [– “PJ”, 1933. 10. 28, p. 1, c. 7-8 (Bragança)
Notícia de uma sublevação militar, em Bragança.
Ver edição de 31, p. 2, c. 6].
- “PJ”, 1933. 10. 31, p. 7
c. 7 (Freixo de Espada à Cinta)
Sementeiras; Azeitona; Serviços públicos; etc.
Idem (Izeda)

- “Várias notícias”.
- “PJ”, 1933. 11. 07, p. 7
c. 2 (Freixo de Espada à Cinta)
Fornecimento de leite; Presos que se evadem e são recapturados; etc.
c. 4 (Mogadouro)
Manifesto do trigo; etc.
 - “PJ”, 1933. 11. 26, p. 7
c. 4 (Izeda)
“Várias notícias”.
c. 5 (Freixo de Espada à Cinta)
Desastre de camioneta; Melhoramentos locais; etc.
c. 6 (Moncorvo)
“Interesses de Moncorvo”.
 - “PJ”, 1933. 12. 05, p. 7, c. 1 (Moncorvo)
Ensino primário.
 - “PJ”, 1933. 12. 14, p. 6, c. 2 (Freixo de Espada à Cinta)
Reportagem da visita do Chefe do Distrito.
 - “PJ”, 1933. 12. 05, p. 7, c. 1 (Moncorvo)
 - “PJ”, 1933. 12. 27, p. 7, c. 7 (Izeda)
Casamento em Serapicos; etc.
 - “PJ”, 1933. 12. 29, p. 6, c. 7 (Bragança)
Entrada, no Museu, do gesso para o monumento aos Mortos da Grande Guerra;
Pauliteiros de Miranda.

 - “JN”, 1934. 12. 06, p. 7, c. 1 (Bragança)
Correspondência de (11). 30: Damos os títulos do diferentes itens, que ocupam praticamente toda a coluna: “Projecta-se uma grande e merecida homenagem ao Abade de Baçal”; “Estrada entre Mirandela e Bragança”; “*Placard do Jornal de Notícias*”; “M.lle Helène Boucher”; “Falecimentos”; “Notícias várias” (referência a Abel Frederico Monteiro, “nosso apreciado camarada de imprensa”.
 - “JN”, 1934. 12. 08, p. 6, c. 7-8 (Bragança)
Correspondência de 03: Desenvolvida reportagem das comemorações do 1º de Dezembro, sob o título: “O 1º de Dezembro foi brilhantemente comemorado. Um Té-Deum. Sessões solenes. Baile de gala. Várias notas”.
 - “JN”, 1934. 12. 12, p. 8, c. 6 (Vimioso)
Correspondência de 06: “Comissão Municipal da União Nacional. Visita ao governador civil”.
 - “JN”, 1934. 12. 13, p. 9, c. 8 (Bragança, O.)
Correspondência de 10: “Aniversario da JOCM. Uma festa em honra da

- Imaculada Conceição. Homenagem a sua Ex^a Rev.ma o sr. Bispo de Bragança e Miranda” (Luís António de Almeida).
- “JN”, 1934. 12. 27, p. 4, c. 8 (Bragança)
Correspondência de 18: “Os novos corpos gerentes da Associação Comercial; Aviação; Uma saudação aos Brigantinos; Várias notícias”.
Transcrevemos a referida saudação: “Hoje, pelas 20 horas, o sr. dr. Antonio Quintela, ilustre reitor do nosso Liceu, aproveitando a oportunidade de se encontrar em Lisboa, saudou carinhosamente por intermedio da Emissora Nacional, todos os brigantinos, anunciando-lhes, ao mesmo tempo, as condecorações que haviam sido concedidas ao nosso conterraneo sr. dr. Guilherme Braga”.

 - “PJ”, 1935. 01. 03, p. 7, c. 7 (Argosêlo, Bragança)
Correspondência de 12. 29: “Continua a grassar nesta localidade esta terrivel doença [tifo], tendo já causado cinco casos mortais. / (...) As fontes publicas continuam a ser depositos de estrumes e não reservatorio de agua potável (...)”.

 - “PJ”, 1935. 01. 08, p. 9, c. 3
(Freixo de Espada à Cinta)
Correspondência de 01. 02: Boas Festas ao “PJ”, por mais um aniversário; Vinda do Arq. Baltasar de Castro, para tratar do restauro do castelo; Estudantes em férias; etc.
(Corujas, Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 01. 03: Sobre a “homenagem justa” a prestar a Francisco Manuel Alves, em Bragança.

 - “PJ”, 1935. 01. 12, p. 7, c. 3 (Bragança)
Correspondência de 01. 09: Pedido de casamento (de Maria Luísa de Sá Vargas Morgado); Homenagem a prestar ao piloto aviador Humberto Cruz e ao mecânico Lobato; continuação da lista de subscritores para a homenagem a prestar a Francisco Manuel Alves.

 - “PJ”, 1935. 01. 16, p. 8, c. 7 (Mogadouro)
Correspondência de 01. 14: Sobre a Sociedade Mogadourense e respectivo “paradeiro” do seu “valioso mobiliário”.

 - “PJ”, 1935. 01. 18, p. 7
c. 3 (Argoselo, Bragança)
Correspondência de 01. 08: Subscrição entre as alunas para a compra de vidros para as janelas da escola”; “Carteira”.
c. 4 (Freixo de Espada à Cinta)
Correspondência de 01. 15: “Estamos sem luz electrica desde que o Ano Novo entrou”; “Tambem desde o principio do ano que estamos sem carnes verdes”; etc.

c. 5 (Bragança)

Correspondência de 01. 15: Notícia de uma conferência do Dr. João Carlos de Sá Alves, subordinada ao tema “Autoridade e Responsabilidade”; Assassinato; Movimento hospitalar; Lista dos subscritores para o monumento a erigir a Francisco Manuel Alves.

- “PJ”, 1935. 01. 25, p. 8, c. 4 (Freixo de Espada à Cinta)
Correspondência de 01. 20: Guarda Republicana; Lagarta da amendoeira; De viagem; Diversas.
- “PJ”, 1935. 01. 29, p. 9, c. 2 (Larinho, Moncorvo)
Candeeiro Petromax colocado no largo da Lameira; Reparação no edifício escolar; etc.
- “PJ”, 1935. 02. 02, p. 7, c. 3 (Bragança)
Correspondência de 01. 27: Sucinta reportagem da conferência do Dr. João Carlos de Sá Alves acima anunciada; Homenagem aos aviadores, igualmente acima anunciada (Ver reportagem da chegada destes na edição de 02. 05, p. 3, c. 2-3, 1 grav. Falou o tenente-coronel António José Teixeira); Homenagem ao Reitor de Baçal — “Em poder da comissão promotora da manifestação a prestar ao sabio arqueologo Rev. Francisco Manuel Alves, **acha-se ja bastante original para o livro de honra** [destaque nosso] a publicar por ocasião da sua aposentação, por atingir o limite de idade”; Criminoso à solta.
- “PJ”, 1935. 02. 06, p. 9, c. 3 (Freixo de Espada à Cinta)
Correspondência de 02. 01: “Assuntos de interesse público”: “Estamos sem carnes verdes desde que o Novo Ano entrou”; “A cabra anda á vontade por toda a parte destruindo num segundo, o que levou anos a fazer-se”.

c. 6 (Mogadouro)

Correspondência de 02. 02: Transferência do magistrado Dr. Eduardo Coelho Martins de Almeida para Sinfães.

- “PJ”, 1935. 02. 26, p. 10, c. 3 (Corujas, Macedo de Cavaleiros)
Correspondência de 02. 18, noticiando que dia 10, pelas 15 horas, chegaram “à visinha povoação de Lamas de Podence duas cegonhas que todos os anos ali fazem o seu ninho num negrilho. Á sua chegada a população local fez-lhe uma ruidosa manifestação”; etc.
- “PJ”, 1935. 02. 27, p. 8, c. 3 (Freixo de Espada à Cinta)
“Dentro de poucos dias vão começar os serviços de águas, para abastecimento público, nas freguezias de Lagoaça e Ligares”; etc.

Revisitar um velho escritor esquecido

João Bigotte Chorão

Em poucos domínios será tão forte a vaidade como na literatura. Vaidade falaz, porque a fama de hoje antecipa o esquecimento de amanhã. Escritores que tiveram algum eco no seu tempo os vemos silenciados logo depois da morte, como se ela sepultasse, com o corpo, o próprio nome. Pelo contrário, escritores que passam obscuros em vida ressuscitam depois da morte. Dir-se-ia que lhes foi necessária essa prova para reivindicar o seu direito à vida.

Para não sair da literatura portuguesa e contemporânea, citemos apenas os casos de Cesário Verde, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa. São, de certo modo, poetas póstumos (Cesário o foi, na verdade), mas os que viram publicadas livros seus – *Clepsidra*, *Mensagem* – não tiveram logo o devido reconhecimento. Podíamos referir também Raul Brandão, em que contemporâneos viam um vago jornalista, autor fragmentário de páginas impressionistas e alucinadas, – o mesmo Raul Brandão que temos como um dos grandes e mais originais escritores portugueses. Melhor diríamos *eslavo*, por seu dom visionário e messiânico, pelo seu sentimento religioso da Dor.

Depois deste exórdio, ocorre perguntar: Quem eram, nos anos vinte, dos nossos autores, os de maior nomeada? Folheando jornais e catálogos e olhando contracapas de livros com a chancela de boas casas editoras de então, responderemos que Júlio Dantas, Manuel Ribeiro, Antero de Figueiredo, Campos Monteiro, Sousa Costa.

Júlio Dantas, com a sua elegância e a sua prosa bem temperada, trouxe para a nossa literatura todo um clima mundano, que tem a sua mais espectacular expressão em *A Ceia dos Cardeais*, que partilharam e aplaudiram milhares e milhares de leitores e espectadores. Bem diferente na sua inquietação e intervenção

social, Manuel Ribeiro, anarco-sindicalista, redactor d'A *Batalha* (órgão da Confederação Geral do Trabalho), militante marxista que levou a sua ideologia à acção revolucionária e à subsequente prisão. Ali reconquistou a liberdade de espírito e um catolicismo também ele militante, descobrindo “novos horizontes” (título de um ensaio seu) na democracia cristã. O romance *O Deserto* foi um dos grandes êxitos da época, ao revelar a beleza do claustro, o despojamento da cela, a ascese da vida contemplativa, a eloquência do silêncio. Desse e de outros livros, como *A Catedral*, fizeram-se até edições especiais, em melhor papel e maior formato, ilustradas, numeradas e assinadas pelo autor. Uma tentativa de finais dos anos setenta para relançar Manuel Ribeiro, com o seu romance “social” de tema alentejano, *A Planície Heróica*, essa tentativa fracassou.

Muito lido no seu tempo, Antero de Figueiredo é escritor de prosa rica e pinturesca, de um classicismo um pouco forçado, quer nos seus frescos históricos e páginas de viagens, quer na sua ficção (que da literatura passional da *Doida de Amor* evoluiu para a visão espiritualista de *O Último Olhar de Jesus*).

Uma editora portuense, entretanto desaparecida – que punha o maior cuidado gráfico nos seus livros – chegou a empreender uma edição das Obras Completas Ilustradas (prevista para 15 volumes) de Campos Monteiro. Mas o projecto gorou-se quase à nascença, porque o público, na era do romance existencialista e do novo romance, já era pouco receptivo aos “dramas de ontem”, como o autor baptizou o díptico *Misse Esfinge* e *Camilo Alcoforado*, em que uma das personagens é nada mais nada menos que Camilo Castelo Branco. A sátira política *Saúde e Fraternidade* ainda foi retomada, em nossos dias, por um editor empenhado numa literatura à contracorrente, mas isso não passou de uma pedrada no charco.

Como esses seus confrades e companheiros de destino literário, Sousa Costa é um polígrafo. A sua tábua bibliográfica regista os seguintes géneros literários: ficção, teatro, crónica, literatura de viagens e o que o autor designa por “evocações históricas”. Foram essas “páginas de sangue” escritas por salteadores e magnicidas que tiveram maior audiência. Os pequenos e “grandes dramas históricos” atraem sempre muitos espectadores. Mas é ao romance que Sousa Costa deve a reputação literária que gozou ao tempo. *Ressurreição dos Mortos* e *Filhas do Pecado*, que têm como pano de fundo o “país vinhateiro”, são a saga das vindimas e o drama da filoxera que destrói as melhores expectativas de uma boa produção. A bruta Natureza como que se vinga do pobre bicho humano que a desafia e viola. Ele é porém, e sobretudo, o analista do “coração da Mulher”, para citar o título de um dos seus romances. Que procissão feminina desfila na sua obra... Mas a mulher já não é idealizada como no Romantismo (e teve em Camilo o retratista insuperável), se observada à luz crua do século XX.

A vocação do escritor para o exame da condição feminina é posta em relevo por Júlio Dantas no parecer de que foi redactor para o ingresso de Sousa Costa

como sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa – parecer assinado por mais cinco académicos e aprovado em sessão de 13 de Julho de 1916.

Seja-nos permitido abrir aqui um parêntese para sublinhar a qualidade literária dos pareceres de Júlio Dantas e a largueza de vistas com que abordava personalidades que pertenciam a outro universo, seja Raul Brandão com os seus pobres e as suas sombras, seja o bispo D. Manuel da Conceição Santos, com a sua fé e a sua oratória sagrada. Palaciano e mestre, mas da oração académica, Júlio Dantas não era avaro em reconhecer os méritos de quem vivia em outra terra e sob outro céu. Manuscritos numa bela caligrafia, os seus pareceres escritos *currente calamo*, como se vê pelas emendas introduzidas.

Vivendo no Norte e sem os meios de transporte de que dispomos hoje (mesmo sem TGV), Sousa Costa, pelos cargos públicos que exerceu e pela obra literária que produziu, não podia certamente ser um sócio assíduo da Academia. Mas não foi um absentista, como aqueles que dão às instituições a honra de serem seus membros, não omitindo porém essa qualidade no *curriculum*. Temos notícia de pelo menos três comunicações apresentadas à Academia, depois publicadas nas *Memórias* ou em edição autónoma, em 1934, 1948 e 1958: “O Primitivo Teatro Português e o Teatro da Nova Rússia”, “Pestalozzi – o mestre-escola” e “Quem era a Mulher Fatal de D. Francisco Manuel?”. Esta “mulher fatal” remete-nos para o universo camiliano e Ana Plácido. Temos, para nós, que “fatal” foi, na verdade, Camilo para a sua amante e serôdia esposa. Ao despedir-se da vida literária e quase a dizer adeus à vida, Sousa Costa consagra ao autor do *Amor de Perdição* todo um livro – *Camilo*



O Escritor Sousa Costa

no Drama da Sua Vida. Livro que é uma como que resposta ao *Romance de Camilo* em que Aquilino, valendo-se também da sua orquestração verbal, se permite efabular. Se como um dos herdeiros de Camilo e o seu senso da língua não lhe consentem desvalorizar o escritor, já a sua mão pesa desmedida sobre o homem, acentuando as sombras de uma vida por demais sombria. Amigo de Platão, mas ainda mais da verdade, a admiração por Aquilino não tolhe João de Araújo Correia de declarar publicamente “deplorável” *O Romance de Camilo*.

Também Sousa Costa, que enfileira entre os que admiram o grande prosador d’A *Casa Grande de Romarigães*, não cala a sua divergência com o espírito dessacralizador de Aquilino. E porque se trata de uma biografia dramática, a de Camilo, sacudida de lances espectaculares, Sousa Costa desdobra diante dos leitores, no limiar do seu livro camiliano, o que chama “cartaz do espectáculo”. E põe todo o escrúpulo em encenar esse espectáculo, como investigador de temas históricos compulsando documentos e como jurista estudando e interpretando os autos do célebre processo em que foi réu Camilo. Não profere levemente sentença sem ouvir testemunhas de acusação e de defesa e sem ponderar as alegações dos advogados das duas partes.

Depois de um drama individual, o drama colectivo que tem como protagonista a Natureza e o homem do Douro. Embora de raiz não duriense, o Douro encontrou em Sousa Costa um dos seus cronistas. Como Alves Redol e Manuel Mendes, que dedicaram ao “país vinhateiro” algumas das suas melhores páginas. Sousa Costa, em *Ressurreição dos Mortos* e *Filhas do Pecados*, descreve em linhas vigorosas “cenas da vida do Douro”, subtítulo daquele romance.

O formidável espectáculo dos socalcos suspensos sobre o rio pinta-o assim: “Não vê o rio. Nem os socalcos, planos e volumes ainda mergulhados em sombra e incerteza. Sabe entretanto que, a seus pés, se cava um abismo de centenas de braças de profundidade. Que nos recôncavos desse abismo se estorce, espumeja e brame o rio Douro.” Quando o rio tumultuoso salta do leito, a força incontrolável das águas arrasta tudo, na sua marcha cega e demolidora, indiferente à impotência e à aflição dos homens. Escreve o nosso autor: “É verdade! Não cessa a via-sacra de pipas e tonéis, o rio Douro, agora sim! um Baco insano, abraçado às cubas de vinhos licorosos! Rebenta-as de encontro a penhascos. Estoira-as nos esporões dos pendores. Emborca-as, às duas e três. E borracho, aos torcicolos, a rir-se e a soluçar, segue a sua marcha – o cachão da Valeira, pródigo anfitrião, a fornecer-lhe a copa, a oferecer-lhe mais cubas, lançadas no estuário por entre montanhas de espuma.”

Nos desastres que flagelam o Douro, não se conta só a fúria do rio porque sobrevêm também as malinas que matam as videiras – a filoxera, o míldio. A terra fértil torna-se estéril, oferecendo aos nossos olhos o fúnebre espectáculo dos mortórios. Essas novas pragas do Egipto vê-as assim Sousa Costa: “[...] daí a

pouco não há mais do que vertentes desoladas, socalcos vazios, solares desabitados, atitudes confrangidas, gestos de desespero – a natureza morta, o homem, vago senhor de domínios malditos, refugiando-se na deserção, ou esperando a hora final no cemitério da sua opulência”.

Mas, para grandes males, grandes remédios. Lá estão os senhores do Governo, em que o bom povo, educado no culto do Estado-Providência, põe a sua esperança. Mas há sempre uma voz céptica a esmorecer tanta fé: “Ora, o governo! O que havia de fazer a tamanha desgraça? O governo não atava nem desatava. O Fontes [Pereira de Melo], iam procurá-lo à Corte, e era mais difícil falar-lhe do que a Deus Nosso Senhor...”

Numa luta corpo a corpo com a Natureza, mãe tantas vezes madrasta, a gente do Douro, “pobre gente”, como lhe chama uma personagem bem nascida e com consciência social para reconhecer que ela era “como os fidalgos – mais estimável do que os fidalgos, porque trabalhava”. A tal gente se deve todo um esforço sobre-humano para que a terra, fecundada pelo deus Sol, se desentranhe em uvas, escavando ou surribando, fazendo a enxertia, o corte, a vindima, a lagarada – esse ritual pagão de cor, aroma, ritmo. Todas essas operações as regista Sousa Costa para conhecimento de quem seja estrangeiro ao “país vinhateiro”. Depois de tanto trabalho, eis o néctar nascido de um parto difícil – néctar que inspira ao escritor o saboroso e colorido quadro da “excelência licorosa do vinho inscrita no aroma, na cor aloirada e transparente, nos arcos de curva perfeita e colunelos simétricos esculpidos pela sacarose no cristal do cálix”.

Ao lado do povo miúdo e heróico, os nomes sonantes do barão de Forrester, um inglês convertido ao Douro, que pagou o que lhe devia, sepultando-o nas suas águas revoltas, e a voluntariosa Ferreirinha, que tudo podia, queria e mandava.

Numa demonstração etnográfica, Sousa Costa enumera a terminologia específica dos míticos barcos rabelos. Assim, tomamos conhecimento do “coqueiro” que, à ré, guarda a parafernália necessária à navegação; da “apegada”, ou seja, da ponte de onde se manobra o barco. Daí parte a “espadela” ou remo. “Sagro” designa o fundo chato da embarcação, em que se acumula a água que salta do rio. “E – escreve Sousa Costa – entre a “apegada” e a “chilreia de avante”, onde assenta a pirâmide maciça da carga, levanta-se o mastro e a vela que nos dias de vento da barra se enfuna, quadrada e bojuda, vencendo resistências e alegrando corações.” E os corações se contraem de pânico em dias de tempestade, com naufrágios em que tudo se perde – o barco, a fazenda, a própria vida.

Se um dos objectivos da Academia de Ciências de Lisboa é estimular e fomentar a criação literária, o Prémio Ricardo Malheiros distinguiu, em 1951, o romance de Sousa Costa *Entre Labaredas*, galardão anteriormente concedido a Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Joaquim Paço d’Arcos (que o recusou), Vitorino Nemésio, Fernanda de Castro, Francisco Costa.

Nos anos vinte, trinta, quarenta, a burguesia letrada lia esses autores que evoquei no início deste texto: Manuel Ribeiro, Antero de Figueiredo, Campos Monteiro, Sousa Costa. Lembro-me que, na estante de meu pai – envidraçada, como se usava nesse tempo, entre umas poucas centenas de livros (hoje, no reino da quantidade, é que formamos bibliotecas desmedidas) –, não faltava nenhum desses autores. Li-os ainda rapaz e as suas obras imprimiram-se na minha memória. Ouso dizer que esses escritores pedem meças a muitos que por aí se pavoneiam, na estulta ilusão de que para eles não soará, mais cedo ou mais tarde, a hora fatal do esquecimento.

Ruralidade e Imaginário de Vila Real de Trás-os-Montes: uma exposição para memória futura

*Maria da Graça P. Araújo*¹

Introdução: Antecedentes de um projecto

As questões ligadas à etnografia transmontana, na óptica da caracterização dos costumes e especificidades culturais, encontraram amplo espectro na bibliografia técnica e na literatura desde há mais de um século². No entanto, se considerarmos o território correspondente a Trás-os-Montes ocidental, em particular o distrito de Vila Real, facilmente constatamos que a concretização de intervenções de salvaguarda e interpretação para fruição pública – o campo privilegiado da acção dos museus – não terá obtido a expressão verificada noutras regiões do país³.

Com efeito, a história do movimento museológico em Vila Real, ao longo do século XX, mostra a existência de sinergias locais conducentes a um desejo de

¹ Consultora da Rede Portuguesa de Museus.

² Cfr. PEIXOTO, Rocha (1908) “Etnographia Transmontana: Apodos Tópicos”, *Ilustração Transmontana*, pp. 75-88; VASCONCELLOS, José Leite de (1927) *De Terra em Terra: Excursões Arqueológico-etnográficas*, Vol. I, Lisboa: Imprensa Nacional, p. 66; (1941) *Etnografia Portuguesa*, Vol. III, Lisboa: Imprensa Nacional, p. 106; LIMA, Augusto César Pires de (1949), *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*, 4º Vol., Porto, Junta de Província do Douro Litoral/ Comissão de Etnografia e História, p. 297

³ Cfr. SILVA, João Ribeiro da (2005) *O Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real: Do Legado Histórico e Cultural ao Programa Museológico*, Dissertação de Mestrado em Museologia e Património Cultural apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

museu, cujo conteúdo e forma variaram ao longo de cada época⁴. O resultado mais visível destas acções convergiu na inauguração, em 1940, do Museu Etnográfico da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, o qual se perpetuou no espaço da cidade por quase quatro décadas, até ao seu encerramento prematuro, em 1976⁵.

Não querendo esboçar um historial detalhado desta instituição, que poderá ser consultado noutros trabalhos⁶, cabe-nos no entanto sublinhar o profundo vínculo que ligava aquele organismo à comunidade local, que nele reconhecia traços genuínos do seu substrato identitário. Lugar de memória colectiva e espaço cenográfico por excelência, este museu representava nas diversas salas, para além das actividades sócio-económicas, ofícios e devoções tradicionais das gentes de Vila Real, o declínio do universo rural que terá vigorado na região por séculos, evocando nessa medida toda a nostalgia de uma perda que muitos consideravam irreversível⁷.

Hoje, em pleno século XXI, o panorama cultural da cidade alterou-se significativamente, com a emergência de novos equipamentos, alguns dos quais de cariz museológico⁸. E muito embora a etnografia e as tradições populares tenham sido alvo de redobrada atenção, com a proliferação de entidades associativas e grupos etnográficos, não existe nesta cidade de Vila Real um espaço consignado à sua musealização: estamos em crer que o imenso público visitante, ainda que se enquadre em todos os circuitos possíveis de visita aos monumentos, museus e locais de interesse histórico e cultural, deixa a cidade sem se inteirar do verdadeiro rosto do território que se estende *para lá do Marão*...

Após o alheamento dos poderes públicos a esta problemática, ela ressurgiu pela mão de uma entidade privada sem fins lucrativos: o Centro Cultural Regional de Vila Real (CCRVR). A abundância de elementos recolhidos no âmbito da sua acção pioneira em prol da promoção e divulgação do património etnográfico do concelho fez despertar o ensejo por um museu de etnografia. Projectado no final

⁴ Cfr. NEVES, Elísio (1998) “Resumo do movimento museológico em Vila Real entre 1888 e 1997”, *Tellus -Revista de Cultura Transmontana e Alto-Duriense*, 28, Vila Real

⁵ Cfr. CHAVES, Luís (1945) “O Museu Etnográfico de Vila-Real”, *Ocidente*, vol. XXVII, n° 90, Lisboa, p. 108; PESSANHA, Sebastião (1949) “Museus Etnográficos VIII”, *Mensário das Casas do povo*, Ano IV, n° 38; TÓRO, Bandeira de (1943) “Museu etnográfico da província de Trás-os-Montes e Alto Douro”, *Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, Distrito de Vila Real, Tomo I: O concelho de Vila Real*, Lisboa, Edição e publicação do Jornal Ilustrado Português *A Hora*, pp. 19-21.

⁶ Cfr. ARAÚJO, Maria da Graça e SILVA, João Ribeiro da (2007) “Um Museu Etnográfico para Vila Real: Percursos e Horizontes em torno do imaginário rural”, *Estudos Transmontanos e Durienses*, n°13, Setembro de 2006 (no prelo).

⁷ Cfr. *Roteiro do Museu Etnográfico da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro* (1940) Vila Real, Imprensa Artística.

⁸ Cfr. SILVA, João Ribeiro da (2005), *op. cit.*

da década de 90 pela direcção deste organismo, terá sido alvo de uma candidatura a fundos comunitários⁹, para o qual se esperava afectar parte do espaço do núcleo sede – a Casa de S. Pedro – sita no largo homónimo. Mas logo surgiu o desígnio mais ambicioso: o de congregar no mesmo espaço parte do espólio do antigo museu, salvando-o de uma ruína eminente e remetendo-lhe um nova funcionalidade, com uma evidente intenção memorial. Com a colaboração do Município de Vila Real, fiel depositário do espólio¹⁰, este legou ao museu de sua tutela – o Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real (MANVR) a responsabilidade sobre esta iniciativa.

Neste sentido, e após estabelecimento de um acordo de colaboração entre o CCRVR e o MANVR, entendeu este último solicitar à Rede Portuguesa de Museus apoio técnico sob a forma de consultadoria especializada na área da museologia¹¹, com o intuito de efectuar um diagnóstico das colecções armazenadas, que se encontravam ainda – na sequência do que foi diagnosticado já em finais da década de 70 – *em péssimo estado de conservação, outras irrecuperáveis ou mesmo destruídas*¹².

De objectos e narrativas

A cultura material terá sido, desde sempre, o cerne da acção dos museus, ainda que os novos paradigmas da museologia façam emergir outras realidades de importância incomensurável para a plena transmissão da mensagem que se pretende comunicar. São eles o património imaterial, a imagem e o som, estes dois últimos fruto do avanço das novas tecnologias de informação e comunicação, que permitem enormes avanços nas tarefas de documentação e enquadramento expositivo, ilustrando grupos de objectos que doutra forma pareceriam mudos e pouco apelativos.

Desta forma, na maioria das vezes o tratamento museográfico dado aos objectos que enformam as colecções de um museu é imprescindível para maximizar não só a sua integridade física e química, bem como a informação que deles podemos obter para posterior apresentação pública. A documentação pressupõe a elaboração de instrumentos de classificação e análise, alicerces da pesquisa,

⁹ Programa LEADER + (FEDER), gerido pela Associação Douro Histórico.

¹⁰ Com a alteração do ordenamento político-administrativo, a Junta Distrital de Vila Real foi convertida em Assembleia Distrital de Vila Real, a qual é ainda legalmente a proprietária do espólio do museu.

¹¹ Realizado ao abrigo do *Programa de Apoio Técnico a Museus – área de inventário e estudo de colecções*.

¹² GONÇALVES, Silva (1979) “O Museu em Vila Real”, *Tellus – Revista de Cultura Transmontana e Alto-Duriense*, 5-6, Vila Real, p. 6.



Nos anos 40 do séc. XX, o Museu Etnográfico encontrava-se no edifício onde está presentemente instalado o Museu de Vila Real. (Foto publicada em *O Concelho de Vila Real*, edição do jornal *A Hora*, sob a direcção de Bandeira de Toro, Julho de 1943.)

traje, miniaturas e adereços e, principalmente, dos inúmeros manequins que outrora encenavam os núcleos expositivos. Afortunadamente, foi detectado que pelo menos dois núcleos apresentavam peças em bom estado de conservação (ainda que algumas necessitando de um restauro simples): foram os casos da olaria e da tecnologia têxtil, dois dos núcleos mais fortes da exposição do antigo museu, paralelamente a alguns objectos relativos à lavoura e aos ofícios. Tínhamos, deste modo, identificado quatro áreas temáticas para inventariação de espólio museológico, o qual se efectuou segundo as directrizes existentes¹³. Paralelamente ao preenchimento das fichas de inventário individualizadas para cada item seleccionado, foi levado a cabo um intensivo tratamento de conservação preventiva

constituindo o primeiro passo do tratamento museográfico. Estas premissas tiveram particular aplicação no caso do espólio do extinto Museu Etnográfico da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro (MEPTMAD), o qual se encontrava numa situação de absoluta carência ao nível das condições de acondicionamento e espaço de armazenamento: deste modo a intervenção por nós realizada revestiu-se numa forma de extrema urgência.

Após deslocação das caixas que continham o espólio para um lugar mais estável, (nas instalações do Centro Cultural Regional de Vila Real), procedeu-se à sua desembalagem, durante a qual se identificou e catalogou provisoriamente a colecção com apoio da última listagem de objectos realizada previamente ao seu acondicionamento definitivo. Uma das primeiras constatações foi a de que uma parte considerável do acervo se encontrava num estado irreversível de degradação, ou carecendo de uma intervenção profunda de restauro: foi o caso da generalidade do

¹³ BRITO, Joaquim Pais de; CAMPOS, Ana Margarida (orgs.) (2000) *Normas de inventário: Etimologia/Alfaia agrícola*, Lisboa: IPM.



Casa de São Pedro, a nova localização do Museu Etnográfico. (Foto Grémio Literário.)

e restauro, nas instalações do Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real, numa tentativa de apagar os vestígios nefastos do tempo e garantir a estabilização das formas, garantindo-lhe maior longevidade.

Conhecidos os objectos, seu historial e enquadramento, tornou-se fundamental conceptualizá-los na óptica do espaço, que apresentou limitações de área expositiva, que se prendem com o facto de a nossa intervenção ter ocorrido numa fase já avançada da obra. Tendo isto em mente, e também a convicção de apresentar uma mostra menos convencional e distinta da configuração algo estática do antigo museu, logo as evidências imateriais se nos afiguraram como o cerne do discurso a conceber, na medida em que consubstancia uma linguagem mais próxima do coração das pessoas, da sua realidade e dos seus sonhos, explorando o riquíssimo cancioneiro e a literatura popular.

Assim germinou a exposição que se convencionou designar por ***Ruralidade e Imaginário de Vila Real de Trás-os-Montes***, através da qual se espera homenagear vivamente as instituições que actuaram, ao longo do transacto século XX, na defesa e promoção da identidade rural de Vila Real e da região onde se

insere. Mais do que reproduzir textualmente o discurso museográfico do antigo museu, visou antes dar uma nova forma aos objectos que dele foi possível recuperar, juntando-lhe elementos recolhidos pela acção cultural da instituição promotora deste projecto.

Compreendendo quatro salas contíguas e sequenciais, agregou-se uma temática principal a cada uma delas, com ramificações que se distribuem consoante a área disponível. Em todas as salas se expõe um exemplar do traje usado na actividade principal – o trabalho, a romaria, a festa –, devidamente ilustrado com as palavras do maior poeta de Trás-os-Montes: Miguel Torga e o seu *Reino Maravilhoso*. Imagens antigas da paisagem, dos usos e costumes surgem amplificadas em tamanho natural e ilustradas com trechos de cancionero popular.

Com inauguração prevista para Junho de 2007, e sob o epíteto de **Museu Etnográfico de Vila Real**, esta nova instituição permitirá, a partir deste projecto museográfico, percorrer vários caminhos, versados nas correspondentes temáticas.

Quatro cenários para um percurso

Tempo de Desvendar

*Ó Vila Real alegre
Província de Trás-os-Montes
Nos dias que te não vejo
Meus olhos são duas fontes¹⁴*

A primeira sala denomina-se *Tempo de desvendar* porque através dela é-nos dada a vislumbrar uma panorâmica geral da identidade cultural da terra Vila-Realense, cujo distrito faz a súpula de Trás-os-Montes num mosaico paisagístico e humano caracterizado, ele próprio, por uma grande diversidade, fecunda de elementos patrimoniais e naturais que remontam a tempos antigos.

A breve visualização do mapa do distrito permite identificar alguma da massa geográfica que caracteriza esta região tão singular, facultando ao visitante valiosa informação sobre os principais pontos de interesse patrimonial e paisagístico do distrito, com evidente destaque para a sede do concelho, permitindo esboçar um número infundável de percursos para a sua descoberta. Segue-se uma evocação do antigo Museu Etnográfico da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, onde um mosaico contempla as imagens mais antigas das salas de exposição do museu¹⁵

¹⁴ Recolhido por VASCONCELLOS, José Leite de (1941), *op. cit.*, p. 107.

¹⁵ Estas imagens foram reproduzidas a partir de 26 negativos em chapa de vidro, datados do início dos anos 50, actualmente guardados no cofre da Assembleia Distrital de Vila Real.

e, deste modo, em jeito de memorial saudosista, presta a merecida homenagem aos seus fundadores.

Ao fundo, ladeado por dois exemplares dos mais emblemáticos trajas Transmontanos – A coroa e o burel – que guardam a entrada deste universo que se desvenda – uma imagem da Vila Real urbana alicerça-se a um trecho do cancionero popular que, deste modo, irrompe como epíteto que convida o visitante.

Tempo de Cultivar

*Bem grande é o Marão,
Não dá palha nem grão...*¹⁶

O tempo dos cultivos encontra-se revisitado na sala seguinte, dedicado à temática da lavoura e sua importância para a subsistência de uma população rarefeita em zonas concentradas de solos magros e clima inóspito: a crueza da paisagem rural é aqui impressiva, legando-nos imagens do ciclo do pão, da sementeira à ceifa¹⁷, perante a possante presença do arado, da grade e de um canastro de varas: três elementos que simbolizam a fecundidade e a abundância tão ansiadas, ostentando características que formal e funcionalmente se adaptam à realidade Transmontana¹⁸.

Têm nesta sequência lugar os ofícios correlativos à lavoura, apresentando as ferramentas com que o ferreiro, o latoeiro, o tanoeiro e o cesteiro transformavam o seu sonho em engenho. É conferido um especial destaque à arte do tamanqueiro, conquanto foi da responsabilidade do CCVR a captação de imagens de um dos últimos representantes desta arte, no lugar de Varge¹⁹.

Mas estes saberes da terra traduzem-se também em água, quando o lagar relembra o vinho do Douro e a fila de membros compassados quando o elixir das lagaradas sarava um quotidiano sangrento medido em socalcos. Da água depende também a produção do bragal doméstico, a partir da planta do linho, cujas voltas são ainda bem conhecidas das mulheres serranas de Agarez e Aveçãozinho. Sendo o núcleo mais representado nas colecções do antigo Museu, fornece-nos elementos que permitem reconstituir todo o manancial de saberes inerentes ao ciclo completo,

¹⁶ Recolhido por VASCONCELLOS, José Leite de (1941), *op. cit.*, p. 214.

¹⁷ Estas imagens, captadas no âmbito dos estudos de terreno conduzidos em meados do século XX pela equipa de Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira, encontram-se publicadas na incontornável obra *Alfaia Agrícola Portuguesa* (Lisboa/ Instituto Nacional de Investigação Científica, 1977) e foram-nos gentilmente cedidas pela Divisão Fotográfica do Museu Nacional de Etnologia/ Instituto Português de Museus.

¹⁸ Objectos pertencentes ao espólio do MEPTMAD.

¹⁹ Para aprofundar este assunto, leia-se a entrevista realizada a um destes artesãos na obra organizada por PACHECO, Helder (org.) (1984) *Artes e Tradições de Vila Real*, Lisboa: Terra Livre/ Direcção-geral de Divulgação, pp. 64-68.

desde a *arrinca* até à tecelagem: destaque para uma das peças emblemáticas da exposição: o engenho hidráulico, usado para maçar as fibras de linho, similar aos usados durante séculos movidos pelas águas dos rios e ribeiros²⁰.

Tempo de Evocar

Vila Marim das panelas
Bisalhães dos pucarinhos
Mondrões é dos mal-asados
*Bisalhães dos bem feitinhos*²¹

Ainda que todo este exercício consagre uma evidente evocação à terra e às gentes transmontanas, nesta sala agrupamos o cariz simultaneamente sagrado e profano das feiras e das romarias. Num primeiro momento exploramos o gesto do oleiro naquela que é umas das artes míticas da alma Vila-realense e um dos seus mais disseminados postais de visita: os barros de Bisalhães, que a par da roda e dos instrumentos que lhe dão a forma imaginada no rosto cansado do oleiro, se estendem como um manto negro reluzente aos pés da Capela Nova. Uma tradição que se mantém a par de outras que se esvaecem: o gado transaccionado na feira de Santo António; o pulsar da juventude nas rugas e bailes dedicados ao padroeiro. Depois a alma lavada nas procissões, promessas e devoções que sobem aos montes cheias de luz, tão perto é o céu: em particular, a Senhora da Pena, com os seus *andores monumentais que lembram veleiros a navegar num mar de gente*²², e a procissão de Santa Ana da Campeã, cujas miniaturas reconstitutivas se conseguiram recuperar do antigo acervo.

Tempo de Recriar

Boa Noite, meus senhores
Somos de Vila Real
E vimos apresentar-vos
O Folclore original

²⁰ Para aprofundar esta temática, aconselha-se a leitura de OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim (1991) *Tecnologia Tradicional Portuguesa: O Linho*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica/ Centro de Estudos de Etnologia, 2ª edição.

²¹ Cancioneiro popular, recolhido por CAMPOS, Maria Emília & CARVALHO, Duarte (1999) *Bisalhães: Anatomia de um Povo*, Vila Real, Centro Cultural Regional de Vila Real.

²² TORGA, Miguel, *Diário XIII*, cit. in CAMPOS, Maria Emília & CARVALHO, Duarte, *Aspectos da Religiosidade Popular no Distrito de Vila Real*, Vila Real, Centro Cultural Regional de Vila Real, 2005.

*Original das aldeias
Deste rincão Transmontano
Onde a croça e o burel
São o traje serrano*²³

A última sala é dedicada à recriação dos momentos de lazer e recreio, contando para o efeito com as valências de mini-auditório equipado com equipamento de projecção multimédia. Não obstante a solenidade afecta ao carácter transmontano, o seu universo recreativo não é de todo menos rico do que o imaginário simbólico de cariz devocional; antes o atravessa, o enriquece e lhe dá corpo. O espólio apresentado pertence exclusivamente às recolhas efectuadas pelo CCRVR, deixando antever exemplares de alguns jogos populares tradicionais e instrumentos musicais.

Em relação ao jogo, decidimos abordá-lo nesta exposição, na medida em que é um campo usualmente negligenciado nos museus e exposições etnográficas e atendendo à sua importância central para a compreensão da estrutura sócio-pedagógica, cultural e cognitiva do conceito de lazer e recreio em Trás-os-Montes. Como afirma António Cabral, um dos fundadores do CCRVR e grande impulsionador da acção da instituição neste âmbito, *o jogo tem um tal carácter festivo e absorvente que nele se repercutem as tendências e os modos de ser, os traços distintivos das comunidades que o praticam, numa interdependência em que o passado e o presente se conjugam.*²⁴

Em relação à música, as tunas – agrupamentos musicais bastante frequentes no distrito – ocupam um lugar de destaque, bem como uma homenagem aos cantos e danças desenvolvidos pelo Rancho Folclórico de Vila Real: o cancionero popular e o vasto repertório musical que ambas as instituições salvaguardaram e difundiram para memória futura encontra aqui o seu lugar privilegiado de expressão²⁵.

Considerações finais

Constitui nosso ensejo que a trajectória de investigação, aqui sumariamente esboçada, possa transcender a exposição que se apresenta neste ano de 2007. Ela constitui a súpula de uma acção de emergência sobre um conjunto de objectos

²³ CAMPOS, Maria Emília (1994) “Das “Ceifeiras de S. Dinis” ao Rancho Folclórico de Vila Real”, *Tellus – Revista de Cultura Transmontana e Duriense*, nº 23.

²⁴ CABRAL, António (1984) “A perspectiva Cultural dos Jogos Populares”, *Estudos Transmontanos*, nº 2, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Vila Real.

²⁵ Muito do qual recolhido na obra CAMPOS, Maria Emília & CARVALHO, Duarte (1994) *O Douro – Músicas, Danças e Cantares*, Vila Real, Centro Cultural Regional de Vila Real.

que pertencem ao tempo dos nossos avós e que jaziam em risco de extinção, e com eles a memória dos homens que os fabricaram, e de todos os homens e mulheres que com eles laboraram a terra e o produto do seu engenho. Revitalizando um museu com uma mostra que se quer permanente dependerá da articulação inter-institucional que permita reconhecer o trabalho feito e propor dinâmicas de desenvolvimento rumo à consolidação da nova entidade como um museu efectivo, ágil e actuante, não apenas como referencial de memórias de outrora mas como catalizador das problemáticas que o presente e o futuro trazem à vida quotidiana das populações.

Neste âmbito, os museus não se constituem como um fim em si mesmos: mas antes como pontos de partida, prenunciando o começo de uma realidade que tem a possibilidade de se construir e desconstruir sucessivamente. Nunca será demais, pois, sublinhar a importância que a comunidade Vila-realense pode vir a desempenhar na sensibilização dos poderes públicos para fazer convergir um maior investimento e atenção à salvaguarda dos valores de identidade que assistem a este território singular.

Bibliografia

- ARAÚJO**, Maria da Graça e **SILVA**, João Ribeiro da (2007) “Um Museu Etnográfico para Vila Real: Percursos e Horizontes em torno do imaginário rural”, *Estudos Transmontanos e Durienses*, n.º 13, Setembro de 2006 (no prelo).
- BRITO**, Joaquim Pais de; **CAMPOS**, Ana Margarida (orgs.) (2000) *Normas de inventário: Etnologia/Alfaia agrícola*, Lisboa: IPM.
- CABRAL**, António (1984) “A perspectiva Cultural dos Jogos Populares”, *Estudos Transmontanos*, n.º 2, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Vila Real.
- CAMPOS**, Maria Emília (1994) “Das “Ceifeiras de S. Dinis” ao Rancho folclórico de Vila Real”, *Tellus – Revista de Cultura Transmontana e Duriense*, n.º 23, pp. 73-77.
- CAMPOS**, Maria Emília & **CARVALHO**, Duarte (1994) *O Douro – Músicas, Danças e Cantares*, Vila Real, Centro Cultural Regional de Vila Real.
- CAMPOS**, Maria Emília & **CARVALHO**, Duarte (1999) *Bisalhães: Anatomia de um Povo*, Vila Real, Centro Cultural Regional de Vila Real.
- CAMPOS**, Maria Emília & **CARVALHO**, Duarte (2005) *Aspectos da Religiosidade Popular no Distrito de Vila Real*, Vila Real, Centro Cultural Regional de Vila Real.

- CHAVES**, Luís (1945) “O Museu Etnográfico de Vila-Real”, *Ocidente*, vol. XXVII, nº 90, Lisboa, p. 108.
- GONÇALVES**, Silva (1979) “O Museu em Vila Real”, *Tellus - Revista de Cultura Transmontana e Alto-Duriense*, 5-6, Vila Real.
- LIMA**, Augusto César Pires de (1949), *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*, 4º Vol., Porto, Junta de Província do Douro Litoral/ Comissão de Etnografia e História.
- OLIVEIRA**, Ernesto Veiga de; **GALHANO**, Fernando; **PEREIRA**, Benjamim (1983) *Alfaia Agrícola Portuguesa*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica/ Centro de Estudos de Etnologia, 2ª edição.
- OLIVEIRA**, Ernesto Veiga de; **GALHANO**, Fernando; **PEREIRA**, Benjamim (1991) *Tecnologia Tradicional Portuguesa: O Linho*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica/ Centro de Estudos de Etnologia, 2ª edição.
- PACHECO**, Hélder (org.) (1984) *Artes e Tradições de Vila Real*, Lisboa: Terra Livre/ Direcção-Geral de Divulgação.
- PEIXOTO**, Rocha (1908) “Etnographia Transmontana: Apodos Tópicos”, *Ilustração Transmontana*, pp. 75-80.
- PESSANHA**, Sebastião (1949) “Museus Etnográficos VIII”, *Mensário das Casas do povo*, Ano IV, nº 38.
- NEVES**, Elísio (1998) “Resumo do movimento museológico em Vila Real entre 1888 e 1997”, *Tellus -Revista de cultura transmontana e Alto-Duriense*, 28, Vila Real.
- Roteiro do Museu Etnográfico da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro* (1940) Vila Real, Imprensa Artística.
- SILVA**, João Ribeiro da (2005) *O Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real: Do Legado Histórico e Cultural ao Programa Museológico*, Dissertação de Mestrado em Museologia e Património Cultural apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- TÓRO**, Bandeira de (1943) “Museu Etnográfico da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro”, *Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, Distrito de Vila Real, Tomo I: O Concelho de Vila Real*, Lisboa, Edição e publicação do Jornal Ilustrado Português *A Hora*, pp. 19-21.
- VASCONCELLOS**, José Leite de (1927) *De Terra em terra: Excursões Arqueológico-etnográficas*, Vol. I, Lisboa: Imprensa Nacional, 1927.
- VASCONCELLOS**; José Leite de (1941) *Etnografia Portuguesa*, Vol. III, Lisboa: Imprensa Nacional.

A. M. Pires Cabral: um clássico no Nordeste¹

Vasco Graça Moura

Há cerca de um ano, tive ocasião de escrever uma breve síntese sobre António Manuel Pires Cabral em que dizia ter ele vido a produzir discretamente uma obra literária que permite classificá-lo como um dos mais importantes poetas ligados ao Douro, capaz de exprimir uma distância, geográfica e cultural, em relação aos grandes centros, que acaba por servir-lhe também de matéria para o poema e para uma afirmação de altilva identidade. A rudeza e a ruralidade da região, a áspera beleza das suas paisagens, as dificuldades e as vivências dos seus trabalhos e dos seus dias, passam para os versos de A. M. Pires Cabral sem concessões a expedientes fáceis ou ao regionalismo, num permanente exercício de transposição que almeja uma exactidão concreta das notações dos seres e das texturas. Isso não o impede de voos líricos intensos, do recurso à tradição clássica, como nos seus “pretextos tomados de Camões”, e muito menos de uma ironia muito pessoal. Tentarei desenvolver agora alguns destes aspectos e mais alguns que não cabiam naquela curta nota, começando por aquilo a que poderíamos chamar a “frustração” da epopeia.

Em *Trirreme*, um livro publicado em 1978, A. M. Pires Cabral inclui um poema, “Epopeia privada”, que pode ser tomado como síntese de toda a sua obra poética:

¹ Texto lido na cerimónia de entrega do Prémio D. Dinis a A. M. Pires Cabral, em 9 de Setembro de 2006, na Casa de Mateus.

*As armas e os barões
foi outra coisa.*

*Falo de mim e do
que em mim decorre.*

*Que não ultrapassei
a Taprobana.*

*Mas perenemente esforçado
em guerras guerras guerras*

*Onde nada prometia
a força humana.*

*Minha epopeia
privada*

*pequenina. Nem sequer
ul/trapacear a Taprobana!*

Este breve e emblemático texto, misto de arte poética e de autobiografia, serve-nos para assinalar, entre outras coisas, o vector de um diálogo aturado com Camões e os clássicos; um sentido da relação entre a criação e a vida como epopeia privada, isto é afinal como “anti-epopeia”; o tipo de qualidade rítmica e prosódica que assinala a maior parte da poesia do autor; e ainda um tipo de expediente a que chamarei morfo-semântico e que é recorrente na sua escrita: o jogo significativo decorrente da refiguração, para não dizer do estropiamento deliberado, de algumas palavras para delas explorar outras virtualidades significativas (por vezes levando o processo de *enjambement* ou encavalgamento ao interior das palavras e até das sílabas), como aqui, em que, no final do poema, “ultrapassar”, dá lugar à inesperada variante de “ul/trapacear”, no caso, ir além de alguma coisa, mas enganando-a ou iludindo-a, ou, se quisermos, passar à margem da História (a Taprobana) fazendo-lhe negaças... Na verdade, A. M. Pires Cabral não passa à margem da História, mas escamoteia-lhe as grandiloquências estridentes em favor do *struggle for life* do bicho da terra tão pequeno, e é isto a que ele chama a sua “epopeia privada, pequenina”.

Peguemos pois em Camões e em todo o património que ele, por antonomásia, representa na obra de A. M. Pires Cabral. São frequentes as alusões, as citações, os versos do poeta nacional aludidos, manipulados ou tomados como ponto de

partida. Não apenas no ciclo “Nove pretextos tomados de Camões” (aliás nove, a que acabaram por acrescer mais três...), e não se trata propriamente de *pastiche*. Trata-se antes do modelo interiorizado do modo como a palavra literária refracta o concerto e os desconcertos do mundo, e também de uma modalidade de respiração lírica, mais do que épica, em que razão e emoção, reflexão e sensibilidade, ecos de rituais litúrgicos e profanos, presenças e asperezas do real imediato, se reencontram, através de uma língua que evoluiu mas tem em Camões o seu máximo expoente, num registo muito pessoal e controlado ligado à angústia e à problematização irónica da relação do eu com esse mesmo mundo. Ou, como o nosso autor escreve:

*E polirei minha prosa
em paz com a lavoura
e com o estro e*

comigo não.

Por outro lado, a presença do património cultural referido não se detecta apenas nas alusões literárias, mas também na recuperação frequente de um vocabulário culto, alatinado (por exemplo, horrísono, frumentoso, doestos, interamnense, pascigo, suspicácia, veniaga...), a coexistir com expressões provenientes quase sempre do ofício religioso, e com formulações mais directas, mais irónicas e, por vezes até, ligadas a uma vivência quotidiana mais directa e sem concessões e eufemismos.

Um bom exemplo disso é o da sombria meditação sobre a doença e a morte do ciclo de 2003 *Como se Bosch tivesse enlouquecido*. A sequência começa e acaba sob a invocação do Livro de Job, citando em latim a sua imprecação contra a saída do ventre materno. Lê-se, a abrir o primeiro poema,

*Quare de vulva, vai para sessenta anos,
eduxisti me?*

*Porque me tiraste de onde estava
rodeado de águas, sem cuidados,
riscando fósforos na imaginação
da mãe?
(...)*

Depois, a fechar o ciclo, a mesma citação bíblica é retomada na brutal economia expressiva de apenas três versos:

*Quare de vulva? Se hei-de
aquietar-me –*

quare de vulva, porra?

A matriz clássica em A. M. Pires Cabral insinua-se pois de modos muito variados. Há casos em que a sintaxe alatinada pisca o olho a Ricardo Reis,

*Mais força traz amor pela manhã,
cevado do pretérito descanso.*

ou recorda formulações camonianas como na grave beleza meditativa que encontramos noutro verso, “as densas coisas minhas recordadas”. Mas também há casos em que é pela fragrância e exactidão das imagens, combinadas com tais processos, que esse classicismo e o seu equilíbrio são atingidos na busca de exactidões para a transcrição do real:

*Ó verão, eu vi-te um dia,
num cabeça pertinho de Macedo,
e vi como coleavas, cobra de silêncio,
a armar laços de sede às cotovias.*

Ou o efeito de transcrição aliterativa dos ruídos secos da cigarra num verso como “a cigarra nos socorre e reconduz”.

Ou ainda, como, em “Os ciganos”, esta sequência verdadeiramente fílmica em que hipálages e discretos hipérbatos se combinam a dar-nos as intermitências de planos no sacolejar da caravana pela estrada:

*Debaixo da carroça trota a coelheira,
aproveitando a sombra débil a ambulante.
Sentado na boleia, as rédeas na mão morena
descuidadas, um homem cisma, confia
do caminho ao macho lento a decisão.*

*Outros homens a pé e mulheres novas
entretêm de riso a caminhada espessa.
Logo após, sobre os burros, os pertences.
Alguns velhos também, já cansados de tudo,
tiram partido do precário trote. As crianças
de peito sugam em sonolenta teima
as elásticas tetas sacudidas, mas alvas e redondas.*

(...)

Do verso camoniano, A. M. Pires Cabral recolhe ainda a lição prosódica, o andamento ritmado, muitas vezes decassilábico ou próximo do decassílabo, por vezes a toada da redondilha, quase sempre a combinação bem respirada entre versos longos e versos curtos, e, enfim, um sentido da epopeia pela irrisão em que, à voz de um povo supostamente heróico como matéria do *epos* clássico, se substitui a voz da criatura individual, na sua circunstância concreta. É assim que, em 1974, circunstância e memória, vida pessoal e registo permeado de vivências telúricas, abrem o percurso deste poeta em *Algures a Nordeste*, com o subtítulo significativo de “Catálogo de Feios, Simples e Humildes”, a que pertencem alguns dos exemplos que já aqui apresentei. A dicção de Pires Cabral calibra com extrema precisão todos os seus efeitos de ênfase anafórica:

*Eu percorri caminhos em tardes de verão
a confundir as aranhas e os lagartos
com perguntas embaraçosas para as suas naturezas
demasiado simples. Eu arranquei flores
para me persuadir de que estão presas ao chão
ou precisam de raiz para viver.
Eu matei tanta vez pequenas aves
para chorar depois
sobre o corpo de um passarinho morto.
Eu desejei possuir certa pastora,
dignamente,
como um bicho,
na intimidade do rebanho.
Eu vi da gente exangue os trabalhos e os dias.
Em tudo eu senti que, terra, estás presente
como um gene universal de divindade:*

(...)

Logo neste seu primeiro livro temos acentos dessa epopeia sumária que inevitavelmente passa pela *terra mater*, e também por evocações de velhos, de emigrantes, de ciganos e de prostitutas, pela fome e pela matança do porco, pelo Carnaval e por rituais como a encomendação das almas, por lugares, paisagens e monumentos, por todo um bestiário, por jogos infantis, por imagens de familiares, pelas estações do ano e pelos fenómenos climáticos, por flores e frutos, para terminar numa nota desalentada de “Desesperança”:

*Já não sei que mais navios
virão com carga no ventre
abastecer a distância
interior da minha gente.*

Este é o correlativo... objectivo e subjectivo de dois versos do poema “Emigrantes”:

*Com o Douro a sul, a sul nos fica a vida.
Para cá do Marão manda o olvido.*

Mas a questão da epopeia ainda em 1981 preocupa o autor, quando publica *Boleto em Constantim*:

POETA ÉPICO

*Acaso desferi alguma corda
de lira ao proclamar tais turvações?*

*Poeta lírico? Épico é que ele é,
sentado à tranquila vizinhança
de antigas garrafas e um cigarro
disponível ao alcance da prosa.*

Respeite-se, caramba, este cl/amor.

Pelo menos desde Camões que o *epos* moderno comporta a intromissão da contemporaneidade e das peripécias individuais dos vates. Da epopeia entrevista, rejeitada ou, por sarcástica antífrase, apropriada por A. M. Pires Cabral, o que fica são essas peripécias do foro e do fôlego íntimos e de uma relevância essencial, embora anti-heróicas, sensíveis à efemeridade e fragmentadas na sua ligação a uma realidade identitária e a um destino individual que nela se inscreve e por vezes se lhe contrapõe.

Em *Solo arável* (1976), as meditações de A. M. Pires Cabral situam-se como que numa exploração dialéctica e não propriamente resolvida da tensão entre os pólos da vida íntima e da vida colectiva em quatro andamentos, “corpo”, “cidade”, “agricultura” e “guerra”. O léxico torna-se um pouco mais abstracto, a alusão descritiva cede frequentemente o passo à metáfora ou à perífrase, a musicalidade verbal cede a vez a uma espécie de ruído controlado, os temas dão lugar aos problemas, as interrogações multiplicam-se por vezes permeadas de alusões políticas, os textos principais apresentam-se como sequências estróficas a formar uma espécie de odes.

Tanto a poesia ligada à vida colectiva, à *polis*, como a poesia de amor, que é um dos momentos da secção dedicada ao corpo, virão no entanto a ter mais complexas e conseguidas elaborações líricas no livro seguinte, *Trirreme*, de 1978, com os três poemas agrupados sob o título “Abril devia ser”, os cinco de “Eros anotado”, a que Joaquim Manuel Magalhães chama “o envolvimento ondulatorio e referencial ao desejo numa linguagem que dele vive apenas porque dele fala”, e os “Nove pretextos tomados de Camões”. Um dos poemas mais importantes deste livro é ainda “Um homem sentado no seu tempo”, um debate da consciência individual com as contradições de tudo aquilo que a transcende e angustia. Eis alguns fragmentos desse andamento grave e meditativo:

*Está um homem sentado no seu tempo
cismando na mudança e em tantos
outros lógicos inexoráveis topos.*

(...)

*Eis uma máquina de produzir sistemas,
que belo organismo em movimento.
Um engenho que, incessantemente,
como um fio de baba debitando angústia.*

*Ah, mas já a porção se contemplou,
já ele toma a tesoura dos seus dedos
e recolhe uma ideia arredondada
e a condiciona entre outras mil,
todas densas, agudas, de morrer.*

(...)

*Está um homem sentado no seu tempo,
recebe do século as mais embravecidas
aflições – e prossegue segregando,
tão perfeita engrenagem de sofrer,
sua atlética frente tão suada.*

Em 1981, A. M. Pires Cabral publica *Boleto em Constantim*. Trata-se de um pequeno conjunto de breves poemas que, não obstante ainda registar uma série de ecos da urbe portuense, assinala nova transição, ou reorientação para uma temática do Nordeste, mas agora cada vez mais concentrada e mais decantada no seu reverberar na vida interior, a que se contrapõe, nos três poemas relegados para o

apêndice desta plaquette, uma dimensão da história para a qual são utilizados velhos documentos e cronicões. O primeiro desses textos, sobre a doação de foral de Constantim, pelo Conde D. Henrique e D. Teresa, contém a explicação do título:

*Nenhum homem não porá mão violenta
sobre vosso gado saído em pascigo.*

*Nem tome algum soldado pela força
boleto em Constantim,
nem jamais ouse o saião transpor por mal
a porta do burguês.*

Este privilégio concedido aos moradores de Constantim, desde antes da independência de Portugal, ganha aqui uma especial força simbólica. Torna-se uma espécie de garantia imemorial do recato desejado para o lugar em que se habita, de uma salvaguarda da alma e do corpo contra intromissões externas e abusivas, da possibilidade de cada um viver discretamente a sua vida, enfim, da possibilidade da criação literária ao abrigo das convulsões do mundo.

Em *Os cavalos da noite* (1982), A. M. Pires Cabral surge a explorar a rima e os metros clássicos, por vezes mesmo, algum tributo à agudeza e arte de engenho:

*Saber em que mar de escória
se afogará esta sede,
parede desta memória,
memória desta parede.*

Ou ainda esta interpelação de um interlocutor inominado e inquietante:

*A rês, a lírica rês
Que habitou este percinto
Terás submissa e cortês,
Antes de extinto de vez
O seu bafô nunca extinto?*

De facto, o que me parece mais importante neste livro é a expressão de uma inquietação de sobrevivência e de interrogação metafísica que prenuncia de uma década o angustiado *Como se Bosch tivesse enlouquecido*, de 2003, a que já me referi, e que, ao ciclo com esse título junta ainda uma série de “pretextos” tomados de S. João da Cruz e outra sobre os sinais de possessão demoníaca segundo Brognolo.

Ao *Bosch* seguem-se mais dois livros de poemas: *Douro: pizzicato e chula*, de 2004, e *Que comboio é este*, de finais de 2005. No primeiro, trata-se da viagem de um grupo de poetas pelo Douro acima, do Porto a Barca d'Alva, em que o autor participou. Tem notas descritivas, notas reflexivas, captação de flagrantes na paisagem, breves excursos líricos, observações irónicas, alusões à companhia literária em que o autor se encontra, evocações de vária ordem, mas tudo conflui, mais uma vez, no mundo interior:

*Ao invés,
acotovelo-me a mim próprio,
removo em silêncio um a um
os agulhões que o Douro
me vai cravando nos olhos.*

*Viajando embora por este rio acima,
bem vistas as coisas, é por mim abaixo que viajo.*

O rio é identificado com o tempo e a memória, na melancolia das ruínas e dos mortórios avistados por sobre as margens, nos seres alados que o sobrevoam, como uma ocasional gaivota tresmalhada ou bandos de garças (“E eu a bordo sigo as garças: / às vezes sou a que fica, / às vezes sou a que voa”), na fugaz evocação autobiográfica, na micro-variação sobre uma canção camoniana, na “barrigada de esteias / vividas no tombadilho”, na morte da Ferreirinha, na vista cá de baixo de S. Leonardo da Galafura dialogando com um poema célebre de Miguel Torga (“Visto de profundis / talvez se entendam melhor / as metáforas do Torga”) enfim, na ampla função de reflector de tudo, de espelho da existência e da História:

*ou não fosse o rio um espelho
antes de rio.*

E o mesmo rio, que suscita amistosas e desencantadas ironias sobre os poetas que fazem a viagem e têm “tão denodadamente gargarejado o Douro”, também prenuncia o tema do comboio:

*Durante muito tempo,
o caminho de ferro acompanha o rio
como o cão acompanha
as passadas e o cheiro
daquele a quem deve obediência.*

Ora é também de uma viagem, desta vez “em visita ao miolo da noite”, que fala, em contraponto fluido, o último livro, *Que comboio é este*. E se ambos os percursos, o do rio e o do comboio, funcionam como longas e coleantes metáforas da existência, há uma permanente ironia que nos desengana quanto a possíveis euforias nesses trajectos:

*O comboio pára numa estação remota
que não vem no mapa.
É noite. Quero saber onde estou.
Desembacio o vidro da janela.
Na parede que me fica defronte,
a palavra Retretes.*

*Fico sem saber o nome do lugar,
conformo-me com isso.*

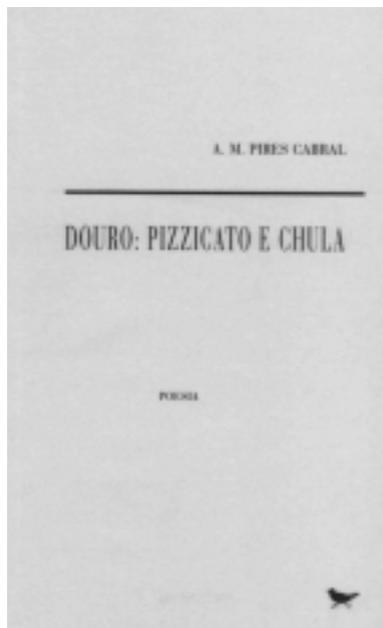
*Se calhar nunca tive outro destino
senão parar defronte
de retretes.*

Este desencanto algo prosaico e sem rodeios já teve todavia ocasião de se exprimir noutros registos, por vezes com refinada elegância, como neste soneto de *Trirreme*:

AS ANDORINHAS

*Habitua-se a mim as andorinhas
que usavam desertar os meus beirais;
e eu coro da aderência com as minhas
magníficas reservas naturais.*

*Que encontrarão as sôfregas vizinhas
mudado em mim a menos ou a mais?
Crerão mondadas as ervas daninhas
no advento dos ventos outonais?*



*Mal fornecem de sal o meu Inverno,
se vão moucas a alvissaras e a rogo,
afogam-se também no rio eterno.*

*Coisas com asas que tão tarde tive,
irmãs do calor não – irmãs do fogo
que, extinguindo, tão-pouco sobrevive.*

Muita poesia de A. M. Pires Cabral oscila entre estes dois pólos: o de uma expressão directa e de económica simplicidade a colocar-nos desenganadamente perante a rudeza da realidade adversa e o de uma transfiguração lírica do pensamento e da emoção em literatura, em discreta mas bem apetrechada oficina. E com tudo isto, estamos perante um poeta lírico, mas que recusa os efeitos excessivos do lirismo, contido e distanciado “quanto a uma subjectividade demasiado explícita”, como diz Fernando Guimarães, e cujas intextualidades são um permanente carburante de ironia crítica. Nessa recusa vigilante dos excessos está também porventura aquilo que ele diz ser a sua pequena ou reduzida epopeia. E, numa linha que poderíamos aproximar da ligação de Nemésio aos Açores, ou da de Seamus Heaney à Irlanda, este é um caso em que a tradição cultivada é fecundamente instrumentalizada por uma modernidade que afirma sem concessões as suas distâncias e as suas prerrogativas. Como no caso deles, não estamos perante um autor mais ou menos paroquial, cultor de um regionalismo para deleite mais ou menos pitoresco. Se a sua poesia parte muitas vezes de uma sugestão local, muitas vezes do mundo rural, mas não só dele, fá-lo para chegar à expressão das grandes questões ou revelações que ensombram ou iluminam a existência humana. Como toda a grande poesia, ela reformula um vasto património cultural acumulado e propõe novas sínteses a partir dele. Como bom herdeiro, o autor faz frutificar os cabedais que recebeu e transforma-os.

Uma síntese do ensaio do ensaísta italiano Salvatore Settis, *Futuro del “clássico*, diz que “toda a época, para encontrar identidade e força, inventou uma ideia diferente de “clássico”. Assim, o “clássico” contempla sempre não só o passado, mas também o presente e o futuro. Para dar forma ao mundo é necessário repensar as nossas múltiplas raízes”.

É neste sentido que A. M. Pires Cabral é um clássico, mas seria porventura redutor dizer-se que é um clássico do Nordeste. Ele é, antes, um clássico no Nordeste. E por isso, é da praxe dizer-se que ele está de parabéns por lhe ser atribuído o prémio D. Dinis, nós estamos todos de parabéns por haver um clássico que continua a viver e a trabalhar aqui.

Caçando assim... e assado

Ângelo Sequeira

Ao meu ex-condiscípulo António Lobo Antunes, escritor, colega e amigo, a honra é minha, ofereço não como arremedo mas como homenagem.

sentia a ponta do pé gelado desagradável e os dedos a boiar dentro da bota e para mais a caçar de luvas que não dava jeito nenhum a perder-se o sabor do frio no guarda-mato no indicador direito enchouraçado e sempre às cabeçadas para passar entre os dois gatilhos que o inverso também é verdadeiro pois aprendido o operar de luvas mais difícil é sem as ditas manobrar as tesouras as linhas e os porta-agulhas o gatilho da frente é o do cano direito que direitos são os dois não é como a estátua na Praça da Liberdade no Porto em que a pata direita do cavalo de D. Pedro é a esquerda já que a direita está torta no cano direito o menos estrangulado é sempre chumbo mais miúdo oxalá este sete esteja bom que os outros que apanharam aquela molha em Vila Franca lá ficaram a secar dentro das botas de cano curto ainda hei-de saber porque é que não as calcei hoje não me tinha molhado logo ao saltar a primeira vala e se trouxesse as de lona da tropa ao menos a água entrava e saía não digo que fosse logo toda na passada seguinte com o dobrar do pé e o som do espanta-gatos pffffff que era como o Figueiredo chamava aos trólei a travar aquele Figueiredo impagável e imparável sempre o mesmo o que eu me ri quando me perguntou se eu andava a estudar violino ao ver-me com a saca debaixo do braço e dentro da saca a Sarrasqueta que aqui vai comigo agora a lembrar-me o Armando de quem a herdei com o vício dele de matar perdizes lá vai o Manel a adiantar-se sempre apressado a meter-se na frente o que vale é que isto é só lameiros nas bordaduras é que é preciso ter cuidado com os tiros e tenho agora de passar



Cena de Caça, num prato de Gillman & Companhia, Sacavém.

por aqui tudo silvas e não vejo a Primavera bate bem mas às vezes adianta-se e além vai o Nelo também já deu bem aos pedais vou tirar esta luva tenho a mão a suar quero passar por aquele matucho e lá vai o Vaz ligeirinho e agachado no cheiro dos patos olha lá deram agora um tiro não foi ele que não vejo nada alguma narceja já que é para o que isto está bom com o que choveu esta noite no cano esquerdo não sei para que tenho lá um cinco e se desata a chover não molho só o outro pé lá se vai o resto do enxugo mas como diz o Acácio se não chover a água não pode ser muita botas boas aquelas que eu tive as da Campeã dessas é que eu tenho saudades feitas pelo António Augusto com elas é que hoje já me tinha sumido pelo chão abaixo de pesadas que eram mas sequinhas também não queria estragar já o cinturão novo que em Vila Franca foi diferente bons amigos aqueles avieiros o António a Natividade e os outros ela a ter alta da hysterectomia que foi porque a conheci e eu a perguntar-lhe se conhecia lá alguém caçador e ela a dizer que não e logo no fim de semana seguinte o convite para ir aos patos e às narcejas de traineira rio acima ainda muito cedo de manhã e já elas a prepararem a caldeirada e os sorrisos e os bons modos para nos oferecerem e à terça feira logo cedo antes das nove eu a sair da vela era raro não ter à minha espera uma sacada de enguias na portaria do hospital não era nos lameiros era nas paveias comigo pela mão em

Setembro às codornizes e na semana passada às narcejas tiros e tiros lá vai uma o tal sete do gatilho da frente do tal direito sai seco e vá lá que caiu perto boca lá Primavera boca lá traz cá linda bem boa esta cadela nada que se pareça ao Rubi esse Senhor Cão que nos ensinou e a quem nós ensinámos mas enfim como ela se me afeiçoou logo sem luva pego melhor nela que gordinha com um chumbo partilhe o bico grande pontaria sou sempre assim como aquela do Tio João e a cadela outra vez marrada já saltou outra e larga vai com o esquerdo ainda bem que tirei as luvas saiu do zag apanhei-a no zig a cadela a correr já vem com ela na boca grande amigo o Carriço estou a ouvi-lo daimoso a decretar morreu-lhe o Fido fica com a Primavera e logo ela percebeu que nunca mais quis caçar com ele não sei porque é que os cães trazem à mão e com que jeito e o porquê daquele seu brilho nos olhos dá cá linda dá cá ao dono se estivesse de luvas lambuzava-mas todas e o tempo a passar e o tempo a piorar mas alma até Almeida que ao meio-dia ou carrega ou alivia dois tiros duas narcejas tiros envenenados também diz o tal Acácio o da Rapada grande caçador também ele a ensinar-nos a andar na ala e a matar perdizes mas grande manhosão sempre a dar alguma das dele à socapa sucessivamente a cada um de nós todos irmãos para nos pôr à porfia só muito depois é que soubemos e mais tiros a um bando de galispos e o Zé a assobiar-lhes



Perdigueiro português, num prato das Edições Philae.

traíçoeiro imitando o seu piuit sabe que vêm ao chamo mais um tiro lá caiu de asa o galispo bécua abécua ave-fria águas-neves avetoninha avecuinha abibe víbora bibes donzela-verde tanto faz é tudo o mesmo tantos nomes para um novelo preto e branco só de penas um despropósito que como dizia alguém sempre uma só alcunha só dois é que têm os reis e os fauistas mas a Primavera vai lá não não vai é fina mais que fina mais que nós humanos que vão vamos a mau vento com ela a ir por longe procurá-lo o bom vento e vir com ele no focinho fina a caçar para nós outra vez a chover no cinturão com os trinta cartuchos que restam todo de cabedal todo cosido à mão que o Carriço o grande amigo me arranjou lá para a terra dele num artista a acabar todo cosido à mão como as botas da Campeã de Pousada no Marão cosidas à mão pelo António Augusto de pneu sola de pneu e cardadas o desinço do verniz do soalho puxado ao lustro pelas mãos e joelhos já calejados da Maria da Fraga também de caça mas não só que aguentaram mais de dois anos de futebol no areão das Caldinhas dos Jesuítas sem mais um único ponto sem voltarem a ver nunca mais uma sovela para arranjos só de vez em quando o martelo para uma ou outra carda cansada e muitas muitas ensebadelas mais dois tiros a chover muito e não vejo a Primavera e outro tiro ainda e mais outro ainda acolá regressam dois e está outro já a chegar ao carro de guarda-chuva aberto a fugir a Primavera



Prato representando um abibe.

CAÇADORES DESPORTIVOS

Ô MOMENTO É PATRIÓTICO, O MOMENTO É DE TRABALHO PARA A FORMAÇÃO DO PORTUGAL RENOVADO

Os caçadores de regão de Évora, cónscios da necessidade duma reestruturação total da lei de caça, não podem a nenhuma título deixar de considerar o qultivo e complexidade de tal empresa, necessariamente no momento presente em que a administração se empenha também na plena reestruturação de um Portugal que inda deseja renovar.

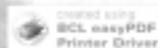
Contudo porque a expressão que descreve *détails* foi imposto de todos os recôres ao povo, limita-se a solicitar a sua mesma administração a verdadeira adopção duma série de medidas urgentes, medidas que permitam liberar o povo-caçador do espartilho que o vem obrigando.

E assim, interpretando a vontade da esultada massa de caçadores necessariamente reunidos na sede do Juvenude Sport Club, atrevemo-nos e apesar à falta de notoriedade, as principais reivindicações, cuja realização, por ser fácil, poderá ser adoptada já na próxima época venatória no geralidade, não se praticando, porém, de demolição total da lei obtida que só de uma gradualidade incoquível pode ser realizada.

Propõe-se pois:

- 1.ª — Que seja dissolvido o Conselho Nacional de caça, as comissões venatorias regionais e circulares, órgãos que pela natureza desorganizada e pelas resoluções tendenciosas em qum todos, se tornam altamente suspeitos dos caçadores desportivos que desejam também ser livres.
- 2.ª — Que no estrueto seja substituído por organismos válidos e de protecção Territorial e definitivos mas que seja exclusivamente gerido por caçadores desportivos.
- 3.ª — Que se liberte, na realidade, o direito de caçar nos terrenos assomados, permitindo-se assim, com um sólio sistema que nos dámos aqui tem conduzido a desigualdades injustas.
- 4.ª — Que embora mantendo-se as condições por substituído ao regime florestal se libere de uma distribuição estranheza no território Nacional de tal modo que possam verdadeiramente cumprir o missão para que foram criadas, isto é, o fomento e defesa do Património cinegético do País. Para tal, em caso a lizem, deverão accodar em superfícies 100 ha. e as linhas perimetrais não deverão aproximar-se a menos de 1.500 metros.
- 5.ª — Que se proíba em todo o território a prática de caçar por batidas, método que opera em gananciosos e não desportivos poderá servir.
- 6.ª — Que para ordenamento, conservação, defesa e distribuição equitativa dos bens cinegéticos se não permita a prática da caça a qualquer espécie mais de dois dias por semana, duas semanas, procurando-se, para já, os Domingos, Festeiros e Quintas-feiras.
- 7.ª — Que quer no terreno livre quer no privado não seja permitida a formação de grupos de caçadores em número superior a seis.
- 8.ª — Que o período da caça geral de espécies indígenas decore segundo o sistema preconizado em 6.ª, mas entre 1 de Outubro e 31 de Dezembro de cada ano.
- 9.ª — Que se estrueto o ordenamento das condições e manter, de estado e que no sua exploração se tenha verdadeiramente consultoria e cupar de activizar os interesses da escola dos devotos das aves venatorias.
- 10.ª — Que seja definitivamente eliminada a licença de caçador profissional cujas existências ocasionais verdadeira charrapão ao espírito de uma lei que se pretende justa e equitativa para todos os portadores.

CAÇADOR SE CONCORDAS, APOIA ESTE MANIFESTO, COLHENDO ASSINATURAS COM A INDICAÇÃO DO N.º DA TUA CARTA DE CAÇADOR, PORE SÓ ASSIM TERÁS UMA LEI JUSTA. OS CADERNOS ENCONTRAM-SE À VOSSA DISPOSIÇÃO (RECOLETA DE ASSINATURAS) NAS ESPINGARDARIAS E NA SEDE DO JUVENUDE SPORT CLUB ONDE REUNE A COMISSÃO PROMOTORA



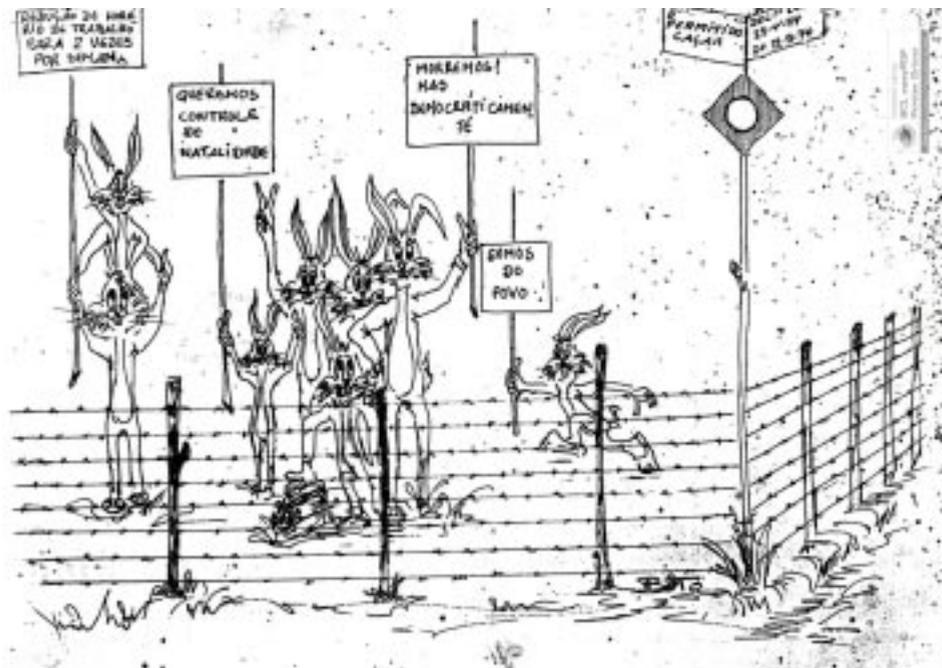
Comunicado a que se alude no texto.

traz qualquer coisa na boca dá cá boca dá cá é um coelho um coelhinho um meio caçapo ó meu rico Tio João agora a saltar-me a ideia para dar um tiro para o ar o Tio João nunca atirava às perdizes e um dia a entrar no monte pouco atrasado dos de Fontelas os sôfregos na caça e o seu Gabirú barbaças todo aos pêlos como dizia o Carlos João a aparecer ao pé dele com uma perdiz na boca ouviu-se um tiro dá cá Gabirú dá cá e os sôfregos de olhos arregalados nunca vi disto que rapidez a atirar eu nem vi levantar nada e o compadre Zé Mesquita de Fontêlo a ajudar ele é sempre assim rápido é sempre assim não dá tempo a ninguém e sem tiros no meio daquele Inverno todo a mim quem me ajudou foi a Primavera somos sempre assim eu e ela somos sempre assim.

Houve que acomodar logo os cães no atrelado para que não continuassem a chapinhar, quezilentos, naquele lodaçal. Depois foi passar uma flanela seca a enxugar as armas e com um sopro de óleo acondicioná-las devidamente na bagageira, ao lado dos pesados cinturões e coletes ainda cheios de cartuchos e da escassa dúzia de peças conseguidas: três patos bravos, quatro narcejas, uma galinha-de-água e três abibes. Após uma curta viagem, de barriga a dar horas mas confortavelmente entretidos a distribuir a lama das botas e dos dois terços inferiores das pernas das calças pelos estofos e pelos tapetes daquela espaçosa viatura, mais volta menos volta, acabámos por ir parar à porta do “Teodorico” em Arraiolos, onde entrámos para almoçar. A sala, deserta, era pequena e estava ocupada por várias mesas quadrangulares cobertas de toalhas de papel branco ornamentadas por copos, de borco, a esmo e um vaso central onde estiolavam viçosos ramalhetes de flores plásticas e rodeadas de cadeiras de assentos e encostos de madeira. Mas tudo isto a abanar em irritante equilíbrio instável que íamos constantemente tentando contrariar enquanto que com os pés debaixo da mesa já há mais de um quarto de hora, esboçávamos uma análise à jornada cinegético-balnear que acabáramos de protagonizar. A aparição de pão caseiro e queijo de meia cura grosseiramente fatiados, acompanhados de azeitonas oleadas e polvilhadas de alho picado e sal graúdo, mitigara de certo modo a nossa impaciência mas foi tudo tão lento que quando finalmente surgiu o jarro de vidro grosso ressoado de vinho tinto e alguém a colocar os copos de pé, em posição de poderem ser utilizados, já eu tinha com os olhos contado, passe o termo, todos os cantos à casa, isto é, à sala. E nunca mais desviaria a atenção daquele desenho feito numa folha de papel fixa à parede por pedaços de fita-cola suja, amarelada pelo sol, toda picada das moscas e na periferia, já em muitos pontos, a romper. A acabar de saborear o primeiro golo de vinho e a pensar onde havia de colocar mais aquele caroço de azeitona e já a deitar a escada.

– Aquele papel ali, ali na parede...

A resposta veio rápida.



Desenho no verso do comunicado.

- O que é que tem? O que é que tem o papel? Também já o viu?
E eu levantando-me da mesa aproximei-me da parede com os olhos postos nele a insistir.
- Um desenho muito bem feito... e assinado! O que é que diz? É Boto?... Beto?... Berto?... Não se percebe bem!
- Foi um que esteve cá há tempos que fez isso! Não o conheço... nunca mais cá o vi outra vez!
E saiu. Mas logo que voltou à sala eu continuei ao ataque.
- Mas... posso ver de perto? Posso tirá-lo?
Parecia que o tinham picado com um ferro em brasa.
- Nem pense! Aí ninguém mexe... nem pense... já muitos queriam ficar com ele.
- Eu estava a ver a coisa feia.
- Tenha calma, homem! Só queria vê-lo ao perto... já sei que são lebres... a protestar... dentro do aramado... Deixe lá ver... parece um comício de lebres!
Não gostou nada da piada. Olhou-me de soslaio e resmungou.

– Já lhe disse para nem lhe tocar. Sente-se que já veio a comida! Um, um dia, começou a tirá-lo e foi aqui uma guerra!

– Eu não lho quero roubar... Deus me livre! Eu só quero saber é quem o fez...

Que eu começara uns meses atrás a coleccionar tudo sobre caça era um facto. Agora como é que ele deu logo conta do meu grande interesse por aquela peça, isso é que a mim me transcendia. Mas, fosse porque fosse, o caso é que ele se defendia com unhas e dentes, passe o termo.

– É que eu, sabe?...

– Não há sabe nem sabão! Isso não sai daí! Se saísse, até a casa caía! Vá, comam que está tudo a ficar frio!

Querida eu lá saber da comida. Querida era o desenho. O autor era artista! Tudo bem desenhado: o aramado, as placas, a expressão revolucionária dos leporídeos, tudo. E depois, original!

– É que eu tenho uma colecção...

Pois o que é que eu havia de dizer?

– Quero lá saber da sua colecção! Eu nem o conheço a si... quanto mais à colecção... se eu o quisesse dar ou vender já ao tempo que tinha ido... e por bom dinheiro!

O caso estava a ir por mau caminho. Lera o nome do proprietário do restaurante num bloco de facturas abandonado sobre uma das mesas... Nem sabia se a treta dizia com aquela careta, mas mesmo assim arrisquei.

– Ó Tio João Valente, tenha calma! Vamos falar...

– Falar? Para quê?... Está falado! Eu quero isso aí! Daí não sai.

Pareceu-me notar-lhe uma pequena hesitação, um pequeno abrandamento no rigor da sua atitude... Seria por o ter chamado pelo nome?... Sentara-se antes uns momentos ao nosso lado, à mesa, e até bebera ao pé de nós meio copito de vinho. E quando saiu para levar os pratos e trazer o cesto da fruta, os cafés e a conta, eu não o deixei refazer-se.

– Ó Ti João, vá lá, pense bem... eu sou... eu dou-lhe...

– Eu não quero que me dê nada! Nem quero saber quem é! Quero é o papel aí quieto!

E a mim, que não me ocorria mais nada que o pudesse convencer... e já estávamos quase de saída, almoço comido e a conta paga.

– Olhe que você... você não me largará? Desista, homem! Vá-se embora! Olhe... boa viagem! Vá com Deus!

Até aí tinha-me olhado sempre nos olhos, sempre firme, mas nessa altura hesitou, baixou os dele e voltou-se. Mesmo assim, já de costas, ainda se protegeu.

– Desapareça! Raça de homem! Desapareça-me da frente!

E eu, então, lembrei-me.

– Ó Ti João, ouça-me. Deixe-me lá levar aquilo! Ouça, mas ouça bem!
Conseguira que ele de novo me olhasse nos olhos. Tinha-o suspenso.
– Ó Ti João ouça! Hoje é domingo! Deixe-me levar aquilo! O mais tardar
terça, no máximo quarta-feira, quer aqui quantos iguais?... Dez?... Vinte?...
Trinta?... Eu mando-lhos! Iguazinhos! Prometo!
– Promete? Como? Eu nem o conheço!... Tirante hoje, nunca o vi antes!...
Uma luz ao fundo do túnel. Tinha que me aguentar.
– Promete como? Eu nem o conheço... Como é que me hei-de acreditar em
si?

Já derrubara tantas perdizes difíceis com o segundo tiro quando as tinha
errado com o primeiro... não ia ser agora que...

– Como é que há-de acreditar em mim? É muito fácil! Eu levo aquilo! Se eu
mandar, acredita! Se não mandar, não acredita!

Libertou-se. Numa gargalhada atirou-se-me ao pescoço num abraço e fomos
os dois descolar com todo o cuidado, da parede, o desenho feito nas costas dum
comunicado/convocatória revolucionários dirigido aos Caçadores Desportivos do
pós-25 de Abril de 1974.

As vinte ou trinta fotocópias, e mais que fossem, seguiram logo na segunda-
-feira imediata por correio registado, para o restaurante Teodorico, Praça Lima e
Brito, Arraiolos.

Acreditou-se!

Actividades do Grémio Literário Vila-Realense *gremio.cm-vilareal.pt*

Inauguração

Embora iniciado alguns dias antes, o programa da inauguração do Grémio Literário Vila-Realense teve o seu ponto alto em 11 de Novembro de 2007, dia em que as suas instalações foram pela primeira vez franqueadas ao público, que ocorreu em grande número.

Nesse dia estiveram entre nós elementos da Família de Sousa Costa, que tinha feito uma doação de algum espólio do escritor e de sua Mulher, a também escritora Emília de Sousa Costa. Infelizmente, já não pôde estar a Senhora Dona Isabel Maria, neta de Sousa Costa e a grande promotora da doação, entretanto falecida. Um elemento da Família descerrou uma lápide alusiva à inauguração.

Entre outros pontos do programa, teve lugar uma sessão de evocação de Sousa Costa, pelos Drs. João Bigotte Chorão (ver neste número o texto respectivo) e Frederico Amaral Neves (que leu primorosamente um texto de Sousa Costa). Foi também mostrada uma pequena exposição alusiva às páginas sobre Vila Real no Guia de Portugal de Sant'Anna Dionísio e apresentada a mais recente edição das Novelas do Minho, de Camilo Castelo Branco, da Caixotim,



O director do Grémio Literário explica os objectivos da instituição. (Foto Grémio Literário.)

pelo Doutor Luís da Silva Pereira, da Universidade do Minho.

Ciclo “Os Contistas da Ruralidade Trasmontana e Alto-Duriense”

O Grémio Literário Vila-Realense prosseguiu o Ciclo “Os Contistas da Ruralidade Trasmontana e Alto-Duriense”, com sessões dedicadas a Miguel Torga (7 de Novembro), João de Araújo Correia (5 de Dezembro), José Aguilar (13 de Fevereiro), Camilo de Araújo Correia (13 de Março), Bento da Cruz (10 de Abril), António Modesto Navarro (8 de Maio) e Alberto Lopes (12 de Junho). Seguir-se-ão sessões dedicadas a António Passos Coelho (10 de Julho), Otilio de Figueiredo (11 de Setembro), Nuno Nozelos (9 de Outubro), Montalvão Machado (13 de Novembro) e A. M. Pires Cabral (11 de Dezembro).

Recordamos de que em cada sessão é distribuída uma ficha bio-bibliográfica colecionável sobre o autor em apreço, bem como um fac-símile de uma carta



Descerramento da placa comemorativa. (Foto Grémio Literário.)



A Mesa da Sessão. (Foto Grémio Literário.)



Bento da Cruz com A. M. Pires Cabral e António Cabral. (Foto Grémio Literário.)



Modesto Navarro entre o Escritor A. Passos Coelho e o Presidente da Câmara, Dr. Manuel Martins.
(Foto Grémio Literário.)

dirigida ao mesmo (componente que tem o título de “Escrevendo ao Escritor”).

Recordamos também que as fichas referidas podem ser consultadas na página do Grémio Literário na Internet: gremio.cm-vilareal.pt. Contudo, dispomos ainda de exemplares em suporte papel, que gostosamente ofereceremos aos interessados na sua colecção.

Dia das Letras Trasmontanas

Aproveitando uma ideia posta em prática na Galiza com bastante sucesso, o Grémio Literário levou a cabo a primeira edição do Dia das Letras Trasmontanas e Alto-Durienses, acção que terá sequência nos anos futuros. A data escolhida foi o dia 16 de Março, por ser o nascimento de Camilo Castelo Branco.

Nas comemorações deste Dia das Letras Trasmontanas e Alto-Durienses, jornada em que participaram três dezenas de pessoas, foi privilegiada a figura de Camilo. Realizou-se um percurso camiliano em Vilarinho da Samardã e Vila Real, seguido de um almoço gastronómico, por sua vez seguido de um leilão de peças relacionadas com o romancista.



Junto à casa de Vilarinho da Samardã. Ao centro, o Dr. João Bigotte Chorão. (Foto Grémio Literário.)



No Fojo do Lobo. (Foto Levy Cruz.)

Seguiu-se a inauguração de uma exposição de retratos e caricaturas de Camilo Castelo Branco, da autoria de alunos da Escola Secundária que tem o seu nome, no âmbito de um concurso de que foi vencedora Filipa Alexandra Silva Resende.

Durante o jantar oferecido aos participantes, Joaquim de Barros Ferreira apresentou o seu último livro de poesia, Terra adagio cantabile, número 12 da Colecção Tellus.

Finalmente, à noite, no auditório da Biblioteca Municipal Dr. Júlio Teixeira, o Dr. João Bigotte Chorão proferiu uma palestra memorável sobre a actividade de prefaciador de Camilo Castelo Branco.



A Mesa da Sessão. (Foto Levy Cruz.)

Encontro de Escritores e Dia Mundial da Poesia

No dia 21 de Março de 2007, coincidindo com o Dia Mundial da Poesia, o Grémio Literário promoveu um Encontro de Escritores Trasmontanos e Alto-Durienses. Também esta actividade é para repetir em anos futuros, já que a satisfação pelo modo como decorreu o dia foi geral. A finalidade número um do Encontro foi promover o conhecimento mútuo e a aproximação entre os escritores da nossa terra. Estiveram presentes cerca de trinta escritores.

Da parte de manhã, foi proporcionada aos escritores a oportunidade de contactar com o mundo editorial, na pessoa do Dr. António Baptista Lopes, da Âncora Editora. Foi organizada também uma pequena exposição intitulada “João Botelho, capista”, que revela um aspecto menos conhecido da actividade de um grande artista plástico e cineasta ligado a Vila Real.

Da parte de tarde, teve



Bento da Cruz e Joaquim Ribeiro Aires.
(Foto Grémio Literário.)



António Pinelo Tiza e António Cravo.
(Foto Grémio Literário.)

lugar uma visita guiada a São Martinho de Anta, terra natal de Miguel Torga, que esteve a cargo do Círculo Cultural Miguel Torga.

A jornada terminou com um jantar na Estalagem da Quinta do Paço, durante o qual o actor António Fonseca recitou poemas de Torga, para comemoração simultânea do centenário do poeta e do Dia Mundial da Poesia.



Junto à campa de Miguel Torga, em São Martinho de Anta. (Foto Grémio Literário.)

Centenário de Torga

Uma das participações do Grémio Literário nas comemorações do centenário de Miguel Torga consistiu na encenação de um almoço evocativo daquela refeição que o jovem Adolfo Rocha, então com 13 anos, comeu com seu pai no dia em que este o veio trazer a Vila Real, para embarcar na estação do comboio com o Brasil por destino. A refeição foi, como o escritor recorda no “Primeiro dia” de A criação do mundo, uma malga de tripas. E foi isso mesmo que os convivas do almoço, em número de sessenta, comeram também no dia 21 de Abril, no Restaurante Balsa. A refeição terminou com um leilão de peças torquianas, animado por Elísio Amaral Neves.

Em seguida, os participantes acompanharam o jovem futuro escritor – muito compenetrado no seu fatinho azul e transportando uma enorme mala de cartão – e o Sr. Gomes, brasileiro que o acompanhou, numa viagem para a Régua em composição histórica.

O sketch da partida foi interpretado por elementos do grupo de teatro Trouxa Mouxa.



No restaurante. (Foto Levy Cruz.)



No cais da estação. (Foto Levy Cruz.)



O Sr. Gomes tranquilizando pai e filho.
(Foto Levy Cruz.)



O momento do embarque.
(Foto Duarte Carvalho.)

Publicações

O Grémio Literário herdou dos Serviços de Cultura da Câmara Municipal a responsabilidade pela linha editorial do Município.

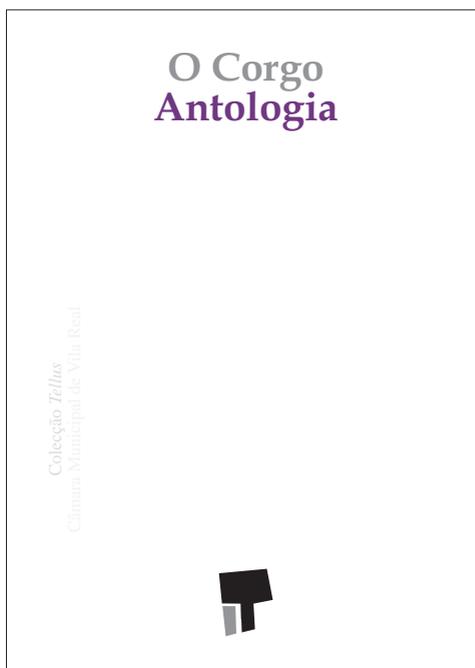
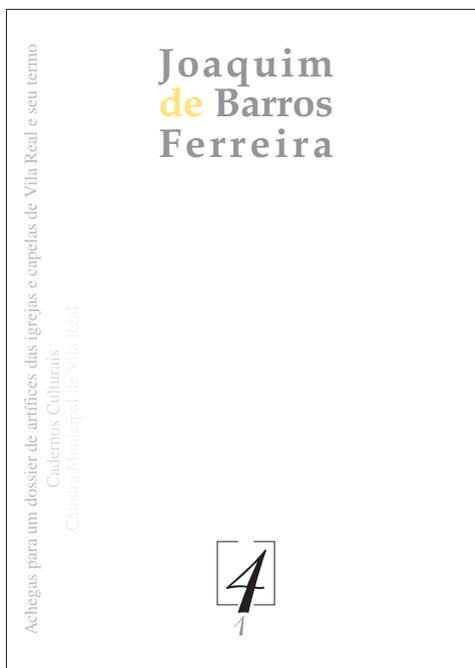
Contudo, para marcar de alguma forma a diferença, Elísio Amaral Neves concebeu um novo design – mais moderno e arejado – para as capas, quer dos Cadernos Culturais, quer da Coleção Tellus, quer da própria Revista Tellus.

Já com a chancela do Grémio Literário saíram as seguintes publicações:

- *Achegas para um dossier dos artífices das igrejas e capelas de Vila Real e seu termo. É o número 1 da 4ª Série dos Cadernos Culturais. Trata-se de um estudo sobre arte sacra, da autoria de Joaquim de Barros Ferreira.*

- *O Corgo – Antologia. É o número 14 da Coleção Tellus. Trata-se de uma colectânea de textos sobre o Rio Corgo, da autoria de Augusto César, Camilo Castelo Branco, Sousa Costa, Manuel Monteiro, Afonso Duarte, Manuel Cardona, Joaquim Grande, João de Araújo Correia, Otilio de Figueiredo, A. Teixeira Ferreira, Chico Costa, A. M. Pires Cabral, Joaquim Ribeiro Aires, António Cabral, Manuel Vaz de Carvalho, Joaquim de Barros Ferreira e António Manuel Caldeira Azevedo.*

- *O presente número (46) da Revista Tellus.*



No corrente ano, está ainda prevista a saída do número 2 da 4ª Série das Cadernos Culturais (Prefácio de Ricardo Jorge à obra “Terra e azul”, de Manuel Duarte de Almeida, a sair em Setembro), do nº 15 da Coleção Tellus (Vista de trás do Cemitério – Antologia de Textos, a sair em Novembro) e o nº 47 da Revista Tellus (a sair em Outubro, dedicado ao Encontro ‘Saber Trás-os-Montes’ do ano transacto).

Passeio pela Vila Velha

No âmbito da investigação sobre toponímia local, que culminará com um trabalho exaustivo sobre a mesma, realizou-se na manhã do dia 26 de Maio um Passeio pela Vila Velha.

Durante o passeio foi dada aos participantes nele uma perspectiva sobre o passado arqueológico daquele local, bem como das alterações urbanísticas e toponímicas que sofreu ao longo do tempo.

O Passeio foi guiado por Elísio Amaral Neves e pelo Arqueólogo Ricardo Teixeira.

Sumário

- *Caramulo*, crónica romanceada de A. Passos Coelho
— Uma crónica do desejo
António Cabral 1
- Bibliografia do Distrito de Bragança
Um autor ignorado (3)
[Correspondentes de outros (4) periódicos]
Hirondino da Paixão Fernandes. 7
- Revisitar um velho escritor esquecido
João Bigotte Chorão 51
- Ruralidade e Imaginário de Vila Real de Trás-os-Montes:
uma exposição para memória futura
Maria da Graça P. Araújo. 57
- A. M. Pires Cabral: um clássico no Nordeste
Vasco Graça Moura. 68
- Caçando assim... e assado
Ângelo Sequeira 79
- *Actividades do Grémio Literário Vila-Realense*. 88
gremio.cm-vilareal.pt

Tellus, n.º 46

Revista de cultura trasmontana e duriense

Director: A. M. Pires Cabral

Edição: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real

Tiragem: 500 exemplares

Junho de 2007

ISSN: 0872 - 4830

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tip., Lda. - Vila Real

Os artigos assinados são da responsabilidade dos respectivos autores.

Embora dispensando-lhe a melhor atenção, TELLUS não se obriga a publicar quaisquer originais.

Autoriza-se a transcrição, no todo ou em parte, do material contido neste número, desde que citada a origem.

TELLUS encara favoravelmente quaisquer modalidades de permuta e/ou colaboração com outras publicações nacionais ou estrangeiras.

TELLUS faculta aos seus colaboradores a tiragem de separatas dos seus artigos, correndo as despesas por conta daqueles.